

O Baú da JARARACA ALEGRE



SEMPRE
BOAS



COLEÇÃO
JARARACA
LIVRO 1

Sexo, Drogas & Rock'n Roll - Não necessariamente nesta ordem

Camillo

O Baú da
ARARAC
ALEGRE



Camilo



JANARCA
BOONS



“Inventador de moda, Camilim transforma tudo em criação e humor.
E recria o mundo com graça e ironia. Seu texto é ágil e
sua visão do mundo, aguda. Ele é um sábio, pois sabe que só
se pode rir do mundo se a gente for capaz de rir da gente mesmo.
Ele ri. Leiam suas historinhas. Só a história do “Piruka”
vale o livro inteiro. Dá vontade de fazer um
filme do Fellini com seus casos.”

(Trecho do texto de apresentação de “O Vermelhinho e o Verdinho”, de Camilo, 1997,
do qual a história da Piruka e outras foram extraídas e republicadas neste livro,
por acharmos que elas casam direitinho com o tema, a época e tudo o mais.
Estas cinco ou seis histórias são “bônus traks”)

(*) - Bônus peido???

Zimardo

O Baú da ARARAC ALEGRE

Memórias, reminiscências e vagas lembranças
de um velho ornitópole predador bípede
que, para dizer a verdade, não se lembra muito
bem das coisas

Camilo



O Baú da Jararaca Alegre

Camilo Antônio Lucas Silva

Projeto Gráfico, Diagramação e Arte: do autor

As fotos são todas antigas e amareladas, mas foram publicadas assim mesmo, para conservar a originalidade.

Colaborações:

Foto da primeira “orelha”: Renato Ferraz, colorizada por Camilo

Caricatura do autor: Paulo Motta (Idem)

Recortes do Jornal do Norte: Cortesia sr. Américo Martins Filho, e empenho de Guilherme, Dayse e Nina

Foto do “Baú” (capa): Wilson Martins, colorizada por Camilo
(Baú cedido por Fred Ribeiro)

Fotos entre capítulos: Elizeu Mól, e Arquivo do autor

Impressão:

Capa: Terra Gráfica e Editora (BH)

Miolo: Qualygraf (Caratinga - MG)

Inspiração:

Este livro foi gerado antropofagicamente após a leitura de

“Confesso que vivi” - Pablo Neruda

“O sol também se levanta” - Ernest Hemingway

“Os sonhos não envelhecem” - Márcio Borges

- Eu rrrrecomeindo!

Este livro não sofreu nenhum tipo de revisão.

“O Baú da Jararaca Alegre”- Camilo Antonio Lucas Silva
Caratinga, MG, junho de 2005 - Todos os direitos reservados



PAPO SÉRIO

A Coleção Relicário foi concebida para ser uma trilogia.
Sendo assim, vêm mais dois por aí (não brinca!!).

O segundo volume conta a parte ruim, e o
terceiro, a volta pra casa...

Leia antes de ler o livro

1. A QUEM ME CONHECE:

A Coleção Relicário foi criada para comemorar os 30 anos de criação da **Jararaca Alegre** como jornal estudantil.

O primeiro lançamento é este livro, e o título "O Baú da Jararaca Alegre" alude a tudo o que aconteceu em torno do jornalzinho: as festas, os movimentos culturais e estudantis, os "micos", o início de minhas atividades como profissional, enfim, lembranças de fatos marcantes que só aconteceram comigo porque eu comecei a fazer um jornalzinho mimeografado chamado Jararaca Alegre.

Isto envolve toda uma geração, que era estudante no final dos anos 70 e começo dos 80, e que gostava muito de curtir a vida, ainda naquele clima de "paz e amor" legado pelos hippies, sem a competitividade agressiva que testemunhamos nos dias de hoje.

Leia este livro sem preconceito, pois quando eu cito eventos que envolvem sexo e drogas, não estou fazendo apologia, apenas registrando. E - pode ter certeza - fiz questão de deixar muita coisa guardada lá no fundo do baú do relicário, tentando não melindrar ninguém. O que sobrou é o que está aí, memórias de uma adolescência e juventude que foi tudo, menos monótona...

Dedico este livro a todos os meus amigos que viveram aqueles dias, e que continuam a nos alegrar com suas presenças. Não vou citar nomes, pois a turma é grande, graças a Deus. E a duas pessoas que marcaram a época que abrange este livro: o violeiro que fazia a nossa trilha sonora, Ronaldinho Calazans, e um redator da Jararaca Alegre, dos tempos do mimeógrafo, que deixou saudades: Júlio Pomba.



Leia antes de ler o livro

2. A QUEM NÃO ME CONHECE:



* Eu poderia ter feito a minha auto-caricatura, mas a minha auto-caricatura feita pelo Paulo Motta ficou tão boa que me desanimou. Agora, pra descontar, vou ter que fazer a auto-caricatura dele.



O Baú de
Camilo



Camilo

DO AUTOR

“Almanaque do Camilo”
Montes Claros, MG, 1983

“Uai?!...Alguma coisa
está errada”
Governador Valadares/
Caratinga MG, 1985

“Anabolizantes”
Caratinga, MG, 1993

“O Vermelhinho...
e o Verdinho”
Caratinga, MG, 1997

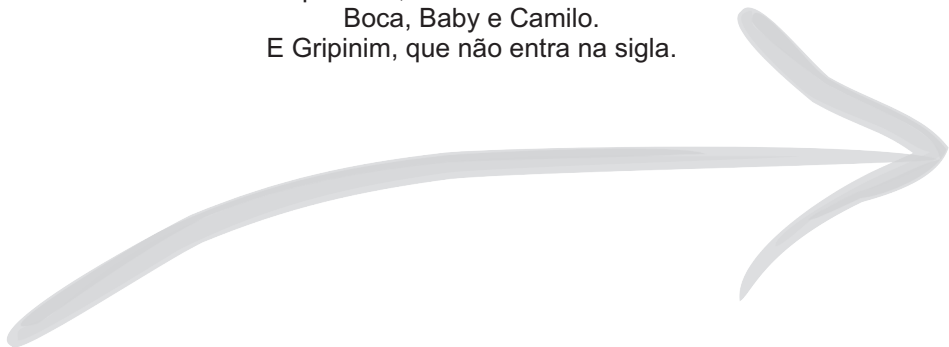
Camilo Antônio Lucas

Silva, Caratinguense, 42 anos, casado com Felícia e pai de Felipe e Juliana. Cartunista, designer gráfico, editor de revistas e livros, produtor de eventos, artista plástico. Atuou como chargista no **Jornal do Norte** (Montes Claros), **Diário do Rio Doce** (Gov. Valadares) e **Diário do Aço - Caratinga**; como chargista e editor em **A Semana** (co-fundador, junto a Edra e Tião de Lima) e **O Jornal de Caratinga**. Editou as revistas **Panorama Regional** e **Revista Caratinga (edição 2003)**, além de ilustrar livros de vários autores. Como publicitário, atuou nas agências **Equipe/DRD** (Gov. Valadares), **Artevenda** (BH) e **Transarte e Voga** (Caratinga). Como promotor de eventos, junto à **Transarte Produções**, produziu shows de artistas como Hanói Hanói, Ira!, Biquini Cavado, 14 Bis, Paulinho Pedra Azul, Tadeu Franco, Belchior, Skank, Eclipse e Dança dos Ventos, além de eventos culturais como “Juntos”, “Trem das Cores” e “Faficanto”, bailes como “Anos Dourados” e “Banquete dos Mendigos” e festivais como “Fempoc” e “Faficanto”. Como artista plástico, recentemente expôs uma coleção de arte-sacra no Museu São João Batista (Igrejinha de São João), em Caratinga, e no Bahia Shopping (BH). Faz parte da equipe coordenadora do **Salão de Humor de Caratinga**. É criador da revista Jarraca Alegre, e fã e discípulo de Ziraldo.





Uma das melhores fases da Jararaca Alegre foi a época da BBC - Baby, Boca e Camilo, ou Boca, Baby e Camilo (a briga nunca foi resolvida, por isto, não foi possível fazer o contrato social...). Foi também a época da Jararaca Som. Uma das únicas fotos remanescentes das festas do Jararaca Som com a equipe completa é esta coisa horrorosa aí em cima, quando estamos reunidos Boca, eu, Baby e Gripinim, o nosso Diretor de Faxina, que estava prestes a levar um Bunf. Pedi ao Boca e ao Baby que fizessem prefácios para este livro, na esperança de resolver definitivamente quem seria o primeiro "B" da BBC. Como o Boca entregou o dele primeiro, fica definido então: BBC é Boca, Baby e Camilo. E Gripinim, que não entra na sigla.



Prefácio B

Pra começar, me sinto honrado em ser o primeiro B da BBC, e não ganhar aqueles indefensáveis Bunfs.

Quem viveu em Caratinga nos anos 70, 80 e 90, provavelmente leu, no mínimo, uma edição do Jararaca Alegre, e é testemunha do nosso empenho em trazer naquelas bem traçadas páginas assuntos que eram polêmicos envolvendo política, pornografia, fofocas, artes etc. Não medimos esforços para fazer naquelas páginas o melhor que pudemos, mesmo porque não usávamos fita métrica. Era na base do escreveu e fôda-se.

Logo após o lançamento de cada edição, ficávamos escondidos por dias. O motivo? Bem, é que alguns credores, anunciantes, vítimas... bom, mas isso não vem ao caso. O legal mesmo é que fazíamos humor e agitávamos a sociedade cultural daqueles tempos em que registrar fatos com criatividade, sem recursos, era uma luta com vitória.

Hoje me lembro com saudades dos tempos em que eu, Mestre Camilo and gang investíamos na música, no jornalismo e na arte, e sonhávamos com um país melhor, educado culturalmente.

Como sonhos às vezes são irrealizáveis, não vou convidá-los para uma festa no meu apê, por achar que ficaria muito comum, uma vez que nossa cultura, principalmente na terra do Ziraldo, Maxs Portes e outros, anda na base do bunda-lêlê. No mais, não estou indo embora, viva a época da cobra e dos cobras que ilustravam nosso panorama cultural.

Viva para sempre a Jararaca Alegre!

Flávio Emanuel Caixeiro Rodrigues
(Boca)

Prefácio B do B

Carta ao Camilo, meu velho amigo Camilim.

Sturdia, o Camilo Camilim Antônio Lucas Silva Lélis, mais conhecido como Foca Foquenta Urutau de Peruca Toukerball, primo em 24º grau dos Condes de Condé e de Comodé, estes últimos, decadentes oficiais do Condado de Carawhiteshire, vulgo Caratingópolis, bom, enfim, o sujeito lá primeiro citado me telefonou.

O tal sturdia era uma preguiçosa tarde de sábado (feriadão de Tiradentes), e o Camilo me vaselinou (by phone, entenda-se bem) convidando prum churrasco na casa do Flavinho Boca, o segundo B da BBC, empresa esta por mim, Baby, idealizada em priscas eras, ou seja, quando da junção das cabeças pensantes (e desocupadas) da época; pelo menos assim acreditava eu...

Que decepção!

E, logo após a vaselinada, veio a bomba, qual seja, prefaciara o “novo” livro de 30 anos da J A. E o que é pior, para mim, sujeito de poucas escritas, era a data marcada para entregar o tal prefácio: segunda-feira ao meio dia.

Camilo, my friend, quero dizer-lhe que, com tudo e por tudo, com Dé e Condé (grandes colegas de urgências de oficialato), não me foi possível prefaciara a J A balzaquiana.

Até porque, contar a nossa história em prefácio (como você pediu), seria resumir por demais uma vida um tanto criativa, que curtimos ao longo de vários anos. Esta história, Chemile, deixo à sua memória, muito melhor que a minha, e que vai retratada nesse livro que é seu, ao qual dou todo meu crédito, sem mesmo te-lo lido (olha lá, bicho!)

Só pra relembrar um episódio, naqueles lapsos de memória que tenho quando me reporto aos tempos sacanas da J A, lembrei-me (com carinho) da Ana do Sô Tóta e da Karen Alvim (filha do meu amigo Amir Theodoro). Bom, as duas eram umas das maiores gatas da época áurea da JA, e, para infelicidade das mesmas, eram esnobes; sendo assim, vítimas preferenciais dos editores da BBC. Enfim, após muito importunar-lhes a vida e elas a nós, num revide, certa vez vi-me num belo “affair” com a Karen, bela Karen (se um dia ler esta prosa, saiba que tenho o maior carinho por você).

Assim era a Jararaca Alegre, criando, em primeiro lugar; sacaneando, pensando, questionando e sacaneando de novo. Para usar um velho chavão: amada e odiada; mas, no final, sempre amada.

E tudo graças ao talento nato do Camilo, meu velho amigo Camilim.

Marcelo Pessoa Coutinho (Baby),
com carinho.



O Best do
Camilo

Índice

- 5 - Leia antes de ler o livro
- 8 - Prefácio, por Boca e Baby
- 11 - Bem vindo à turma
- 14 - Piruka!
- 15 - Será que o pessoal já viajou?
- 23 - Tiapo Tia Tiapo
- 31 - Cês tão perdendo
- 32 - Jararaca Alegre
- 42 - Jararaca Som Discotheque
- 49 - Deus castiga!
- 51 - Centro dos Estudantes
- 60 - Movimento Cultural Caratinga 81
- 69 - Numa sexta-feira à noite...
- 75 - Uma noite de cão
- 77 - Perdendo a eleição por um voto
- 85 - Clube da Esquina
- 93 - Turma do AA
- 100 - Convenção anual da Turma do AA
- 103 - A vida é um festival!
- 115 - Como fundar um jornal
- 120 - Dadá e Guta
- 128 - Rock IN Rio
- 137 - Posfácio, por Sylvio Abreu
- 139 - Agradecimentos, por mim mesmo



Bem vindo à Turma...



10 motivos para não ler este livro

Este livro é cheio de gírias.

As fotos são mal-tiradas, pouco nítidas.

A revisão é péssima.

Os personagens são mal descritos,
parece que são personagens reais, mas
isto não fica bem explicado.

Tem muito palavrão, fala muito de festas
regadas a álcool e drogas.

Parece coisa de desocupado.

Parece que o autor quis escrever suas
memórias, mas quem quer saber da vida
dele?

Além do mais, se as histórias são mesmo
reais, tem gente boa por aí que vai ficar
comprometida.

Com certeza, tem coisa melhor nas
livrarias.

Peraí...faltou um!! Acrescente o último
motivo:

.....



“Quando sonho alto
Quando sonho alto demais
Sempre caio do cavalo na esquina...
Estou eu errado
Ou o mundo anda errado demais?
Um dia me disseram que a gente é que corre pelo mundo
O mundo nunca espera por nós, nem almeja lucros
O mundo é um simples mundo
Puxa a gente
Como as ondas do mar
Nos deixa caminhos
A percorrer
Pra lá e pra cá,
Bem devagar
Mas não vá vacilar:

Viver é bom demais
Melhor ainda é viver em paz”

“Conselhos de meu avô”,

Flávio Boca

(Mas tem uma versão
com o Cabeto)

“Ah, meu coração
que não entende o compasso
do meu pensamento
O pensamento se protege
E o coração se entrega inteiro
sem razão...”

“Conflito”,
Raimundo Fagner

gospel

Como você vai observar no decorrer destas páginas, este livro já vem com trilha sonora...



O Best do
Camelo

Piruca!

Toda turminha de adolescentes recém-entrados na puberdade passa por aquelas disputinhas sexuais locais idiotas. Minha turminha não era diferente. Por causa disso, ganhei um apelido que me acompanhou um temp 'PIRUKA'. Horrível? Pois a história dele é ainda mais feia.

Todo dia, depois da aula (estudávamos à tarde, no Estadual) a gente ia para um campinho que tinha, um pouco acima do América F.C., para jogar umas peladas. E na pausa para mijar era aquela esnobação. O Marcelo tinha uns dois pentelhos. O Carlim Rezende também. Márcio Cabeção, uns quatro. Nandão Aranha uns três. Junim, meu primo que era mais velho, devia ter uns cinco ou seis. E eu não tinha nenhum.

Era a maior gozação. “Quer uma mudinha?”, “O fundo de garrafa!”, e coisas parecidas.

Todo mundo tinha pentelhos, só que eu era careca. Meu amigo de baixo até ganhou apelido de Magalhães (Pinto).

Até que, um dia, coloquei em prática um plano malígrino.

Depois da aula, na pelada, não via a hora da mijadinha. Quando ela chegou, fui o primeiro a abrir a braguilha. A coisa até realçou: chumaços e mais chumaços. Parecia até o Roberto Carlos na época da jovem guarda. O Marcio deu o alarme:

- O camilo tá de peruca!

Eu tinha cortado um pouco do cabelo, e colado com cola tenaz.

Não teve mais jogo, não teve mais nada, só gozação. Arranquei a peruca logo, afinal ela estava incomodando demais, mesmo. E o Colégio Estadual inteiro passou a me chamar de “Piruka”. Minha sorte é que eles não contavam pra ninguém a verdadeira história, só pra alguns mais chegados. Senão eu ia ter de ir pro Colégio Caratinga.





“Sonho louco,
verão ~ inverno
Jogo sujo,
céu ~ inferno

Perdendo a razão, sem saber praonde ir
Buscando em casa, na rua
Alguém que sorri...

Pelo tudo, pelo nada
Alguém
Ninguém”

Mudez - Tony Pessoa

Musicado posteriormente por Tony, Camilo e Flávio Boca

Relicário Li



O Best do
Camilo

Página 15

- Será que o pessoal do Negrón já viajou ?...

Era o Marcelo quem perguntava. A turma estava reunida, aguardando a hora de invadir a “Mansion The Negrón”. O pai dele estava de partida pra praia com o resto da família, para as festas de fim de ano, e ia deixar a casa por conta do Negrón, que tomaria conta dela “com sua própria vida.”

Para esta temporada de verão, já estava tudo preparado. A agenda estava cheia até as aulas recomeçarem. Ainda bem, pois se as aulas comesçassem antes da agenda ser cumprida, o calendário escolar teria de esperar.

Nos dirigimos pra casa do Negrón e vimos a Variant II do pai dele zarpar em direção à praia de Minas Gerais: Guarapari. No instante seguinte, já estávamos na varanda.

- Vocês são rápidos, mesmo, heim galera! - disse o Negrón, surpreso. Ele esperava a gente, mas não esperava o exército The Flash.
- Como foi que você conseguiu que seus pais te deixassem ficar?
- Falei que eu tinha de estudar pra recuperação.
- Mas você não ficou de recuperação!
- Pois é.

Entramos, e fomos colocando a “feira” em cima da mesa. Cerveja em lata, vinho, vodka. Alguns tira-gostos. O último disco dos Rolling Stones, “Some Girls”, e o “London Town” do Paul McCartney, que eu levei.

O Luciano levou algumas raridades (ele sempre arrumava as raridades, ninguém sabia como conseguia. Era um dos “mistérios D'Batal”): o Quadrophenia, do The Who; o “Cheap Thrills” da Janis & Big Brother e um álbum-duplo de MPB gravado ao vivo num show de protesto anos antes, intitulado “Banquete dos Mendigos”, que tinha ficado proibido por vários anos. Trazia Jards Macalé, Dominginhos, Raul Seixas, Fagner, Maria Bethania e outros em apresentações intercaladas pela leitura da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Parece que é por isso que ele tinha sido proibido. Como era tacanha a nossa ditadura!



Estamos na virada da década de 80. Em dezembro de 1978, pra ser exato. Tomamos umas geladas, ligamos pras meninas e fomos pra casa. Lá pelas 8 da noite já estávamos de volta, eu, o Marcelo, o Luciano, o Negrón e o Luizão, sentados na mesa redonda da copa, a nossa “távola redonda”, bebericando um Ballantine's 12 anos surrupiado da adega, de banhozinho tomado, ouvindo um disco do Kansas, conversando, quando senti duas mãos macias massageando meus ombros. Dei uma arrepiada e virei pra trás: era a Rosane, que tinha acabado de chegar. Junto com ela, mais três “garotas da estação”. Não que elas fossem as frutas da vez. É que elas moravam perto da antiga estação ferroviária, mesmo.

Eu e o Marcelo, acabamos sobrando. É que, apesar daquele começo promissor, a Rosane era a fim do Negrón, que acabou optando pela colega dela. O Luciano sumiu pra casa adentro com a Márcia, o Luisão desapareceu com a Andréa, eu e o Marcelo ficamos batendo papo - batendo papo! - com a Rosane, ou pelo menos, tentando. Ela começou a chorar, desabafar. Saímos de fininho e a deixamos com sua dor. Devia ter alguma coisa menos melodramática pra se fazer num sábado à noite de dezembro naquela cidade, do que ficar vendo uma menina chorar. Atravessamos a rua e fomos pro I20, onde o Jorge Jeans estava comandando a noite.

Quando a gente subiu as escadas, o som tava comendo solto. Mesmo naquela época travolteana e bee-geeseana, discoteca de maluco rolava era Led Zeppelin. Perdi o Marcelo lá dentro e fui ver se azarava alguém. Foi quando o Jorge Jeans me viu e veio conversar comigo. Ele e um outro casal, amigo nosso, iriam organizar um reveillon no I20.

- Vocês ainda têm aquela equipe de som?

Nossa “equipe de som” compreendia o pick-up do Luciano emendado com o do Baby e o do Délio, mais um monte de caixas de som ligados em apenas duas saídas, com uma iluminação que eu e o Luciano, mesmo, montamos, mais o som do The León como reserva. Uma verdadeira gambiarra, que a gente alugava pra festinhas de aniversário, mas sempre queimava alguma coisa na hora da festa. Chamava-se “Jararaca Som Discoteque” (JSD) em homenagem ao nosso jornalzinho “Jararaca Alegre”, o porta-voz oficial da galera.

- O somzim tá lá, por quê ?

- Queremos que vocês façam a sonorização do nosso reveillon.



“Que o Jorge fuma um, eu sei, mas ele hoje deve ter tomado é chá de cogumelo”, pensei. Quem sonorizava a boate, pra ele, era a equipe Temporal, do Rodrigo e do Orêia. Nem se a gente reforçasse o nosso som, seríamos capazes de assumir aquela resposta.

- Vamos alí no escritório, conversar.

O Jorge colocou um doze anos na mesa (coisa que eu não via há muito temp;; desde que saíra da casa do The León, minutos atrás) e veio com aquela conversa de caixeiro-viajante ao contrário, querendo me convencer de que a nossa aparelhagem iria satisfazer às suas expectativas.

Depois de umas quatro doses, já tínhamos combinado o preço e eu estava plenamente convencido de que era dono de uma aparelhagem na qual o Pink Floyd teria orgulho de tocar. Ficamos de olhar os detalhes na segunda-feira, e eu fui pra pista. O l20, nessa época, era a versão caratinguense para a Studio 54, de Nova York, onde pontificavam Bianca Jagger e outras locomotivas dos '70's. Um barzinho descoladíssimo, porém visado ao extremo. Só de entrar lá, já era fichado como maconheiro safado semvergonha. Mas a rapaziada não tava nem aí. Pela primeira vez, a JSD ia fazer uma sonorização da pesada. Precisávamos de reforços.

No outro dia, depois de sarar, procurei o Luciano, em casa, e falei sobre o contrato que tinha fechado pra JSD. O cara tinha acabado de acordar, os olhos inchados, com uma remelazinha despontando no olho esquerdo, e achou que eu estava ficando doido. Mas quando eu falei o valor do contrato e as mordomias que nós íamos ter na vidada dos '70 pros '80, seu senso de humanidade falou mais alto e ele chegou à conclusão de que nós seríamos uns canalhas, se deixássemos o Jorge Jeans na mão. Fomos procurar o resto da turma pra decidir o que fazer pra reforçar o nosso equipamento. Foi quando demos de cara, na pracinha do relógio, com o Rodrigo e o Orêia, do Som Temporal.

Eles queriam dar porrada na gente, porquê nós demos aquele preço baixo pro Jorge “só pra furar os olhos deles”, além do mais nós sabíamos que não tínhamos som pra concorrer com o deles, muito menos pra fazer uma festa daquela envergadura, blá blá blá. Prá nós, o valor contratado tava



mais que ótimo, era bem mais do que a gente cobrava, mas eles tinham cobrado 20 vezes mais e estavam vendo a grana bater asinhas.

Três dias depois, já tínhamos conseguido os reforços pro JSD, montando uma mega-gambiarra que ia incendiar - literalmente! - o l20, quando, para alívio do corpo de bombeiros, que ainda nem existia em Caratinga, o Jorge Jeans chega lá em casa dizendo que queria cancelar o contrato, mas nós podíamos ficar tranquilos, pois nós íamos receber nossa grana do mesmo jeito, e as mordomias na hora da festa, continuavam em pé. Mesmo do alto dos meus 16 anos, deu pra perceber a armação do Jorge. O Rodrigo foi obrigado a fazer o som pela metade do preço. O que foi ótimo, pois as consequências, se o JSD fosse até o fim do reveillon, eram um pouco menos que imprevisíveis. Nem preciso dizer que a galera do JSD foi ao delírio. Dei a notícia pra eles na casa do Negrón, quando a gente estava esvaziando mais alguns Ballantine's e Old Parr da coleção do pai dele.

As meninas estavam dançando, na sala, a dancinha da moda, na época da discoteca: “robozinho”. Ao som de “Get Off”, do Foxy, e “Le Freak”, do Chic. Talvez você não tenha ouvido falar dessas bandas, mas tudo bem, elas se foram, junto com a era “disco”. (Mas o guitarrista e líder do Chic, Nile Rodgers, é hoje o produtor de 10 entre 10 sucessos black da MTV, entre eles o Outcast). Uma figura exótica, que era amigo delas, estava dançando junto, bem ensaiadinho: ele hoje é conhecido como J. B. Coelho...

Lá fora, continuava caindo o maior toró. No terraço tinha uma piscininha daquelas “Regan”, enchendo com água de chuva. Eu e o Luizão estávamos intrujando a rapaziada pra entrar nela. Como ninguém quis, pegamos umas latas de cerveja e subimos nós dois, fazendo a maior festa na piscininha, debaixo da chuva, igual a dois babacas tontos.

Enquanto isso, lá em baixo, o Luciano descobriu um garrafão de vinho Catafesta e um queijo de Minas. Com a pose de um “sommelier” francês, chegou com aquele trambolho na sala e falou pra moçada que ia

lhes apresentar uma noite de queijos e vinhos. Ninguém topou, até um gambá sabe que não existe fiança para o crime de misturar whisky 12 anos com vinho doce tipo ki-suco de grosél. Revoltado com a rejeição, o Lú D'Batal tomou um litro de vinho e comeu meio queijo de Minas, sozinho. Quando eu e o Luizão descemos, demos de cara com o Luciano gemendo,

em plena congestão, pedindo socorro. Luizão se transformou no Dr. Jeckil e prescreveu:

- Toma um copo duplo de leite.

Sara na hora.

Luciano achou um leite na geladeira, que devia estar lá desde que a família do Negrón viajou, pois ninguém se lembrava nem que existia vaca. Tomou um copão, e antes de sorver o último gole, botou tudo pra fora imediatamente. Mais ou menos dois litros de iogurte de uva. Aquele Luizão não prestava mesmo. Luciano caiu pra trás e dormiu na hora. A turma ficou olhando embasbacada e as meninas foram embora, com nojo. Nunca mais ele conseguiu beijar a boca da Marcinha.

Enquanto isso, o Marcelo e o Flavinho, que tinham ido buscar alguma coisa pra gente comer, chegaram com um frango assado, daqueles de televisão de cachorro. Só que eles esqueceram de avisar que o frango era de pano. Ou, pelo menos, parecia. Parecia um esqueleto, um fóssil, sei lá, de um frango; pelo que eles demoraram pra voltar, devem ter ido buscá-lo lá em Neanderthal, no mínimo. Parecia um esqueleto coberto com um pano, parecido com tergal. Tergal com nylon. Quando fomos comer, percebemos

Chegou o dia do reveillon. Durante a festa, o l20 estava a mil. Principalmente pra nós, da JSD, que tínhamos boca livre na casa. À meia noite, muito champanhe, lança-perfume, beijos e abraços. As meninas distribuindo beijos na boca à vontade. Dei de cara com o Reginaldo, que a gente chamava de “Neném”, com quem eu não conversava há algum tempo, por causa de uma discussão bêsta. Nós nos abraçamos e fizemos as pazes, contagiados pelo clima de ano novo e quase década nova.

Algum tempo depois, o Marcelo me encontra. Ele estava passando um pouco mal e me pediu pra ir até sua casa, com ele. No meio do caminho, ele resolve ir pra casa de uma tia. Chegando lá, me chamou pra ir pro terraço. Subimos sem avisar a ninguém, ele se deitou na rede, eu em um sofá, começamos a conversar e os produtos consumidos na noite começaram a fazer efeito. Nem lembro quem apagou primeiro. Só sei que acordei ouvindo gritos lá embaixo de “Marcelo! Marcelo”: era o irmão dele. Nossas famílias estavam nos procurando desesperadamente pela cidade, na polícia, hospitais. Não entendí a preocupação, pois não era a primeira vez que dormia

Pouco depois que a gente saiu, ao dar mais uma cheirada num lenço encharcado de lança-perfume, o Neném, a quem eu tinha abraçado minutos antes, deu uma parada cardíaca. Morreu a caminho do hospital.

Assim terminavam, para nós, os “Anos 70”.



†ÂNKYU!



**ARARAC
ALEGRE**
Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



PETISCO & MARA SA



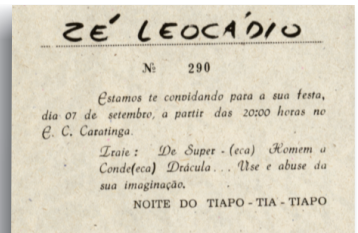
O Best do
Camilo

Tiapo Tia Tiapo (*)



“Quando eu canto o seu coração se abala, pois eu sou porta-voz da incoerência
Desprezando o seu gesto de clemência, sei que o meu pensamento lhe atrapalha
Cego, sou seu cavalo de batalha, e faço a lua bilhar no meio dia
Tempestade eu transformo em calma e dou um beijo no fio da navalha
Pra dançar e cair nas tuas malhas
Gargalhando e sorrindo de agonia”

Agalopado - Alceu Valença



(*) Neste livro, grafamos Tiapo sem “h”, pois o “h” só apareceu depois



Eu,
 aluísio,
 Marcelo,
 Camaleão,
 Délio e
 Luciano.
 Atrás, o
 Elton, de
 Sheik, quase
 saindo na foto



ESTE é o
 Venceslaw

A turma foi de
 cueca samba-canção
 tomar umas
 caipiróscas
 no Casarão, antes de
 subir pro Tiapo Tia
 Tiapo. O garçom era
 o Zé Venceslaw,
 que depois apareceu
 por lá - não sem,
 antes, passar em
 casa e colocar
 o seu próprio
 cuecão



O Best do
 Camilo

Tiapo Tia Tiapo

O primeiro Tiapo foram três festas: “Festa dos Barango”, “Noite do Tiapo Tia Tiapo” e “Noite da Refestança”.

Caratinga nunca teve muita coisa pra se fazer, e nós, como tínhamos muuuito tempo disponível, ficávamos inventando moda. Tinha os cinemas, Brasil e Itaúna - este, com a “Sessão dos Namorados”, que passava filmes de Drácula e de “Santo, El Mascarado de Plata”, e menina acompanhada não pagava. Na porta do cinema, ficava cheio de meninas pedindo pra entrar com a gente, e nós sempre acreditávamos que elas realmente iam ficar com a gente lá dentro. Bom, algumas ficavam. Tinha também as domingueiras do América, com os Geniais tocando “Immigration Song” do Led Zeppelin de uma forma inacreditável, ou o 120, com o Som Temporal. Mas as festinhas é que eram legais. Era “noite do Espantalho”, “noite do Rock”, “Festa da Maria Cebola”, “Pra lá de Mahakesh”, cada uma promovida por alguém da turma, sempre com um tema e uma decoração diferente; às vezes, à fantasia.

Rolou uma “Festa dos Barango”, na casa da Brígida, da Dona Rita, professora de piano. Só rolou Sidney Magal, Odair José e outros clássicos. Esta festa foi o embrião do Tiapo Tia Tiapo, que foi a melhor de todas as festas.

A idéia do Tiapo era fazer um baile voltado pra turma, nada daquela caretice que rolava nos bailes tradicionais. A inspiração veio do carnaval “Recrecré”, que tinha acontecido anos antes. Seria alugado o Clube Caratinga, a música seria só MPB (frevo, carnaval, forró), as bebidas seriam a preço de custo. Em cima de cada mesa, uma garrafa de champagne (Sidra Cerezer, na verdade) ou de vinho (chapinha...). E o **ponche**.

Quem tomou a frente foi o Porcaro, Wladimir e equipe de som Temporal (Rodrigo e Orêia), mas todo mundo colaborou; tanto é que na Jararaca Alegre saiu o nome do Arthur em vez do do Wladimir, quando fomos divulgar ... foi realmente uma festa “da turma”. Tanto é que não foi feita nenhuma divulgação: só convites, entregues em mãos. Só sabia da festa quem era da turma. Mas a turma era imensa. Foram vendidos mais de 500 convites, todos antecipados (quem chegasse no clube na hora achando que tinha algum baile e quisesse entrar, não podia). Era uma festa alternativa, sapo não entrava nem dentro da viola do urubu.



E não me pergunte de onde saiu o nome “Thiapo Thia Thiapo” (com ou sem agá). Diz a lenda que era só mais uma expressão da moçada, que surgiu quando o Emiliano, o Zezé Grossi ou o Beto Scrachadêra viram uma menina gostosa passando e um dos dois exclamou: “Tiapo tia tiapo!” Aí, tudo que se ia fazer era tiapo tia tiapo. Fomos pra cachoeira e tiapo tia tiapo! Saí com ela e tiapo tia tiapo! Tava na casa da minha namorada, o pai dela chegou e tiapo tia tiapo! Então, a festa era de arromba, logicamente seria a festa do tiapo tia tiapo. Pra completar, no mesmo fim de semana, um show do Zé Ramalho, no auge: lançando a “Peleja do Diabo com o dono do Céu”.

A festa seria a fantasia, mas tudo na base do improvisado. O movimento punk tava no auge (foi em 1979), então as fantasias eram meio punks, todo mundo tinha acabado de ver “Laranja Mecânica”, a idéia era mais ou menos aquela. Realmente, não passou pela cabeça de ninguém, alugar uma fantasia. Cada um usou o que tinha em casa. Acho que foi o Marcelo que deu a idéia da gente ir de terno e cueca samba-canção.

Na noite da festa, saímos eu, Délio, Marcelo, Camaleão, Luciano e Luizão, com nossos ternos, gravatas e cuecas (a minha, peguei “emprestada” do meu avô, “São” Camilo Lelis). Só que fomos dar uma volta na rua antes. Como só a rapaziada sabia da festa, todo mundo estranhou aquela turma andando de cuecão pra rua afora, mas tava na cara que alguma coisa estava acontecendo, pois tinha muita gente vestida de forma estranha desfilando pela praça na hora do “footing”. O bar da moda era o Casarão, da Emi, e fomos pra lá. Ela ficou estranhando a gente até que nós explicamos, aí ficou tudo bem. Tomamos algumas caipivodkas, servidos pelo Zé Wenceslaw, o garçom oficial da copa, e subimos pro clube.

Lembro direitinho da trilha

SONORA. Quem quiser recriar o primeiro Tiapo Tia Tiapo pode descolar o Alceu Valença “Espelho Cristalino” (com a música “Agalopado”, que tocou umas 15 vezes na noite), Gilberto Gil Ao Vivo em Montreux (com “São João Xangô Menino”, que tocou 8 vezes, e “Chororô”, 19 vezes), a trilha de Chico Buarque para “Quando o Carnaval Chegar” (com a música-título, 5 vezes, e “Baiuque”, da Maria Bethânia, 7 vezes), Quinteto Violado e Banda de Pau e Corda (tocaram a noite inteira, mas eram coletâneas), “Muitos Carnavais” do Caetano (tocava da primeira à última música). Basicamente, era isso que se ouvia dentro do clube, no primeiro Tiapo Tia Tiapo.



A festa foi inexplicável, todo mundo era de todo mundo, na maior alegria, entrou pra história, mas ninguém imaginava que iria se tornar a festa mais importante da juventude de Caratinga. Com certeza rolou de tudo, mas os tempos eram outros, era só se divertir, sem destruir. Tudo na base do Paz e Amor.

O Tiapo começou a ser o que é hoje a partir da segunda edição, realizada em 1981. Não era a idéia inicial fazer o baile de dois em dois anos. É que estava fazendo dois anos que tinha acontecido, e já havia algum tempo que todo mundo cobrava mais um Tiapo Tia Tiapo, então os coordenadores do primeiro se reuniram e convocaram a galera para outro, no final do ano (saiu de novo na Jararaca Alegre).

Não deu outra: a festa foi mais agitada que a primeira. O “Palácio de Cristal” ferveu. E desta vez, a moçada pegou pesado. A mulherada liberou geral. Até eu me dei bem. Os últimos moicanos ainda caíram na piscina do clube. Dizem que foi por causa do ponche.

Uma das marcas registradas do Tiapo Tia Tiapo era o ponche que era servido na festa. Servido não, era self-service; ficava aquele tonél de ponche à disposição de quem quisesse, era só ir lá e encher o copo. Acontece - e isto se tornou mais uma lenda urbana de Caratinga - que **alguém chegou na festa com uma jarra de chá de cogumelo** e entornou dentro do caldeirão de ponche. O bicho pegou no clube, não tinha ninguém tímido lá dentro...

Nesta época, Caratinga só tinha um jornal: “O Jornal de Caratinga, a verdade dos fatos”, que era semanal, e na semana seguinte, estampou um editorial na primeira página, intitulado “Barra Pesada”.

Entre outras coisas, ele dizia: “em matéria de licenciosidade a coisa foi completa”; “no salão, maconha, lança-perfume e outros psicotrópicos foram consumidos em larga escala”; “fora e dentro do salão, a presença de casais em atitudes libidinosas completava o cenário da bacanal; “uma promoção feita exclusivamente com o objetivo de ridicularizar com os padrões morais”; “até a piscina do clube foi usada por um grupo de moças e



rapazes, completamente nós”. Pra completar, a última pergunta: “cadê a polícia?”

Mas a moçada não deixou por menos. Na edição seguinte do jornal, foi publicada a resposta da coordenação do baile, assinada por Marco Antônio Porcaro. Alguns trechos: “Acreditamos que o repórter, à cata de sensacionalismo, visualizou os fatos com grossas lentes de aumento”, “na festa passada (...) nem todos os convites chegaram a seus destinatários, e tivemos que optar pela venda dos mesmos no guichê do clube (...) é possível que um ou outro elemento tenha se portado de maneira indecorosa. Tomemos por exemplo um fato: somente uma pessoa, **nas condições citadas pelo repórter**, se atirou nas águas da piscina”, “é possível que se tenha feito uso de lança-perfumes e até mesmo maconha, mas indagamos: será que toda a juventude caratinguense faz uso da droga?”, “se faz, fica aqui um apelo aos pais para que aconselhem a seus filhos leituras sadias, ou mesmo outros passatempos menos maléficos”. “Caso contrário, dirigimos nosso apelo a essas pessoas para que procurem locais mais isolados, mesmo porquê o cheiro não agrada a todos”. E concluiu dizendo que “nem é tão imoral, promíscua e marginal a juventude caratinguense”, uma vez que quem foi ao baile eram os filhos “das melhores famílias caratinguenses” - o que era a mais pura verdade. Muitos deles, hoje, são as locomotivas do comércio, indústria, política e cultura de nossa cidade (esta afirmação já é minha, mesmo).

Depois de um rebuliço desses, a festa **tinha** de pegar. Ficou estipulado que dentro de dois anos aconteceria de novo, e vem sendo assim até o momento em que escrevo estas mal-traçadas. Mas o que aconteceu depois, já é outra história...



Brigadú!



**ARARAC
ALEGRE**
O Best do Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



Concessionária

HONDA

RAFA MOTOCAR

Nosso maior negócio é sua segurança.



Cês tão perdendo!

E lá se foram Marco Porcaro, Júlio Pomba e Otávio Xavier para Juiz de Fora.

Chegaram na Rodoviária, e resolveram ligar para o amigo José Badih.

- E aí, Badih?
- Pô, moçada, legal vocês ligarem ! Onde vocês estão?
- Ah, tamos aqui em Caratinga, sem nada prá fazer. Maior bode.
- Por que vocês não vem pra cá?
- Tá meio difícil, muito em cima...
- Faz uma força aí, cara, Tô sozinho em casa, tem uns amigos meus aqui e um monte de gata! Tudo dando mole! A geladeira tá cheia de geladas e tem doze anos rolando de montão!
- Nossa, que inveja! Pena que não dá pra ir...
- É, cês tão perdendo. Será que não dá pra vir não? - insistiu o Badih.
- Não, não dá. Mas divirta-se! - Finalizou o Marco.

E saíram da rodoviária, direto para a casa do Badih. Tocaram a campainha. Foram atendidos por um cidadão com uma cara sonolenta, barba por fazer, olhos inchados de sono.

- Badih, tão te chamando aqui!

Zé Badih quase teve uma coisa quando viu o Porcaro, o Pomba e o Otávio. A festa da qual ela falou, que incluía mulheres, bebidas, rock'n roll e possibilidades de sexo se resumia a ele e seu tio sonolento, assistindo futebol pela TV e comendo pipoca. A rapaziada não falou nada, só ficou rindo. E ele lá, com a cara deste tamanho. Mentira tem perna curta... e manca, ainda por cima!

O ESTADUAL na época do nascimento da J.A.



“Ô véi, dá o nome de todo mundo!
Ô Camilim, a primeira foto foi feita no palco do anfiteatro do C. Estadual entre 1901 e 2000. Da esquerda pra direita:

Em pé

Cleber Lopes Rosado
João Bosco Faria
Gabriel (de que?)
Sebastião Pires
Elias de Oliveira Durço
José Eduardo Dutra

Agachados

Não me lembro o nome (nem sei quem é!)
Jarbas Tassar Estorane
Evane dos Santos Silva
Jorge Batista Piazarollo
Sonia Bragança
Beijos,
Jorge Piazarollo”

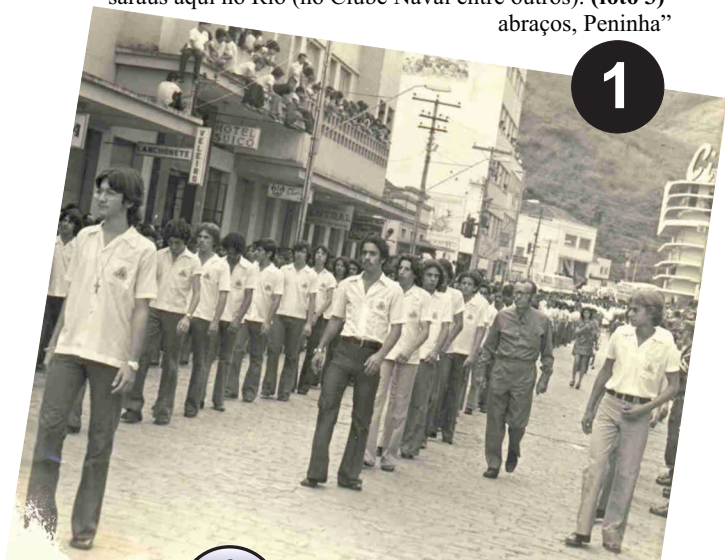
Esta troca de e-mails enquanto preparava este trabalho veio a calhar para ilustrar o colégio na época da primeira J.A. ...



“**Beleza Camilo?** seguem fotos para o próximo jararaca.No desfile, eu separando a fila, cujo pelotão da frente era composto pelas meninas do C. Estadual. Nós só olhamos.(foto 1)

No grupo, estou batendo a chapa e não saio. Em pé a direita o Presidente da Petrobrás. Soninha de sapo no meio dos homens (excluído o João Bosco Faria"Pão").(foto 2)

E minha querida Mãe, Dona Rita, cantando com o Luiz Bonfim ao piano, década de 60. Hoje para os Caratinguenses desinformados, o Luiz, médico, é cantor de músicas populares brasileiras de décadas passadas, se apresentando sempre em saraus aqui no Rio (no Clube Naval entre outros). (foto 3) abraços, Peninha”



O Bastão do
Camilo

A Jararaca Alegre

Tive a sorte de conviver, no meu tempo de colégio, com uma geração muito legal, e de ter tido professores legais, também. Eles nos incentivavam a atividades culturais, e como eu era o desenhista da sala, sempre estava em todas. Se tinha uma peça, eu fazia os cartazes e ajudava nos cenários (teve uma que eu até escrevi o texto); se tinha eleição para o grêmio estudantil, meu nome estava em alguma chapa; nas gincanas, trabalhos etc., lá estava eu desenhando os cartazes. Era meados dos anos 70, o colégio era o Estadual (“E.E. José Augusto Ferreira”), o diretor era o Professor Armando (depois coadjuvado pelo Frei Carlos), os professores eram Padre Othon, José Aylton, Adelson Vieira, José Schitinni, Dona Rita (na foto da página anterior), Jairo Grossi, Míriam Mangelli, Rômulo Arantes, Amir Resende, Laurens, Roldano... não tinha este preconceito elitista contra as escolas públicas, pelo contrário, o Estadual era cobiçado pela elite da cidade, por ter ensino de nível, além de um anfiteatro fantástico, no qual a gente deitava e rolava (a diretoria não sabia, mas nós tínhamos até uma cópia da chave...)

Assim, quando surgiu a idéia de um jornalzinho pro grêmio estudantil, fui um dos primeiros a ser chamado (deu concordância??). Como ele ia ser voltado para literatura, o nome escolhido foi “O Curupira”, personagem folclórico. A equipe foi: Antônio Carlos Teixeira de Rezende, diretor-redator-chefe (!) - o Carlim sempre era diretor, de tudo em que ele entrava. A equipe era Fernando Antônio Carvalho (”Aranha”), Márcio Soares Batista (Cabeção), Cláudio (Gordo), Marcelo Motta, Nelson Souza Jr. (Marrom), eu, e o meu primo José de Assis Jr., o Juninho, que eu acho que foi chamado só pra gente ter como pedir ao pai dele, Dr. José de Assis, juiz de direito, pra datilografar o jornalzinho pra nós... esta equipe era a nossa equipe oficial pras coisas do grêmio. Gostávamos de montar peças de teatro de vampiros, só pra poder morder o pescoço das meninas sem elas darem tapa na cara da gente, mas isto é outra história.

Isto foi em 1974, quando estávamos na 6ª série. O professor de português era o Padre Othon, e nós fazíamos o jornal no mimeógrafo do colégio. O Estadual vivia em efervescência cultural, com peças teatrais (a primeira que assistí na vida foi “O Pagador de Promessas”, montada pela turma mais velha, lembro do Eduardo Rezende fazendo o papel do Galêgo),



uma das melhores baterias da cidade, intensa participação na política estudantil, dentro das possibilidades, afinal estávamos numa ditadura (não estávamos? nem parecia...) o quente era ser “cabeça”, ouvir Chico Buarque e Geraldo Vandré, ler coisas que a gente nem entendia direito... com treze anos a gente tinha uma consciência política que quem vive em liberdade total, como hoje, não sabe o que é. Quem vai querer saber de política hoje em dia, a não ser pra se dar bem \$\$\$\$? Na época, não, a gente só queria derrubar a ditadura, mudar o mundo, ou pelo menos Caratinga.

E o jornalzinho O Curupira tava indo bem, a gente ganhava ponto, conseguia patrocínio para financiar o jornal e até sobrava, mas ficava no caixa do grêmio estudantil. O Almeidinha, um colega nosso que era muito bacana mas muito caxias pra fazer parte da nossa turma (desculpe, Almeidinha!!) resolveu fazer um jornalzinho pra ele também. O nome: “O Corujinha” !! Era plágio do nosso Curupira ou era uma coisa, assim, autobiográfica? Afinal, ele parecia uma corujinha mesmo, com aquele ar intelectual e aqueles óculos. Pra completar, ainda recrutou minha prima Valéria, irmã do Juninho, pra equipe dele, obviamente para que meu tio José de Assis datilografasse o jornalzinho dele também. Coitado do tio, além dos 500 processos que tinha que analisar por semana, ainda tinha dois jornaisinhos de meninos pentelhos pra datilografar!

O Curupira durou até o começo de 75, quando a gente ficou de saco cheio de juntar dinheiro pro grêmio e falar de José de Alencar (o escritor, não o ministro da Defesa). O Marcelo falou comigo que a gente tava dando bobeira, podia conseguir patrocínio pra fazer um jornalzinho pra nós mesmos e ficar com o troco pra gastar com aquelas coisas: pizza Domingo à noite no Xuá, milk shake e coxinha no Paleta, revistas de mulher pelada... topei, e a gente começou um outro chamado “Um barato que não sai caro”, credo. Era bem picareta mesmo, só pra faturar os patrocínios e ter um troco pra gastar. Durou umas três ou quatro edições. Em junho de 75, Saiu a Jararaca nº 1. Fiz a edição sozinho, mas coloquei o nome do Márcio no expediente sem nem falar com ele (não queria que ficasse um jornal do eu sozinho). Mas como nós chegamos à Jararaca Alegre?.



A verdade é que eu tinha me acostumado a, toda semana, estar correndo atrás de alguma coisa pro jornal, porquê, da equipe, era o que mais trabalhava. E tinha me acostumado, também, a sempre ter uns trocados. Fui nos patrocinadores de sempre: Farmácia Vitória, Foto Ideal, Papelaria Anselmo, Papelaria Equipe, Livraria Siqueira, Restaurante Paleta... levantei a verba e fui fazer o jornal. Mas e o nome? “O Curupira” era muito careta, “Um barato que não sai caro” era !!! demais. Queria alguma coisa voltada pra humor, sátira, a revista Mad estava começando a circular no Brasil e era uma fonte de inspiração.

Foi quando, ao ler uma historinha de Walt Disney, veio à luz a Jararaca Alegre.

Era uma historinha da Maga Patalógica e Madame Min, as bruxas simpáticas de Disney. Elas estavam se dirigindo para mais uma convenção das bruxas, desta vez na cidade de Jararaca Alegre. Quando cheguei a um quadrinho em que as bruxas voavamem suas vassouras, tendo à frente uma nuvem onde estava fincada uma placa dizendo “Jararaca Alegre a 30 km.”, eu ví que tinha encontrado o nome pro jornalzinho... IH! (entrou a vogal) Agora o pessoal da Disney vai me processar e querer todos os milhões que ganhei com a J.A. ao longo destes 30 anos.

A edição nº 1 da Jararaca Alegre saiu com a data de 18 de junho de 1975. Foi uma porcaria, toda feita nas coxas, só pra matar o tédio e levantar uns trocados. Mas já tinha uma matéria falando sobre o Genesis, uma das bandas top do rock progressivo, que estava no auge, o que mostra que a gente era antenado...Ainda saiu outra edição, em 75.

Eu continuei colaborando com os jornaizinhos de grêmio que foram aparecendo no colégio. Mas a J.A. só voltou a circular em janeiro de 76, quando o Marquinho, meu primo de BH, apareceu pra passar as férias e a gente fez algumas edições da J.A., junto à minha prima Cláudia Lélis, só pra ter verba pra ir ao cinema e comer hambúrguer na Vitafrutas do Paulinho.



rolava no colégio, esqueci de estudar, e tomei bomba de matemática). Na nova turma com a qual fui estudar, estava o Eloísio Lacerda, um cara talentosíssimo, que desenhava, fazia música, e cujo pai tinha um mimeógrafo. Começamos a fazer o jornalzinho juntos, e foi aí que a J. A. começou a realmente tomar forma. O jornalzinho passou a circular praticamente toda semana, 15 dias.. a diagramação (!!!) melhorou bastante; no Eloísio eu encontrei um parceiro para me ajudar a carregar o piano - antes, eu fazia quase tudo sozinho. Com vários colaboradores, Eloísio e eu conseguimos tornar a J. A. no jornalzinho oficial do Estadual, e dava gosto

ver, na hora do recreio, os bolinhos que se formavam em torno de uma edição da J.A. quando ela saía.

Além do mais, o pai do Eloísio tinha um mimeógrafo na firma dele, e assim, nós passamos a ter “gráfica própria”...Por ser mimeografado, a tiragem do jornal era de pouco mais de 60, 70 exemplares; a partir daí, o estêncil começava a sumir. Eram poucos exemplares, e a gente ainda mandava alguns pro N. Sra. das Graças e N. Sra. do Carmo. Com a periodicidade do jornal, ele ganhou respaldo, e nós ganhamos moral no colégio. Passamos a ser respeitados pelos professores e alunos. A gente noticiava, informava, sacaneava, o jornalzinho era mesmo um barato. Nessa fase, ainda fizeram parte da equipe o Carlos Eduardo (Mano), Pinard Cunha, Ângelo S. Araújo e Dener Pires.

Entrávamos de graça no cinema, nos shows, festivais de música. Éramos consultados sobre as coisas que iam acontecer no colégio. Tínhamos mordomias com os professores... esta fase durou até 78, depois começou a piorar; na verdade, foi depois que o Eloísio parou de fazer o jornalzinho comigo e eu comecei a fumar maconha. Muita coisa muda na sua vida quando você começa a fumar um, muda mesmo, pode ser qualquer pessoa. Uns tem mais estrutura, outros menos; eu simplesmente me desinteressei pelos estudos, e isto se refletiu na minha vida escolar toda: mas nós ainda estamos em 1976.

Em 77, se não me engano, aconteceu uma coisa muito doida. Só tive noção, mesmo, tempos depois. O Aldo Jr., nosso velho amigo, que morreu como herói ao tentar salvar um garoto de se afogar durante a enchente que assolou Caratinga em 2004, era, como se dizia na época, “do cú riscado”. Era o maior aprontador do Colégio, mas aprontações legais, engraçadas. Ele



ficava criticando a gente porquê nós pegávamos “muito leve” com os professores, no nosso jornalzinho. Ele queria que a gente detonasse mais. Mas a verdade é que a gente gostava do nosso estilo. A gente brincava com todo mundo, gozava, às vezes - às vezes não, quase sempre - alguém queria bater na gente, mas nós não ultrapassávamos o limite que nos impusemos, até mesmo por educação, pudor, medo de perder a amizade... sacaneávamos a nós mesmos, só pra turma levar mais na boa quando a gente brincava.

Um belo dia, quando todo mundo entra na sala de aula, embaixo de algumas carteiras, em todas as salas, estavam exemplares de um jornalzinho parecidíssimo com a Jararaca Alegre. Até o tipo de letra: como nosso jornalzinho era feito à máquina, e sempre na mesma máquina - uma Remington antiga do meu avô, o tipo de letra servia como uma impressão digital. Pois o jornalzinho apócrifo tinha a nossa impressão digital.

Mas só no tipo de letra: as matérias eram arrasadoras. Com certeza, nós nunca faríamos uma coisa daquelas. Detonava com os professores. Tinha desenhos de sacanagem explícita, tipo um pau entrando numa bunda e a informação de que aquela bunda pertencia à professora tal, coisas daí pra cima. Na mesma hora nós fomos convocados, eu e o Eloísio, a prestar depoimento diante do Frei Carlos, na sala dele. Depois, fomos convocados de novo, só que agora tinha um cara diferente acompanhando o depoimento, e eu depus separado do Eloísio. Fiquei sabendo depois que o cara

acompanhava **pra ver se nós tínhamos alguma ligação com algum grupo subversivo**, olha só... e tudo o que a gente queria era ter uma graninha pra curtir e entrar no cinema de graça.

E o pior é que o Eloísio era crente, da Igreja Batista (eu até costumava assistir aos cultos de domingo com ele, me enturmei lá. Ele tocava na banda e tudo mais). A formação dele era de cristão rigoroso, o cara nem falava palavrão. A noção dele de bagunça era passar pasta de dente na cara de quem tava dormindo no ônibus, quando tinha excursão... e lá estava ele sendo interrogado como subversivo, pelo Frei Carlos, a coisa mais próxima de uma reencarnação do Torquemada que se podia ter. Seus interrogatórios eram capciosos, tentando forçar-nos a admitir coisas que a gente nem sabia que existiam. Inquisição pura.



Mas começou a rolar um papo de que o famigerado jornalzinho tinha sido feito pelo Aldo Jr., e antes que acontecesse alguma coisa ele mudou de colégio. Os inquisidores perceberam que eu e o Eloísio não representávamos ameaça, e nos deixaram em paz.

E o jornalzinho continuou, mas nós ficamos baqueados.

Em 79, eu não pude mais estudar no Estadual. Tinha feito o teste para o 1º ano científico, e não passei. No Estadual era assim: para entrar na 5ª série, tinha uma espécie de vestibular, e no 1º ano tinha outro. Eu estranhei muito, tinha certeza que tinha feito boa prova, afinal tinha tido aulas particulares no fim do ano (para não ser reprovado na recuperação) e isso me deixou preparado. Mas o problema foi a minha redação.

Tinha fumado uns baseados antes da prova (eu e praticamente todo mundo que fez a prova - antes e depois, no Hospital Rerional. O pessoal era fominha) e na hora da redação, soltei a imaginação. O tema era “o que eu quero fazer em 79”. Pois entre outras coisas, eu escrevi que queria colocar uma bomba dentro do vaso dos professores e dar descarga. É, o negócio da inquisição tinha mexido mesmo comigo, fiquei meio revoltado. Mas é claro que eu não iria fazer aquilo, era só na redação, que eu tinha escrito num estilo satírico, non sense, nada com nada. Mas eles levaram a sério, especialmente o professor Armando. Em 79, tive que procurar outro colégio pra estudar e a Jararaca Alegre parou de sair. Fui pro N. Sra. das Graças, tomei bomba e voltei pro Estadual em 80.

Foi quando a J.A. entrou numa outra fase.

No fim de 79, encontrei com o Flavinho Boca numa festa e durante a conversa ele me perguntou por que é que não tava saindo mais Jararaca. Eu falei que tinha perdido o pique, o Eloísio tava em outra e tal. “Por que nós não fazemos juntos, então? Deixa eu entrar pra J. A.”, falou o Flavinho. Foi uma das melhores coisas que podia ter acontecido.

Flavinho tem um senso de humor fantástico, inteligente, cínico, sarcástico. Junto ao Baby (Marcelo Pessoa Coutinho), que andava muito com a gente, formamos a BBC: Baby, Boca e Camilo, ou Boca, Baby e Camilo - eles nunca entraram em acordo... como eu era o “C”, ficava na minha vendo eles se digladiarem.



A J.A. não saía mais com a regularidade de tempos atrás, mas quando saía, saía arebentando. Marco Porcaro, Júlio Pomba e Márcio Cabeção (de volta!) contribuíam com a redação, e tínhamos até um estagiário: Agripino Vilas Novas, o Gripininho, nosso Diretor de Faxina. Mas a equipe fixa, mesmo, era Boca, Baby e eu...

Em 80, estava de volta ao colégio Estadual, e o jornalzinho voltou a circular na hora do recreio. E lá fomos nós de novo, brigar com o Frei Carlos. Teve uma edição da J.A. que eu e o Márcio fizemos, no Colégio, em que, ao fim de uma notinha, entrou a expressão “é phoda”. Na época não tinha esse negócio de ficar falando “pôrra meu” em programa de TV domingo à tarde, palavrão era palavrão e só podia ser dito no banheiro dos homens, na hora do recreio (acho que no das mulheres também, mas não tive o privilégio de conferir *in loco*). Frei Carlos criou o maior caso e disse que o fato de termos escrito com ph não mudava nada, como se nós tivéssemos feito isto para despistar... claro que não, foi só porque ficava mais legal mesmo.

Na edição seguinte, colocamos “é foda”, com f. Aí o Frei Carlos pirou e proibiu a J.A. de circular no colégio. Resultado: passamos a distribuir o jornal a uns dez metros do portão, depois da aula...

Então, ele falou que a gente podia circular o jornal, mas que ele tinha de ver os estêncils (originais) antes. A gente deixava, mas sempre escondia uma página, que ele só via depois que já estava circulando...

A J.A. encerrou aí sua carreira de jornal estudantil. Passou a sair na rua, mesmo, de mão em mão, na hora dos “agitos”, e cada vez mais esporadicamente. Em 82, arrumei um emprego, através da Tia Lídia e do Elcio, como chargista do **Jornal do Norte**, de Montes Claros; de lá, fui para o **Diário do Rio Doce**, em Valadares; em 85, voltei para Caratinga, como editor de **A Semana**, jornal que tinha ajudado a fundar, junto ao Edra e ao Tião de Lima. Durante esse tempo, saíram várias edições da Jararaca, sempre que eu vinha passar uns dias na cidade e encontrava com o Boca e o Baby e o Porcaro e o Pomba... Em Valadares, ela tinha se tornado personagem de tirinhas na página infantil da Agenda, suplemento dominical do DRD...



O jornalismo e a publicidade já eram meu ganha pão, mas o humor era também o meu lazer, e nunca perdia uma oportunidade de soltar uma edição especial da J.A., junto à “BBC”, sempre que a ocasião pedia: quando tinha um Tiapo Tia Tiapo, Caratinguense Ausente, carnaval, baile Anos Dourados, férias, eleições, saía uma edição, e a J.A. acabou se tornando parte do folclore da cidade. E internamente, entre eu, Boca, Baby e Gripininho, rolava o “Bunf”: Quem desse um vacilo levava um Bunf! na cabeça dado por cada um dos outros integrantes, Se imediatamente não perguntasse “por que cargas d’água eu levei este bunf?”, para ser informado sobre o vacilo e não vacilar de novo, a pena aumentava: levava um Stebunf! de cada um. O Grupinim afundou o pescoço uns 5 centímetros, de tanto levar stebunfs!

Desde então, a J. A. já foi coluna em O Jornal de Caratinga, A Semana e Revista Night, teve dois livros de coletâneas publicados (“Anabolizantes”, em 93, e “O Vermelhinho e o Verdinho”, em 97), saiu em forma de revistinha várias vezes. A numeração se perdeu, começamos do 1 de novo várias vezes, sem sequência. A natureza da J. A. é mesmo ser esporádica...

E assim, estamos em 2005, e a Jararaca Alegre comemora trinta anos de sua criação. É muito divertido fazer a J.A., e mais legal ainda é ver a reação das pessoas.

Nunca ganhei dinheiro com ela, a não ser aquela quantia que estava estipulada desde a primeira edição: só o suficiente pros “rocks”... mas através dela eu me tornei o que eu sou (mas, o que eu sou, mesmo??), conheci muitas pessoas legais, participei de muitos eventos interessantes, tive uma tribuna para exercer minha criatividade, manifestar minhas opiniões, fazer amizades...

Sou muito grato a todas as pessoas que passaram pela equipe J.A. desde 1975; com certeza, elas fazem parte da minha vida, e peço desculpas aos leitores deste livro, que passaram 8 páginas (isto é, acreditando que você não tenha desistido ainda de ler) aturando uma catarse de um cara saudosista contando coisas que provavelmente só dizem respeito a ele mesmo...

Bom, mas este é um livro voltado para as comemorações dos 30 anos da Jararaca, e se você não quer ouvir estórias ou histórias do Tio Camilo, é melhor parar por aqui.



Tudo o que você não queria saber, e nem perguntou, sobre a Jararaca Alegre, mas nós vamos contar assim mesmo:

Quem são as pessoas que já passaram pela redação da J. A. ?

- Correndo o risco de deixar alguém de fora, a turma da Jararaca Alegre engloba: Antonio Carlos Teixeira de Rezende, Márcio Soares Batista, Marcelo Motta Campello, Fernando Antônio Carvalho, José de Assis Jr., Marco Antônio Lelis, Eloísio Lacerda de Oliveira, Rita e Zaninha, Mônica Bussinger, Flávio Emanuel Caixeiro Rodrigues, Marcelo Pessoa Coutinho, Pinard Assis Cunha, Luís Henrique Bittencourt, Ângelo Silva Araújo, Elizabeth Lacerda, Carlos Eduardo Gomes de Araújo, Agripino Vilas Novas, Elpídio Inácio Filho, Ângelo Araújo, Aluísio Palhares, Nelson Souza Jr., Ronaldo Lopes dos Reis, Elmane Lucas Silva Jr., Claudia Fernanda Lelis, Fernando Lucas, Carlos Alberto Carli, Alexandre de Melo Pereira, Luciano José de Souza, João Carlos Taruira, Wladimir Castro, Célio Heliodoro, Alexandre Motta, Marco Antônio Arreguy Porcaro, Julio Eustaciano Pomba Pires, Sânzio Henrique Alvin Teodoro, Arthur Coelho, Agenor (esqueci o sobrenome), Mônica Bussinger Alves Torres, e o nosso primeiro datilógrafo: Dr. José de Assis.

Por que a Jararaca Alegre tem chocalho? Seu autor é burro mesmo ou existe alguma razão?

- Bom, para tudo há de existir uma razão... Na verdade, a mãe da J. A., Dona Jararaca, era meio roqueira, e transou com uma cascavel.

A Jararaca Alegre fez parte da luta contra a ditadura?

- O problema é que, no início da luta armada, nós fomos capturados e passamos o tempo todo descascando batatas no porão. Só fomos soltos depois que o Tancredo foi eleito. Não deu pra dar nem um tirinho. Em compensação, faço cada maionese de batata que você tem que ver.





“Eeh, anos 80... charrete que perdeu o condutor
Eeh, eeh anos 80... melancolia e promessas de amor
É o juiz das doze varas de canção e samburá
dando um estalo que o compositor errou
Gente afirmando não querendo afirmar nada
que o cantor cantou errado e a censura vigorou...

Abram alas!

Aí vem los años otienta!”

“Anos 80”, Raul Seixas

Do disco que a gente estreou na festa que estava sendo preparada na hora da foto acima...em 1980
(eu sei que não dá pra ver nada, mas é que foi um momento histórico e é a única foto...)



Jararaca Som Discotheque

Estamos em 1978. John Travolta havia detonado a onda mundial da discoteca com o filme “Embalos de Sábado à Noite”, do ano anterior. Do outro lado, os roqueiros detonam a onda punk, destruindo os ícones do rock que tinham se tornado magnatas demais. Mick e Bianca Jagger viviam no jet-set, o rock progressivo rendia tributos demais à música clássica, o Led Zeppelin - veja só! - tinha um boeing particular para suas viagens. O punk rock, com seus alfinetes e cusparadas, pregava uma volta à base guitarra-baixo-bateria e às raízes do rock. Ao mesmo tempo, Bee Gees e Donna Summer imperavam nas discotecas mundo afora, especialmente na Studio 54, de Nova York, uma espécie de vaticano da onda disco.

Quanto a nós, continuávamos curtindo os nossos ídolos básicos: Stones, Kiss, Beatles, Led Zep, Deep Purple, Black Sabbath, Queen... ao mesmo tempo, curtíamos Sex Pistols e The Clash, pois era rock do bom; só a disco é que não descia. As tribos não se misturavam.

Mas quando rolava uma festinha, se não tivesse músicas disco, a festa ia ser clube do bolinha. E festa só com macho não dá. Ou dá, o que não era o nosso caso. Tentando unir o útil ao agradável, formamos o Jararaca Som Discoteque: a gente rolava umas músicas melhorzinhas entre as disco, e misturava nossos rocks no meio. Foi o som que a turma da Jararaca Alegre montou para fazer festas em terraços e porões. Eu, Camaleão, Luciano, Baby, Délio juntávamos nossas vitrolas, emendávamos tudo na maior gambiarra, mixávamos as músicas abaixando o volume de um pick-up e aumentando o do outro (quem tinha dinheiro pra comprar um mixer?). Os toca-discos da época, com suas caixas que pesavam toneladas, davam uma sonzeira dos diabos. Pelo menos era isto o que a vizinhança pensava: que era o som dos diabos que estava tocando.

A iluminação, era um caso à parte. Eu e o Luciano fomos a Gov. Valadares, com algum dinheiro, e compramos um monte de lâmpadas usadas nos jogos sequenciais de luz. O Ilzinho, primo dele, ia fabricar um pra gente. Compramos também alguns singles de música disco, mas foi impossível não voltar com alguns de rock também. Me lembro especialmente de um com Honk tonk woman/You cant't always get what you want, dos Stones.



De volta a Caratinga, fomos montar nosso jogo de luz. Não havia grana pra luzes estroboscópicas nem sequenciais, então faríamos tudo no muque mesmo: compramos um monte de interruptores de campainha, aquele que você aperta e ele volta na hora, e ligamos um em cada lâmpada. Na hora de testar, o Iلسinho se lembrou que tinha que ir não sei aonde. Ficamos eu e o Luciano na casa dele, e também o Geraldinho Assis (não confundir com o da imobiliária), que apareceu não se sabe de onde. Depois de meia hora criando coragem, ligamos aquela gambiarra toda na tomada. Imediatamente começou a soltar faísca pra todo lado e fumaça com aquele característico aroma de churrasco de fio queimado. Eu corri pra cozinha, o Luciano se escondeu atrás da geladeira e gritou “Geraldin, desliga a tomada pra gente!”

O Geraldo, na maior calma, foi lá e desligou a tomada.

Fomos atrás do Iلسinho e, horas depois, estava consertado e funcionando o nosso jogo de luz: três caixotes com quatro lâmpadas coloridas cada um e dois holofotes, tudo ligado em interruptor de campainha. Bem a tempo da inauguração oficial do Jararaca Som: íamos sonorizar o aniversário de 15 anos da Analzira.

A mãe dela, D. Emi Batista, tinha um salão de beleza no subsolo da sua casa, e a festa ia ser lá. Esvaziamos o salão, montamos a iluminação e o som, e transformamos num Stúdio 54 - vamos dizer, um Stúdio 5,4.

Na hora da festa, tava tudo correndo às mil. Enquanto um ficava “mixando” as músicas, outro ficava dedando as campainhas pra fazer as luzes piscarem, numa verdadeira “siririca”, enquanto os outros caíam na farra junto com a turma. A pista de dança fervendo era a prova de que a Jararaca Som Discoteque (tá bom, esse nome é terrível) tava fazendo maior sucesso. De repente, começa a fumaça e o cheiro de fio queimado. A gente tava tão biritado e entretido com a festa que nem reparamos, até que a Emi chegou esbaforida:

- Gente, vocês estão pondo fogo na minha casa!
- Que nada, Emi, isto é fumacinha!

O caso é que a gente tinha revestido os holofotes com celofane colorido e eles estavam derretendo, só isso. Por via das dúvidas, a Emi subiu e não desceu mais ao porão, a festa continuou e correu tudo bem.



Com o sucesso da festa da Analzira, começaram os convites e o Jararaca Som tinha festa pra fazer quase toda semana. Mas mesmo quando não tinha, a gente inventava. O terraço da casa do Camaleão e da casa do Baby eram as nossas sedes. Pelo menos uma vez por mês tinha uma festa em um dos dois terraços. No terraço do Baby, o som e a luz já ficavam montados, era só ligar na tomada e começar. Quando não tinha nada pra gente fazer (ou seja, quase sempre) a turma se reunia lá em cima. Pra tocar violão e fazer música, também.

Era legal quando os primos do Baby estavam na cidade: Claudinho, Carla e Tony (de Brasília) e Dico e Binho (do Rio). Aí, era festa todo dia.

O Flavinho começou a compor, influenciado pelo Ronaldinho, e eu me juntei a eles. Fiz algumas letras e ajudei a musicar uma poesia do Tony. Ele fazia poesia marginal, e chegou a Caratinga contando sobre uma festa muito doida a que ele tinha ido, no DF, chamada “Rockonha”, aquela mesma que o Renato Russo cantou no seu “Faroeste Caboclo”. Tony não falou nada sobre nenhum João de Santo Cristo, mas contou que, na festa, todo mundo dançou. “Dançou”, abre aspas, pois só tinha filho de deputado, senador e ministro (Tony falou alguma coisa sobre os “boyzinhos” do Delfim Netto também estarem no meio...), rapidinho tava todo mundo na rua de novo, e a história acabou abafada; só foi lembrada novamente quando o Legião Urbana tocou no assunto, anos depois.

O terraço do Camaleão também era duca. Um dia, nós fomos no supermercado e na papelaria, compramos bebidas, comidas e material de pintura, tudo na conta do pai dele, e fomos pro terraço preparar uma festa. Durante a tarde, eu fiz dois murais: um com os Beatles e um com a Janis Joplin, e mais um leãozinho no meio, enquanto a moçada - Flavinho, Marcelo, Luizão, Baby, alexandre - preparavam tudo. Pinteí sem esboçar primeiro, foi direto pra parede, olhando as capas dos discos e pintando. Se desse errado, tinha que despintar tudo. Não sei se me arriscaria desse jeito de novo... A única foto existente dessas pinturas está na abertura deste capítulo. O pai dele chegou no meio dos preparativos, e deu sinal verde, inclusive para usar seus wiskys. Ele tinha várias garrafas de Ballantine’s e Old Parr que ganhava de presente, mas não gostava de beber essas coisas. Ficava lá, guardado. À noite, tava tudo em cima da mesa, à disposição da moçada que nós convidamos...



A festa se chamou “Noite The León” e trouxe uma surpresa. A Sheilinha, a Marina e a Lalá, que eram da nossa turma oficial, trouxeram a Denise, que tinha se mudado pra Fabriciano há muito tempo, e sumido. Ela estava linda; na hora que entrou, parou a festa, e como tinha perdido contato com a cidade, eu tive a honra de fazer as honras da casa pra ela, que ainda perguntou se não tinha problema o fato de ela ser “penetra”. O Marquinho, irmão dela, tinha sido meu amigo de infância, mas foi surpresa para mim vez que a “irmãzinha” dele tinha se tornado uma super gatinha.

A noite foi de arromba, tinha tudo à vontade, mas como sempre, tem muita gente que abusa. Hoje, se a gente fosse fazer outro “Jararaca Som”, deixaria metade da turma que foi, nesta noite, de fora. Só pra resumir: a certa altura, a Denise queria beber alguma coisa e nós não encontramos nada mais pra beber. Mas isto era impossível, pois tinha bebida demais na festa. Ficamos sabendo depois que muita gente foi embora da festa rapidinho, levando garrafas cheias, de wisky e vodka. Roubaram, também, um monte de discos. Dos meus, levaram o “Álbum Branco” dos Beatles e o “Tormato”, do Yes. A festa foi ótima, mas foi a última festa do Jararaca Som Discotheque no terraço do Alexandre. (pelo menos com tantos convidados. As que rolaram depois, foi só pra nossa turma, expediente interno...)

Ainda fizemos umas festinhas de aniversário, mas a queimação de aparelhos na hora das festas acabou queimando foi o nosso filme...*Tinha esquecido um detalhe importante: devido às gambiarras, sempre depois das festas tínhamos que levar os aparelhos pra oficina, com os alto-falante queimados, as saídas, os holofotes. Ficava mais caro que o aluguel que a gente tinha cobrado. A gente não ganhava dinheiro não, mas se divertia pra caramba.*

E assim a nossa “turminha” ia levando. O “Jararaca Som” acabou junto com a onda da discoteca, mas valeu seu peso em ouro enquanto durou. Qualquer dia desses vamos fazer uma festa naqueles moldes, só de curtição. Talvez, no lançamento deste livro...





Raramente alguém lembrava da câmera. Geralmente, era só nos preparativos que saíam algumas fotos, sempre tremidas. Aqui, os preparativos pra uma festa no América, acho que foi o “Banquete dos Mendigos”: Jararaca Som e Temporal



Valeeeeu!



**ARARAC
ALEGRE**
Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



O máximo em cópias



O Best do
Camilo

Deus castiga!

As primeiras edições do Jararaca Alegre eram feitas em mimeógrafos a álcool.

Tirávamos no máximo uns 60, 70 exemplares, sendo que os vinte últimos vinham praticamente ilegíveis. Mesmo assim, todos os alunos dos colégios Estadual, Caratinga e N.S. do Carmo liam o jornalzinho. Agente era implacável com os professores, diretores e com alguns alunos que a gente pegava pra 'cristo'. Esses aí, podiam se considerar alugados pelo resto do ano letivo, se fossem escolhidos.

O jornal era tão mal impresso que chegamos a oferecer edições com vales-brinde dando direito a uma lupa. Teve uma campanha em que você fazia a assinatura e ganhava uma camiseta grátis. Assinatura com camiseta grátis: Cr\$ 500. Sem camiseta grátis: 250. Geraldinho reclamou que não recebeu a camiseta. Não sei porquê reclamou, uma vez que os jornais, também, ele nunca recebeu. Assim como os outros assinantes: prof. Cristóvam, Dr. Euclides, Claudinho Leitão, Marco Antônio Obolari etc.

Devido ao grande número de reclamações do tipo “ninguém entende o que você tão querendo dizer”, você só fazem piada pra sua turminha” ou “adoro o jornalzinho, só que não entendo algumas piadas” (frase oficial da musa da J.A., Ana Carla Rihan), o Baby ministrou um curso intensivo de “como entender a J.A.”. Rachou de ganhar dinheiro.

E quando a gente mexia com alguém e depois dava galho, usávamos a seguinte estratégia. Por exemplo, quando a Karen e a Aninha me procuravam para reclamar, eu dizia que aquela versão era do Boca, o Boca falava que era do Baby e o Baby que era minha. Elas ficavam com mais raiva ainda.

Mas pior, mesmo, foi na época em que rodávamos o jornalzinho no mimeógrafo da Catedral. O padre Geraldo não podia nem sonhar mas o Agenor, que era o coroninha oficial na época, quando estava comigo rodando o jornal, pegava o maior jarro de vinho de missa. A gente ficava tomando o vinho e ele falava que não tinha problema: afinal, não estava consagrado, mesmo.

Numa dessas vezes, o Agenor me deixou sozinho e eu mandei ver no vinho do padre, que por algum motivo inexplicável, é mais gostoso que os outros. Dentro de alguns minutos, comecei a sentir uma sensação estranha pelo corpo. Parecia que o mimeógrafo é que estava me rodando. O cheiro de álcool do mimeógrafo parecia empestar o ar. Minha cabeça girava e doía, minha vista embaçava, a minha consciência pesou. Deus estava me castigando. Só podia ser. Comecei a ficar zonzinho, parei de rodar o jorrialzinho, peguei minhas coisas, bati a porta de saída e tentei ir embora. As palmeiras da catedral me olhavam assustadoramente, a grama parecia querer agarrar meu pé. Da varanda de sua casa, D. Enir Bussinger observava minha situação.

Corri pra lá, e contei pra ela o que estava acontecendo, perguntando se eu tinha salvação ou seja já estava com a caminha arrumadinha no inferno.

Dona Enir me fez sentar com a cabeça entre as pernas, entrou e preparou um café preto e fervente. Eu tinha cometido o primeiro porre da minha vida.





“Nasci com a minha morte, dela não vou abrir mão
Não quero o azar da sorte, nem da morte ser irmão
Da sombra eu tiro o meu sól, e do fio da canção
Amarro esta certeza de saber que cada passo
Não é fuga nem defesa, não é ferrugem no aço
É uma outra beleza feita de talho e de corte
E a dor que agora traz aponta de ponta o norte
Crava no chão a paz, sem a qual é fraco o forte
E a calma é engano.”

“Canto Latino”, Milton Nascimento e Ruy Guerra



Te devo uma!



Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



**Rede Farmácia
Central**



O Bad do
Camilo

Foi quando começaram a ser divulgadas as inscrições de chapas para as eleições estudantis.

O Centro dos Estudantes de Caratinga (CEC) ainda era atuante, mas era uma extensão da política dominante da cidade. Apesar de termos um bom relacionamento com o grupo que comandava o CEC, percebemos que podia ser feita alguma coisa que não seria feita se não entrasse uma turma menos conservadora na cúpula do CEC. Havia já algum tempo que estavam acontecendo algumas reuniões de um projeto de núcleo caratinguense do MR-8, e isso nos empolgou mais ainda.

A turma fazia parte da esquerda festiva, e começou a frequentar as reuniões pra ver se ficava menos festiva e mais esquerda. Tudo indicava que a ditadura de 64 estava agonizando, e o clima estava propício para acelerar o fim desta agonia. O primeiro passo era tomar o CEC!!!

Sabíamos que não ia ser fácil, pois a direita *tacanha*, que mandava na cidade, não ia abrir mão do CEC assim tão docilmente, mas sabíamos que, mesmo se não ganhássemos, iríamos fazer um barulho daqueles. Só não imaginávamos que fosse ser tanto.

Quem me chamou para formar uma chapa foi o Salatiel. Salá, mais velho que a gente uns três anos mais ou menos. De uma inteligência brilhante, comunista convicto, inspirava em nós um respeito de quase gurú. Seu quarto, em sua casa, era o nosso QG: um aparelho de som, um monte de discos de Geraldo Vandré, Chico Buarque, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Tarancón, Raíces de América, MPB-4 e outros engajados. Livros de Pablo Neruda, “Os Carbonários” do Sirks, “As Veias Abertas da América Latina”, “Guerra do Paraguai: Genocídio Americano”, do Chiavenato (o Flavinho até comprou o “Guerra do Chaco”, do mesmo autor)...aquilo não era um quarto, era um “aparelho”.

Uma prancheta de desenho, canetas de nankim, “Guerra de Guerrilhas” e todos os outros diários do Che Guevara, além de alguns estudos sobre “O Capital” do Karl Marxs. Foi ali, ouvindo “Guantanamo”, que a gente montou a nossa chapa para concorrer ao CEC, com o sugestivo nome de “Bandeira Branca”. Nada a ver com a marchinha de carnaval: o nome foi tirado de uma música do Vandré. (Detalhe: o Salá tinha um

disquinho, daqueles compactos simples, com a gravação ao vivo de “Caminhando” no festival de 68, quando, em meio ao silêncio da platéia, ouviu-se alguém gritando “Caratinga!” - segundo o Salá, era o Ziraldo)

O Salá seria o presidente, claro. Eu, como diretor da J.A., fui indicado à vice-presidência. A chapa pedia que cada colégio deveria ter um representante, com o nome de “deputado”. O Márcio Cabeção foi indicado pra representar o Estadual. O Robertinho pelo Polivalente, o Orêia, do Som Temporal, pelo CNEC, o Sânzio Alvim pelo Monte Carmelo, Serginho Cogú pelo N. Sra. das Graças, Joãozinho Taruira pelo Colégio Caratinga; realmente, quando a direita começou a espalhar que a nossa chapa só tinha comunistas e maconheiros, não estava muito longe da verdade, não. Mas, “melhor ser maconheiro e comunista do que ser explorador do povo”! Bom, pelo menos, essa filosofia não nos deixava abater pela chuva de malediscências que desabou sobre nós. Fiquei sabendo de coisas sobre minha vida íntima que deviam ter acontecido quando nem eu estava por perto... Na verdade, para impedir que a gente entrasse eles usaram as armas que usavam normalmente nas campanhas cortaguela x furanuca, só que a gente não era acostumado com aquilo.

Nosso objetivo era fazer uma mudança radical na estrutura do CEC. Continuar com os festivais, mas trazer atrações de qualidade artística, embora dentro da verba disponível. Usar a verba que tinha sido liberada pelo governo para conclusão da Casa do Estudante (um edifício de três andares) para terminar a obra o mais rápido possível: estavam lá, inacabados, um anfiteatro, um salão de festas, uma sala grande para biblioteca e tres salas para escritórios. Promover eventos no anfiteatro, com shows musicais, bailinhos, teatro, convenções, reuniões. Promover feiras hippies no Jardim Grande. E, principalmente (o que arrepiava o pessoal da direita): promover a conscientização política da classe estudantil, que, por causa do controle da

Começamos a campanha. Eu, o Salá e o Márcio (que, além de candidato a deputado, era o nosso secretário-geral), mais o representante do colégio que estávamos visitando, íamos de sala em sala fazer a nossa campanha, e metíamos o pau no governo e na política local.



Do governo, falávamos da repressão promovida contra os estudantes, o fechamento da UNE e das UEEs, da redução drástica promovida pelos governos militares nas verbas destinadas à educação (comparávamos com o governo João Goulart, quando Darcy Ribeiro foi ministro da educação. Anos depois, tive a honra de entrevistar Darcy, para o Jornal do Norte, de Montes Claros), da cassação de professores comprometidos com a causa popular, da entrega da Amazônia a projetos como o Jarí, da subserviência ao FMI, da censura aos meios de comunicação e a manifestações culturais, das perseguições e torturas aos presos políticos, citando especialmente o cartunista caratinguense Wagn, rapaz de muito talento que morreu nos porões da ditadura, e de Inês Etienne Romeu, outra caratinguense que continuava presa, depois de ter sofrido torturas horríveis, e assim ia.

Metíamos o pau na política local, também. Dizíamos que a Casa do Estudante, que estava em obras, pertencia a uma entidade separada, e de estudante só tinha o nome. E que, se concluída, seria usada para fins particulares, jamais pertenceria ao movimento estudantil. (Hoje, ninguém fala mais “Casa do Estudante”, e sim “Edifício Casa do Estudante”... com certeza, nós não erramos a previsão). Apresentávamos nossa proposta e pedíamos o voto da turma.

Eu digo “dizíamos”, mas quem falava, mesmo, era o Salatiel. Ele tem o dom da oratória, falava pra caramba, dava até gosto..Ele falava e ia conquistando a platéia, enquanto eu, que era super-gago em público (no meio da turma, até que não. Mas em público, Deus me livre), ficava desenhando no quadro negro coisas relativas ao que ele dizia (cada um com seu talento...). Os desenhos e a oratória do Salá faziam o maior sucesso com a estudantada. Muito adolescente de quinta e sexta série que nem sabia que vivíamos uma ditadura militar, começou a se interessar pelo que estava acontecendo.

Pra completar o pesadelo da direita, o Mário Lúcio, que era filho do prefeito na época, o João do Tino, nos deu duas caixas de tinta spray pra gente fazer campanha. Saímos de madrugada e pichamos a cidade inteira, caprichando mais ainda nos muros próximos às casas dos

chefões da política. Eu fazia caricaturas minhas e do Salá e a gente pichava as palavras de ordem da época, como “pelas liberdades democráticas, abaixo a máfia do CEC, abaixo a ditadura, abaixo a discriminação racial”.



Foram 12 latas de Spray em uma noite. Demos o azar de encontrar com o Sânzio na hora de ir pichar: ele pegou uma lata e saiu pichando tudo o que dava na telha, frases loucas em paredes de casas. Isso deu munição pro pessoal pegar pesado na campanha contra a gente, especialmente direcionada aos pais dos estudantes.

Enquanto isso, nossos adversários poderosos, apadrinhados pela “ditadura” local, faziam a política que aprenderam com seus mestres: iam nos mesmos colégios onde estávamos pregando, esperavam a gente sair da sala e entravam distribuindo cadernos, réguas, lápis e borrachas (corrupção eleitoral começa na escola!) e falando que a gente era comunista, e se a gente ganhasse, iríamos fazer as coisas mais escabrosas e absurdas. Enquanto isso, o Fernando França, todo dia, na hora do almoço, em seu programa na rádio, “Falando Francamente”, falava francamente que a sociedade precisava se mobilizar para impedir que “aquela quadrilha” tomasse conta dos seus filhos estudantes, em nome da moral, dos bons costumes e da civilização cristã. Afinal, éramos comunistas, maconheiros...

Claro que esse papo deles, mais as reguinhas e borrachas, só colavam com os meninos da 5ª série, ou, no máximo, com alguns da 6ª.

E o nosso fusquinha?

O Salá tinha um fusquinha 69 que era o nosso veículo oficial de campanha. Eu e o Márcio compramos umas tintas, e saímos com o Fusca Bala, procurando um lugar pra fazer umas pinturas nele. Acabamos levando-o ao pátio do Santuário e pintamos o bicho em frente à grutinha, durante a tarde (a gente era comunista, mas gostava de rezar). Ficou caprichado. “CEC 80 - Salá e Camilo”, “Bandeira Branca”, “Pelas Liberdades Democráticas”.

O fusquinha era tão bom, que parecia fazer 300 kms. com um litro de gasolina, para nossa sorte, pois ninguém tinha grana pro gás, e com nosso estilo de campanha, ficou difícil arranjar alguém que quisesse se comprometer nos patrocinando. Até o Mario Lúcio tirou o corpo fora, depois da confusão que nós arrumamos com os sprays que ele nos deu. O santo do fusquinha ainda andava, depois que acabava a gasolina, até a



gente chegar a um posto e colocar mais meio litro.O Márcio era o piloto oficial.

A gente se reunia na casa do Salá para discutir os próximos passos da campanha. Me lembro de que ouvíamos muito um disco do Fagner que fazia sucesso, aquele que tinha “O aaaaaaço...dos meus ooooooolhos...”. Nas paredes, sempre tinha algum papel colado, com uma gozação de alguém com alguém da chapa. Um dia, quando eu cheguei, tinha uns 10 guardanapos emendados verticalmente. No de cima, o meu rosto, desenhado magnificamente pelo Salá. Nos outros nove, o meu pescoço. Foram necessários nove guardanapos para dar a proporção do meu pescoço em relação à cabeça! Tinha placas de sinalização, bichos, casal de namorados, tudo no caminho.

Depois da reunião, a gente entrava no Fusca Bala e ia fazer campanha. Parecia aqueles fusquinhas de gincana: entravam umas 10 pessoas dentro dele. Fizemos umas carreatas (se é que se pode chamar desfile de dois ou três carros de “carreata”), jogando panfletos pelas janelas e gritando palavras de ordem nas portas dos colégios na saída das aulas. O Salá não gostou muito de uma que a gente improvisou no calor do momento. Em vez de gritarmos “Salá-tiel!” gritamos “Salá-frário!”

Fizemos muita bagunça, mas demos nosso recado. Quase fui demitido da rádio (acabei sendo, depois) entre outras coisas por ter feito uma carta aberta contra o Fernando França e pregado no mural da Vitafrutas do Paulinho (funcionava mais do que se tivesse anunciado na Globo). Aproximando-se o dia das eleições, o clima começou a ficar pesado.

Chegou o dia. Davi contra Golias. Idealistas amadores contra raposas felpudas. Guerrilheiros desarmados contra “soldados armados, amados ou não”. Bom, era assim que a gente se sentia. Mas não deu outra. Foi um massacre. Começou pelos fiscais de urna. Os nossos, nunca tinham trabalhado antes em uma eleição, estudantil ou não. Aliás, nunca tinham trabalhado é em nada. Os deles, pareciam ter sido treinados em uma fábrica de mata-borrão: anulavam votos por um simples espirro. A maioria era de caras parrudos, que intimidavam os nossos, que eram franzinos, além de ter muitas meninas no meio.



As eleições foram realizadas nos três horários de aula, terminando lá pelas 10 da noite, quando as urnas foram para a Casa do Estudante. Lá, ficaram guardadas por policiais. Ninguém podia entrar no prédio até o dia seguinte, quando os votos seriam apurados. A gente fez uma vigília na porta, numa escala de revezamento. Constatamos que, realmente, ninguém podia entrar - exceto o então presidente (que controlava a chapa adversária), Lúcio Thomé (que controlava o então presidente), e outros, menos cotados, da turma. Eles passaram a noite inteira, entrando e saindo, como se as urnas guardadas lá dentro estivessem precisando de um copo d'água, um marmitex, uma cervejinha...

No fim da apuração, a situação ganhou por uma margem de pouco mais de cem votos. Mas teve voto demais naquelas urnas.

Parecia que, naquele dia, TODOS os estudantes, sem exceção, foram às aulas, o que seria uma hipótese historicamente impossível - pelo menos, no nosso planeta.

“Se tivessem roubado um pouquinho menos, eles perderiam”, falou o Márcio.

Nós reclamamos, esperneamos, teve uma barulheira danada de estudantes vaiando, gritando, os policiais doidos pra pular em cima da gente, mas não adiantou nada, ainda fomos chamados de baderneiros e maus perdedores... Lúcio Thomé chegou na rádio, dias depois, e me gozou bastante, dizendo que se eu quisesse mesmo entrar para a política, precisava tomar umas aulinhas com ele...

Depois de nos dispersarmos, cada um foi curtir a deprê a seu modo. Alguns foram pro alto da pedra Itaúna fumar maconha até estourar; outros foram para o Hospital Regional, meditar; outros, foram pra casa dormir, namorar, estudar, sei lá; eu e o Márcio fomos de moto até Realeza, tomamos umas bramas e voltamos. No outro dia tinha aula, e a vida ia continuar. O CEC também ia continuar: foi passando de mãos em mãos incompetentes, até chegar ao estado lastimável que se encontra hoje: não há.



mais Centro dos Estudantes; o prédio da Casa do Estudante pelo menos abriga uma biblioteca, o que já é alguma coisa.

Se a gente tivesse perdido na moral, teríamos tentado novamente.

Mas nós éramos adolescentes (eu ainda ia fazer 17). Não tínhamos bagagem pra enfrentar a política dominante, que acreditava que a política estudantil poderia ameaçar o status quo... Além disso, eram especialistas. A gente não tinha nem moral, comparando com eles. Ainda por cima, perdemos o tesão; não estávamos interessados em virar heróis. Demos nossa parte por feita, por enquanto - e fomos fazer aquelas coisas que adolescentes fazem: estudar, paquerar, pirar a cabeça dos nossos pais, dos professores, bater umas bronhas, essas coisas (naquela época, as meninas ainda não davam pra gente).





“O Movimento Cultural é um botão antigo, que cresceu e florescerá em cada um, a partir do desejo de promover e divulgar toda manifestação cultural e artística, abrindo caminhos à nossa cultura, para que ela possa ocupar os espaços a que faz jus”



Movimento Cultural Caratinga 81

O Marco Antônio Porcaro tinha aprendido uma técnica de pintar camisas usando bucinhas, sprays, tinturas e máscaras. Era bem rudimentar, tipo feira hippie, mas dava um efeito sensacional. Começamos a pintar umas camisas num sótão abandonado, na casa dele, e vendíamos no outro dia. Como vimos que dava pra desenvolver, descolamos uma grana emprestada e compramos material pra montar um estudiosinho, no sótão da casa dele, mesmo, desenvolvendo uma técnica que batizamos de “Fut-Fut”.

Ninguém sabia que o “macete” eram as bombas de inseticida, tipo “flit”, que agente comprava na Casa do Agricultor. Ficávamos o dia inteiro fazendo “fut fut” com as bombas. O efeito era melhor que compressor de ar, pois o jato era mais suave, permitindo efeitos mais sutís. O problema era que um braço ficava mais musculoso que o outro. O braço direito, usado para empurrar o ar, ficava todo duro. Cansava. Mas quando víamos a camisa pronta, nem dava vontade de vender, de tão legal. Criamos uma meia dúzia de clientes assíduos, e alguns deles até hoje me perguntam quando é que vamos fazer uma outra coleção. Quem sabe?...

Quando pintar no sótão bagunçadíssimo da casa do Porcaro estava começando a se tornar inviável, uma amiga nossa, a Lorinha, que tinha uma academia de balé e jazz, mudou-se para um espaço maior, com um quartinho nos fundos. Eu e o Porcaro ajudamos a decorar uma apresentação de suas alunas, e ela nos ofereceu este quartinho pra gente montar nosso estúdio.

Parecia que iríamos conhecer a glória. Um estúdio nos fundos de uma academia de dança onde estavam as maiores gatinhas da cidade. Acabamos ficando bonitos na foto. Quando a gente cansava de trabalhar, ficávamos sapeando na academia. E o nosso atelier foi batizado de “Atelier da Massa”. O logotipo era uma gaivota (em forma de “M”, de Marco) cortando uma lua crescente (em forma de “C”, de Camilo).

O atelier acabou virando um “point” pra moçada. Sempre tinha alguém lá. A Lorinha contava com a gente pra ajudar nos seus eventos, o que a gente fazia com o maior prazer. E quando as meninas da academia resolviam nos visitar, o atelier virava um aeroporto.



Começou a surgir a idéia do Movimento Cultural, e o Paulo Sérgio, o PS, foi nos procurar pra uma reunião. O Ziraldo ia estar em Caratinga em breve, para uma noite de autógrafos, lançando dois livros: “A Bela Borboleta”, dele e de seu irmão, o artista plástico e curador de museus em São Paulo, Zélio; e a primeira edição do “Menino Maluquinho”. O PS nos chamou para aproveitar sua estada e pedir apoio para iniciar um movimento cultural na cidade; era desejo de uma turma boa de caratinguenses que estavam em BH, canalizar as coisas pra cá. Já que tínhamos perdido as esperanças quanto ao Centro dos Estudantes, íamos fazer tudo por nossa conta mesmo, e o CEC que se fudesse pra lá.

Tive a honra de desenhar o cartaz de lançamento da primeira edição do Menino Maluquinho na cidade do seu autor. Ninguém sabia que o livro se tornaria o maior best-seller infantil da história da literatura brasileira. O cartaz do lançamento já trouxe a expressão “Movimento Cultural Caratinga 81 apresenta...”

Preparamos um projeto, e depois da manhã de autógrafos, que foi na FAFIC (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), reunimo-nos, à tarde, com o Ziraldo e o seu tio, Wilson Martins, que mais tarde iria lançar o seu “Memórias de Um Menino de Negócios”, que eu li, reli e chupei a idéia destas minhas pseudo-memórias (embora eu sempre tenha sido péssimo em negócios, como se pode notar). Fomos para um restaurante que só ia abrir à noite. Entre alguns drinks, eu, o PS, o Salatiel, Porcaro, Claudinho Piazarollo e a turma, expusemos ao Ziraldo nossos projetos, que eram derivados do que o PS trouxe da reunião com a turma de BH.. Ele disse que ajudaria no que pudesse, nos deu umas dicas valiosas e deixou-nos autorizados a lhe procurar quando fôssemos por em prática nossas idéias.

Saímos da reunião no maior gás. o

primeiro passo seria lançar um manifesto do movimento, que começava dizendo que o Movimento Cultural era “um botão antigo” que estava germinando, e terminava com o propósito de fazer com que a cultura ocupasse o espaço “a que faz juz” (melhorou). O segundo foi preparar um cartaz para o MCC81. Eu e o Porcaro (ou seja, o Atelier da Massa) ficou encarregado de toda a programação visual, e junto aos outros integrantes do MCC, chegamos à conclusão de que o ideal seria uma porta bem grande, como um portal para outras dimensões. Bolamos duas sugestões, o Marco desenhou uma, e eu a outra, a que acabou sendo escolhida.



Era uma porta com uma escada, tipo entrada de igreja. Do lado de fora da porta, só o infinito. Sentado na escada, um duende, com uma garrafinha do lado e um cachimbo na boca. Dentro da porta, que estava aberta, um mundo muito louco; com um rio, um piano, um cogumelo, um anjo (Led Zeppelin? Qualquer semelhança seria mera coincidência?...), um arco-íris, essas coisas. Um único dizer, dizia tudo: “Movimento Cultural Caratinga 81”. Foi na verdade um pôster. A gente pregava nos barzinhos e lojas, e a rapaziada arrancava pra levar pra casa (O que ilustra a abertura deste capítulo foi fotografado na parede da república do Camaleão em Florestal, MG, em 82). Ele foi espalhado em todas as cidades vizinhas. Como não trazia nenhuma informação adicional, foi despertando a curiosidade, como um “teaser”. O Atelier da Massa ficou sendo o QG do MCC81.

A seguir, para começar oficialmente as atividades do MCC, promovemos uma mostra individual de Josias Moreira, um artista plástico caratinguense, que estava de volta da Alemanha, onde havia morado por vários anos e recebido muitos prêmios pelo altíssimo nível de seu trabalho. O estilo era surrealista, meio Salvador Dalí, genial, fiquei fã assim que o conheci e não perdi uma oportunidade de aprender alguma coisa com ele, nem que fosse simplesmente lavar um pincél. A exposição aconteceu no restaurante Casarão durante 10 dias, e pelo seu brilhantismo, deu moral ao MCC para continuar avançando. Ponto para o PS & cia. Ltda.

O próximo passo foi realizar a “Primeira Mostra de Música do Interior Mineiro”. Seria um festival de bandas e artistas da MPB, como só acontecera antes em grandes centros. Projeto meio faraônico, que iria trazer à cidade 12 top-de-linha da MPB num evento que não foi superado até hoje na cidade (nem vai ser. Se fosse feito pelos promotores de eventos de hoje, só ia dar pagode, axé e breganeja. Aaaaargh). A coordenação ficaria a cargo do PS e do Ronaldinho. O Atelier da Massa fez o visual do projeto.

Fizemos uma lista com vários nomes e corremos os colégios, promovendo uma eleição: “Qual destes artistas você gostaria de ver em Caratinga?” Um dos mais votados, mas não “o” mais votado, foi o Alceu Valença. Toda a cúpula do MCC votou nele como “voto de minerva”, e lá se foram o PS e o Ronaldinho Calazans à luta, para contratá-lo e a outros que iriam fazer parte da mostra.

A “Mostra” foi programada para 30 e 31 de julho, e 1º de agosto. Eles tinham conseguido contratar o Alceu para o encerramento. Os outros nomes



da Mostra, todos cinco estrelas: Toninho Horta e Orquestra Fantasma, Yuri Popoff e banda, Jards Macalé, Chapéu do Sol, Sagrado Coração da Terra (foi a primeira vez em que eu babei vendo o show de violino do Marcus Viana), Queluz de Minas, Chorinho da Terra, ao todo eram 12 atrações nos três dias. Um Free Jazz em miniatura, um festival de Montreux em Caratinga. Megalomania pura!

Em junho, no aniversário da cidade, o Movimento Cultural montou um carro alegórico e desfilou também. Nós reproduzimos a porta, do cartaz, na parte traseira do carro. Dentro da porta, e em cima do carro, colocamos tudo o que queríamos manifestar com o MCC: arte (quadros do Josias Moreira), artesanato e dança (camisas do Atelier da Massa vestindo os integrantes do MCC e as meninas da academia de dança), música (o violão do Ronaldinho), algumas máscaras de teatro, o que deu pra juntar, pois resolvemos participar do desfile de última hora, num “insight” que o PS teve. Eu, o Josias, o Porcaro, o Orêia, o Cabeção, Júlio Pomba etc ficamos a noite inteira, até minutos antes do desfile começar, às 8 da manhã, pintando e montando tablado, em cima do jipe do Ronaldinho. Foi fácil e divertido, o Josias deu seu toque artístico levando uma “chuquinha” (daquelas de bebê) com capacidade para dois litros, cheia de cachaça de Ipanema (a cidade mineira, não a praia carioca). Quando tomamos a última gotinha, o carro estava pronto e as meninas estavam chegando. O desfile foi mais um ponto a favor da seriedade do movimento.

Os cartazes da Mostra ficaram prontos. A arte foi feita pelo mestre Josias Moreira. Ou melhor, simplesmente fotografamos uma tela sua, que mostrava uma mão dedilhando um violão, e o cartaz estava pronto. Creio que o quadro original foi adquirido pelo Ataíde Lima. Bastou acrescentar os nomes dos artistas e mandar pra gráfica. Foi feito em sépia, como o original. Ficou lindo. Todos os artistas mandaram, também, os seus próprios cartazes; o Alceu ia lançar seu novo disco, “Cinco Sentidos”; Toninho Horta ia lançar o “Vôo dos urubús”, aquele em que o Pat Metheny toca com ele pela primeira vez, e que tem “Manoel o Audaz”(jundo com Lô Borges). Esses discos, eu e o The León acabamos ganhando de presente. O cartaz mais bonito, porém, foi o de Júnia

O grande dia foi se aproximando. O PS e o Ronaldinho não estavam tendo facilidade para conseguir todo o patrocínio necessário. O mês de julho



correu todinho em função da Mostra, paramos até com as camisetas. Montamos um stand de vendas na pracinha do relógio, usando restos do carro alegórico; de lá, enviávamos correspondência para toda a imprensa do Estado, que não deu muita bola, afinal era gente do interior que não tinha grana pra dar pra eles; em compensação, enviávamos e recebíamos correspondência de todos os amigos, amigos dos amigos, conhecidos e desconhecidos que conseguíamos o endereço.

Muita gente de fora, que veio passar alguns dias das férias em Caratinga, resolveu ficar para o dia do festival; apareceram uns hippies muito loucos e começaram a fazer seus artesanatos pra vender lá; ficamos conhecendo uma porrada de gente, especialmente uns caras que andavam igual hippies mendigos, mas um deles era tão pobre, que era neto ou coisa parecida do Tancredo Neves. Um monte de meninas também. No fim da tarde, acabava indo todo mundo pro Atelier, que foi ficando pequeno, então a gente aproveitava o terraço da casa e ficava lá em cima, batendo papo, tocando violão, tomando vinho, especulando sobre o grande dia.

Quando faltavam dias pra abertura da Mostra,

eu e o Alexandre fomos pro alto da Pedra Itaúna, o tótem de Caratinga, à tarde (na época, lá era mais deserto, bom pra uma fuga). O The León tinha ficado responsável pela coordenação da área de camping. Lá de cima víamos toda a cidade. Olhamos pra estação, onde seria o camping, e pro estádio do EC Caratinga, onde seria o show. Olhamos pro stand da pracinha do relógio, onde dava pra ver, como formiguinhas, as pessoas trabalhando, vendendo ingressos, dando informações, sapeando. E brindamos ao que estava por vir.

A cidade se transformou numa grande comunidade. Foi um Woodstock, só que o rock tinha sido trocado pelo jazz/MPB. Os shows foram fantásticos, o clima estava incrível. Tomamos cerveja com o Macalé,

Pra nós, foi igual às festinhas no terraço do Alexandre. Mas para o PS e o Ronaldinho foi como o Titanic. Não foi possível cobrir as despesas com os patrocínios + as vendas de ingressos; as despesas estouraram em muito as previsões, e eles é que estavam encabeçando tudo.



No último dia, faltou dinheiro pra pagar o resto dos cachês.

Mas até nisso você percebe o diferencial entre um bom profissional e um babaca . O Alceu subiu ao palco, falou que um dos outros artistas que iria se apresentar (e que não se apresentou) queria que os outros boicotassem o encerramento da mostra, por causa da falta de verba. Mas o Alceu afirmou que, em respeito ao público, iria fazer o show normalmente, e ia tocar até a moçada não aguentar mais. Foi o que fez. Eu já tinha visto uns cinco ou seis shows do Alceu, mas nenhum como aquele. Eu, a Marina e a Sheilinha assistimos ao show enrolados em um cobertor, caindo o maior sereno, às três da manhã, com um céu cheio de estrelas e a galera toda hipnotizada com o encerramento com chave de ouro da Primeira Mostra de Música no Interior Mineiro.

No dia seguinte, à tarde, os primeiros a acordar foram se ajuntando na pracinha, onde ainda estava o stand do MC. O Alceu não tinha ido embora, o ônibus dele estava parado lá perto. De repente, ele passa em direção ao Casarão, atravessando a rua coalhada com a moçada sendada nas calçadas, bancos, encostada em carros, comentando a noite. Alguém não perdeu a oportunidade e disparou esta:

- Aí, Alceu, aperta um pra moçada!

Achei de mau gosto, acho que o Alceu também, mas ficou por isso mesmo. Depois, ele foi embora, e o PS e o Ronaldinho começaram a planejar eventos, que nós pusemos em prática, para cobrir o rombo, que ainda perdurou por algum tempo, levando o PS a perder alguns de seus (poucos) quilinhos; mas ele conseguiu entrar para a História.

Eu não soube contar aqui nem um por cento do que foi o Movimento Cultural. Ele ainda durou até o fim do ano, mas acabou arrefecendo, pois fica difícil fazer cultura preocupando-se com duplicatas vencidas, e ainda por cima, nadando contra a corrente do status quo da cidade, que deveria ser o primeiro a assumir a luta. Mais uma vez, a gente tinha tentado.



Reunião com Ziraldo, após o lançamento de “O Menino Maluquinho”, em junho de 1981, quando foram apresentadas as propostas do **Movimento Cultural de Caratinga**. Estas fotos mal-tiradas foram tudo o que sobrou. Estiveram presentes Paulo Sérgio da Silva Gomes, Marco Antonio Porcaro, Salatiel Ferreira Lúcio, Claudio Piazarollo, Arthur Coelho, Júlio Pomba, duas garotas que eram amigas de alguém da turma, e eu, além de Ziraldo e seu tio Wilson Martins, que o acompanhava à cidade

Mercy!



**ARARAC
ALEGRE**
O Bad do Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



UNEC

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CARATINGA

A MARCA DO SUCESSO





"Que deixe de ser realista meu canto
preciso do encanto que encontro
naqueles amigos
naqueles passeios, naqueles descansos
Deixar o trabalho de lado
e fazer meu trabalho dobrado
De ser vagabundo e otário
mas estar sempre cantando
neste mundo encantado"

Ronaldinho Calazans



Numa sexta à noite, eu saio de casa.

Banhozinho tomado, pronto pros rocks. Passo na casa do Alexandre, aperto a campainha e sou atendido pelo Dr. Eduardo. Após cumprimentá-lo, quando ía perguntar se o Alexandre estava em casa, começo a gaguejar.

- O é...é...é...

Dr. Eduardo, que às vezes também dava suas gaguejadas, e sabendo o que eu ia perguntar, começou a responder:

- O...o...o...

E ficou aquele impasse:

- É...é...é...

- O...o...o...

- É...é...é...

- O...o...o...

Até que a mãe do Alexandre, que estava ficando nervosa com aquilo tudo, grita lá de dentro:

- SAIU !!!

Olhei pro Dr. Eduardo meio sem graça, e fui embora. Resolvi ir pro Boteco do Mé, que era onde o pessoal estava se encontrando na época. Era cedo ainda, umas 8 da noite, e fui dos primeiros a chegar. Sentei numa mesinha, na calçada, pedi uma cerveja e fiquei tomando sozinho, quando chega o PS e senta comigo. Começamos aquela via sacra: cerveja, tira-gosto, pinguinha. Cerveja, tira-gosto, pinguinha. O barzinho foi enchendo, e nós ali, naquele esqueminha, batendo papo. O prejuízo do MCC81 já estava administrado, e à medida em que iam descendo cervejinhas, pinguinhas e tira-gostos, o PS ia tendo mais e mais idéias mirabolantes, e eu concordando com todas elas, quando resolvemos dar um rolê. Já eram mais de 11 da noite e a gente já estava bem de fogo.

Estávamos em pé, no balcão, pagando a conta, quando param na porta do barzinho lotado três carros da PM: dois fiats e um camburão. Os “zome” desceram deles numa verdadeira operação de guerra, armados até



os dentes, dando geral em todo mundo, passando a mão nas meninas; eu e o PS, lá do balcão, continuamos pagando e comentando aquela brutalidade ridícula. “Duvido que eles fariam isso se não soubessem que, aqui, não tem ninguém perigoso, nem armado”, alguém comentou.

Quando eles chegaram até nós, já tínhamos pago a conta e estávamos prontos pra ir embora. Um cana, armado de submetralhadora, com o dedo no gatilho, apontado para mim, me deu uma geral. Animado por umas quatro águas-que-passarinho-não-bebe, falei pra ele não perder tempo, pois não iria achar nada ali. Ele me mandou calar a boca pois eu não sabia o que estava falando.

Eles estavam visivelmente tensos, soube depois que procuravam um traficante perigoso, já tinham ido a vários butecos. Nos liberaram, e eu e o PS começamos a ir embora. Saímos do buteco abraçados, cantando “há soldados armados... amados ou não...quase todos perdidos de armas na mão...”

Ouví um “PÁF!” e fiquei surdo

momentaneamente. Um cana tinha me dado uma “canao”, e agora apontava a metralhadora pra mim. Outro segurava o PS. Queriam nos levar pro fiat. O PS começou a espernear e estrilar, veio um outro cana e o agarrou também. Acho que a “canao” sarou a minha tonteira, pois eu percebi o que estava acontecendo e não ofereci resistência. O PS esperneou tanto, que tiveram que dar coronhadas nele pra ele entrar no fiat. Mário Lúcio, o filho do prefeito, estava no barzinho, e fez sinal para que eu entrasse no carro que ele daria um jeito. O PS, com sua sutileza paquidérmica, ainda gritou pra ele: “Ô Mário Lúcio, cê tá vendo e não vai fazer nada??”, como se o Mário tivesse autoridade pra mandar nos “zôme” só porquê era filho do prefeito (e assessor direto, também).

Os canas dos outros veículos foram encher o saco da rapaziada dos outros barzinhos, e o fiat subiu para a cadeia com a gente. Deve ter sido desacato à autoridade, alguma coisa assim, mas foi feito na maior arbitrariedade. A gente não pode mais nem cantar, pô! Como é que eles faziam aquilo com o presidente e o assessor de imprensa do Movimento Cultural ?? Em 1981, estávamos em plena ditadura, e a moçada que ficou no buteco temeu por nós.

Dentro do Fiat, estava um outro que acabava de ser detido: o “Bofê”.



E lá fomos nós, rumo ao cárcere (ei! “Memórias do Cárcere” seria um bom nome pra este livro! Será que alguém já usou antes?). No caminho, o PS foi falando na orelha dos “zôme” o tempo todo, chamando-os de arbitrários, gorilas e filhos da ditadura. Eu concordava com ele. O Bofe me cutucava toda hora:

-Pelamordedeus, Camilo, manda esse cara calar a boca, senão nós estamos fudidos!

É, o Bofe devia saber do que estava falando. Os “zome” só olhavam pra trás, com aquela cara de “vocês vão ver quando chegar lá em cima”.

Chegando lá, fizeram um registro, tomaram de nós quaisquer objetos que pudessem ser usados como arma, inclusive um cinto de corda que o Tony, de Brasília, tinha me dado, o que me fez protestar veementemente, e nos colocaram numa cela, os três.

A cela estava escura, dava pra ver um monte de sombras de presos dormindo no chão e em catres. “Catres” é ótimo. Eu e o PS nos assentamos no chão, com a bunda encostada na parede, por garantia. Bofe juntou-se a nós, e ficou dando dicas, expert que era.

Um policial, que dava serviço à noite, e me conhecia, foi até nós querendo saber o que tinha acontecido, mas eu disse que nem eu sabia. Perguntou se eu já tinha estado ali, do outro lado da cela, respondi que não. “É, sempre tem uma primeira vez”. E foi-se embora, sem ao menos pedir desculpas pela frase-feita infame.

Escutei alguns resmungos, e ví uma sombra se levantando. Levantando. Levantando. Nunca acabava de levantar. Era um negão enorme. Olhei pro PS, que fazia aquela cara de condenado rumo ao cadafalso, vendo aquele king kong, e pensei o pior. O negão chegou resmungando alguma coisa que ninguém entendia, mas o Bofe serviu de tradutor e explicou que ele queria cigarros, e que era melhor a gente dar. Mas a gente não fuma! O Bofe explicou isto pra ele, que se agachou e ficou encarando a gente.



Olhando pra cima, ví uma pequena janela, um cubículozinho com grades, e comentei com o PS que iríamos descobrir, finalmente, o que era ver o sol nascer quadrado. E o diamante negro alí, agachado como se estivesse soltando um barro, olhando pra gente. Talvez, imaginando quem seria o prato principal e quem seria a sobremesa.

Mas ainda não foi desta vez. Enquanto o king kong se decidia, seus sonhos foram por água abaixo quando surgiram um policial, o Mário Lúcio e o advogado da prefeitura, Márcio Furtado, do outro lado das grades.

- São aqueles dois alí? - perguntou o policial. Mário confirmou, ele abriu a porta e nós saímos. Digo, o PS saiu, pois eu fiquei tentando me desvencilhar do Bofe, que não largava meu braço, pedindo pra eu pedir pro Mário liberá-lo também. Mas não teve jeito. Ele teve que ficar lá, se entendendo com o negão. Depois fiquei sabendo que, o que parecia ser um Mike Tyson esticado, não passava de uma Vera Verão. Não dá pra imaginar qual dos dois seria pior.

Fomos diretos pro Boteco do Mé, onde a rapaziada tava toda no maior drama. Quando nos viram chegar, virou festa. O maior buzinaço. Alguém jogou uma lata de cerveja na minha mão, eu e o PS entramos no jipe do Ronaldinho e saímos buzinando pra rua afora, uns 10 carros atrás da gente.

Tudo aconteceu tão rápido, desde a nossa prisão até a nossa soltura, que quando meu pai foi informado e estava saindo de casa com o tio Joaca pra ir pra cadeia atrás de nós, a gente topou com eles, em pleno buzinaço. Ele nem quis esperar terminar a festa, me pôs no carro e levou pra casa, me chamando na regulamentação até eu ir dormir.

Coitado do meu pai, eu o fiz envelhecer muito.



Arigatô!



ARARACÁ ALEGRE
Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE

RIODOC



O Best do
Camilo

Uma noite de cão

Tava numa vida boa que dava gosto. Ah, bons tempos... De manhã, cerveja, pinguinha e salgadinho no Quinzinho, de tarde, churrasco e chope no sítio do Camaleão; fim de noite bem acompanhado, na Adega do P.S., à base de vinho Liebfraumilch (da garrafa azul, claro: quam não gostava?) e queijo Provolone. Nada mal para um Sábado.

Pois eu confesso que quando cheguei em casa mais ou menos lá pelas 2 da manhã, alguma coisa me dizia que a noite não ia ser tão agradável assim, mais.

Nos "rocks", durante o dia, perdi minha carteira. Isso foi um sintoma: ficou me marretando a cabeça, embora eu tivesse quase certeza de que no outro dia ela reapareceria (como reapareceu).

Subi as escadas do prédio, cheguei ao segundo andar e apertei a campainha do 201. A campainha lá de casa lembrava a sirene de uma ambulância misturada ao berrante do Sérgio Reis, alguma coisa assim. Bom, lá na rua deu pra ouvir. Eu, sem minha chave. Apertando a campainha, apertando, e nada. Primeiro, devagar, depois, insistentemente.

Depois de uns vinte minutos de sirene, cheguei a uma brilhante conclusão: como minha mãe havia viajado naquele dia, talvez meus irmãos tivessem ido dormir na casa da minha avó... foi o que me veio à cabeça.

A solução que encontrei foi subir ao terraço e tentar dormir na rede. Mas devido ao grau alcoólico da situação, e como eu nunca morei no Ceará, alguma coisa me impedia de me sentir confortável com o corpo arredondado pela rede. Para resumir, o teto estava girando e o chão parecia vir ao meu encontro. Não consegui pregar o olho.

E o frio comendo. Caratinga recebe o inverno primeiro, só pode.

Resolvi tentar de novo. E lá estava eu, à 1 hora da manhã, tocando berrante num prédio de seis apartamentos. Buzinei a sirene durante mais uns quinze minutos, e as luzes dos outros apês começaram a se acender. Saré que eu estava incomodando?



Ninguém abriu a porta. É, não tem ninguém aqui, mesmo. Oh meu Deus, como eu queria uma cama agora! Ou pelo menos um colchãozinho de espuma qualquer...

Antes que os vizinhos abrissem as portas para me jogar baldes de água, resolvi voltar pro meu frio terracinho. O sono, junto com o total de biritas do dia (Que aqui foi? Era sábado pô! Além d mais eu sou da turma do A.A.) me fizeram acreditar que a escada era rolante. “Moderno, esse prédio”, pensei. Me agarrei ao corrimão e consegui chegar lá. Deitei na rede e caí no chão.

Bom, então era melhor fazer isso mesmo. Tirei a rede, estiquei-a no chão, me enrolei nela e deitei ali mesmo. Mas ainda não inventaram um chão acolchoado para terraços. Dureza total. Fora o frio. O chão me lembrou um pouco o palco do Rock in Rio: era giratório.

Não consegui pregar o olho, novamente. Rolava de um lado para o outro (ou era o chão que fazia isso para mim?) e não conseguia nem cochilar. Mil pensamentos invadiram minha cabeça. “Pó, que qui eu fiz pra merecer isso? Primeiro a carteira, depois a chave?”

Mas alguma coisa estava falando “bem feito, bem feito” na minha cabeça. Tomara que a manhã chegue logo, assim vou para a casa de alguém e tiro uma soneca. Mas o dia não chegava de jeito nenhum. Minha situação tornou-se insuportável, mas a esperança é a última que morre. Desci de novo. Se os vizinhos me jogassem água seria até bom, assim eu me animava um pouco.

Apertei de novo a buzina de scânia.

Os cachorros começaram a latir, uma coruja passou por cima de mim com cara de recém-acordada, mas eu continuei tocando a sirene por mais uns minutos.

De repente, minha irmã abre a porta diz:

- Pra quê esse barulho ? Não tem ninguém surdo aqui não!!!

Bem, a narrativa termina aqui, pois o que aconteceu a seguir não é próprio para pessoas que tem nervos fracos.



Cemig, Salá, Feira Hippie e Montes Claros



“There’s only one direction in the faces that I see
It’s upward to the ceiling, where the chamber’s said to be
Like the forest fight for sunlight, that takes root in every tree
They are pulled up by the magnet, believing thei’re free.
The carpet crawlers heed their callers:
we’ve got to get in to get out”

Carpet Crawlers, Genesis

trilha sonora, enquanto pintava as camisetas pra levar pra feirinha hippie de Montes Claros...



O Baú de
Camisetas

Perdendo a eleição por 1 voto

Durante dois anos, fui chargista e repórter do Jornal do Norte, em Montes Claros. Foi lá que me iniciei como chargista profissional.

Dei início a duas colunas, no Jornal do Norte: “Pelos Bairros”, de utilidade pública, e “Gente & Artes”, cultural. A cidade é muito rica culturalmente, tem conservatório público, um Centro Cultural muito alinhado, prestigia suas raízes folclóricas, o Beto Guedes é de lá, o Zé Côco do Riachão também, entre outros; assunto nunca faltava. E a “Pelos Bairros” recebia reclamações, que eu ia conferir antes de publicar.

Um dia, quase no fechamento da edição, uma mulher telefona desesperada, pois tinha dado um curto-circuito num poste em frente à sua casa, e queimado todos os seus aparelhos eletrodomésticos que estavam com a tomada plugada, na hora: ferro elétrico, televisão, aparelho de som, geladeira. A filha dela, que estava tomando banho, levou choques elétricos - através da água do chuveiro! Ela disse que a Cemig tinha afirmado desconhecer tal curto, e que não faria nada a respeito, ou seja: ela é que ia ficar no prejuízo.

Fiquei sensibilizado, e incluí a notícia na coluna que iria mandar imediatamente pra impressão; não dava tempo de ir conferir, mas confiei nela.

No outro dia, horas depois do jornal ter ido para as bancas, chega uma carta da superintendência regional da Cemig endereçada ao diretor do jornal, Américo Martins, dizendo que o repórter tinha cometido um “equivoco” (forma educada de chamar o repórter de mentiroso), pois não havia registros na empresa sobre aquele fato, e pedindo providências. O editor levou o maior espôrrô, e veio querendo descarregar em cima de mim. Querendo, não: descarregou. Além de me chamar na regulamentação, ainda me deu uma advertência para assinar. Nem imaginava o que era uma advertência, e já ia assinar, quando o Aldeci (será que é com “y”?), um outro repórter, me chamou em particular e disse que não fizesse aquilo, que eu podia me recusar, e me deu umas dicas. Eu tive uma idéia melhor. Falei que até podia assinar, mas antes, iria à casa da mulher pra conversar com ela.



Chegando lá, ela me mostrou os eletrodomésticos queimados, a filha dela me falou dos choques, as vizinhas confirmaram tudo. Voltei pra redação munido. Sentei na máquina e fui detonar a próxima coluna. Comecei por publicar a carta da Cemig, na íntegra. A seguir, publiquei uma resposta, intitulada “O fato”. “No dia tal, à hora tal, na rua tal, número tal, aconteceu isso, isso, isso, segundo as testemunhas tal, tal e tal, com o prejuízo tal, blá blá blá. Quem deve ter cometido um “equivoco” deve ter sido o pessoal da Cemig etc etc etc”. Deitei e rolei; agora, seja o que Deus quiser...

No dia seguinte, estava na recepção do jornal, à tarde, batendo papo com a nossa “mãezona” do jornal, a Célia, do depto. pessoal, pois não tinha nada pra fazer aquela hora, quando chegam dois engravatados, com cara de políticos, empresários ou coisa assim, e pedem para falar com o responsável pela coluna “Pelos Bairros”. Eu gelei todo. A Célia olhou pra mim, pra eu dar um sinal se era pra ela me entregar ou não. Eu mesmo falei:

- Sou eu.

Tratava-se do superintendente regional da Cemig, em pessoa. Ele quis se desculpar pessoalmente por ter me acusado injustamente, pois a falha foi de um funcionário seu que não tinha dado a atenção devida à queixa (acho que uma cabeça rolou, ali...). Ele me acompanhou até o Editor, a quem repetiu o que me disse, afirmando que isso não iria se repetir e que a empresa iria indenizar a vítima por todo o seu prejuízo.

Depois que eles saíram, eu, que dois dias antes tinha sido chamado de incompetente, fui tratado como herói por toda a redação. Acabei fazendo um “vale” com a Célia, e chamei a rapaziada pra tomar umas geladas no Chica da Silva, por minha conta. O barzinho do Gêra ficava perto do aeroporto de Moc, e no fim da madrugada, a gente estava empurrando um dodginho Polara velho do Agnaldo pra conseguir ir embora pra casa.

Uns dois meses depois, fazendo uma outra reportagem, passei perto da casa da mulher e resolvi ir conferir. Apertei a campainha, ela veio me receber no portão; nem me convidou pra entrar, tomar um cafezinho, nada. Perguntei se a Cemig tinha, mesmo, indenizado-a. Ela disse, secamente, que “sim”, e ficou me olhando, como se perguntasse: “mais alguma coisa?”



Pedí desculpa pelo “incômodo” e me mandei, chingando a ingrata com os meus botões. “Babaca! Idiota! Cretina! Devia ter te deixado se fuder pra lá. Queria ver onde você ia arrumar dinheiro pra comprar tudo de novo. Ia ter de virar “televisinha”. Além de pobre de dinheiro, pobre de espírito!” Mas chinguei só da boca pra fora. Eu tinha ganhado mais do que ela. Ganhei meu primeiro troféu como repórter: o pequeno Daví Camilo venceu a Golias Cemig! Não contavam com a minha astúcia!

Logo depois, eu fui pra Caratinga. O jornal teve que me liberar, pois eu estava alistado no Tiro de Guerra e precisava me apresentar. E fui, rezando pra ser dispensado, ou então, eu ia ter de deixar o jornal e voltar pra cidade, ou, o que é pior: servir um ano de exército, lá mesmo, em Moc.Maldito Olavo Bilac. O Salatiel tinha se candidatado a vereador, e eu comecei a ajudar na campanha. Era 82, teríamos eleições para governador depois de muitos anos, e o PMDB era o líder da luta contra a ditadura. Toda noite saía pros rocks (na época, não era balada) e acabava a noite me sujando todo de tinta fazendo caricaturas do Salá e do Fabinho pelos muros da cidade. Fiz mais duas viagens a Caratinga antes das eleições, e na última delas, o Salá me fala, na rodoviária:

- Você volta, para votar em mim, não é?

- Mas é claaaaaro...

E ia voltar, mesmo, se não tivesse acontecido um imprevisto.

Na época das eleições, o jornal não me liberou pra viajar. Eu não era tão peixinho assim. Se eu quisesse ir votar, teria que ir e voltar no mesmo dia. E de Moc a Caratinga são 750 kms., ou dois ônibus (baldeação em BH).

Eu era conhecido do capitão da Aeronáutica que comandava o aeroporto de Moc, e sabia que muitos aviões particulares paravam para abastecer e seguir viagem. Sabia, também, que o capitão conseguia algumas caronas, com pilotos conhecidos, especialmente se eles estivessem sozinhos, pois gostavam de alguém pra conversar. Fui para o aeroporto e pedi ao capitão pra me arrumar uma carona. “Se pintar, eu vou votar no Salá”.



Só que, pra meu azar, o aeroporto estava sem combustível. Os aviões faziam contato pelo rádio, ficavam sabendo e passavam batidos. Eu já estava ficando angustiado, quando o candidato a deputado Manoel Costa, que tinha encerrado sua campanha em Moc, aparece no aeroporto. Mas seu avião estava cheio, não deu pra me levar.

Lá pelo meio-dia, desistí. Agradecí ao capitão, fui pra casa, tomei um banho e fui procurar um boteco pra tomar uma cerveja. Não encontrei ninguém em lugar nenhum, Moc se torna cidade fantasma nesses feriados. Tomei umas bramas, e o Agnaldo apareceu, me convidando pra uma festa. Fui com a consciência tranquila: “A campanha do Salá foi muito bem feita, não é possível que ele vai parder por um voto!”

Salatíel Ferreira Lúcio perdeu sua primeira eleição pela diferença de um voto.

Na verdade ele empatou, em último lugar, com um outro candidato, que era mais idoso que ele. Nesses casos, o critério para o desempate é a idade...

Se ele tivesse mandado um jatinho me buscar, isso não teria acontecido. (Outras pessoas também prometeram votar nele e não votaram, mas estas pessoas estavam na cidade e votaram em outras pessoas. Eu, não; estava indo a Caratinga exclusivamente para votar nele. Acho que ele

PARÊNTESE:

Enquanto finalizava este trabalho, estive no Bar da Kikina, em BH, e participei de uma mesa onde estava também o ex-deputado Manoel Costa, atual Secretário de Cidades do Governo do Estado. Fui obrigado a perguntar se ele se lembrava de um cara pedindo carona no aeroporto, no dia da sua primeira eleição. Ele se lembrou vagamente...





Redação do JORNAL DO NORTE, na praça da Matriz

“Cantar
Quase sempre nos faz recordar, sem querer
Um beijo, um sorriso, uma outra aventura qualquer
Cantando
E aos acordes do meu violão
É que mando depressa ir-se emb0ra
A saudade que mora no meu coração”
- Godofredo Guedes

O sr. Godofredo pintava telas e vendia na Feirinha Hippie, e sempre que dava, eu colocava minhas camisetas ao lado de onde ele ficava, pra poder conversar com ele. Ele também tocava clarineta (ou seria sax? Não me lembro direito) em alguns barzinhos, à noite.





Minha vida em Montes Claros se completava com a convivência com nossa turma, que mais se parecia com uma família (além da família de verdade, Tia Lídia e Elcio, tio Jane e tia Evinha): Dayse, Claudia, Cacá, Guta, Nina, Gui Anne, Ricardo, Pato, Arthur, Chico, Aluísio, Coen, William, Sérgio, Irene. Eu terminei minha temporada, lá, morando numa casinha que nem a dos três porquinhos. Bem na praça da Matriz, nos fundos do Jornal do Norte. Na praça, rolava a feirinha hippie, onde eu vendia as camisas que continuei pintando, pra ajudar no orçamento. A casa, era a “Casa do tal roquenrol”. A turma sabia até onde eu deixava a chave “malocada”, e quando chegava em casa, geralmente a festa já tinha começado. Essa amizade iniciada há mais de 20 anos continua viva até hoje, e quando a gente se reencontra é só alegria. Coisas que fazem a vida valer a pena.



“Que bom, amigo
Poder saber outra vez que estás comigo
Dizer com certeza outra vez a palavra Amigo
Se bem que isso nunca deixou de ser...
Que bom, amigo
Poder dizer o teu nome a toda hora
A toda gente
Sentir que tu sabes que estou pro que der contigo
Se bem que isso nunca deixou de ser...
Que bom, amigo
Saber que na minha porta, a qualquer hora
Uma daquelas pessoas que a gente espera, que chega trazendo a vida
Será você... Sem preocupação”

- “Que Bom, Amigo” - Milton Nascimento

Clube da Esquina

Na cobertura do prédio do Cine Itaúna, o maior cinema de Minas Gerais durante anos, havia um bar que já tinha sido clube de sinuca, boite, forró e outras atividades, mas estava desativado há algum tempo. Era o 120, aquele mesmo do reveillon fatídico de anos atrás. Tinha acabado de voltar de Montes Claros, e ia pra Valadares fazer um curso no 2º semestre. Mas estávamos em maio, e resolvemos, eu e o Dadá, fazer uma festa naquele terraço. Combinamos com o Rodrigo e o Orêia, que eram donos do Som, e fizemos uma sociedade. Era a **Rocada** Produções: **Rodrigo, Camilo e Dadá**.

Conversamos com o sr. Wantuil, arrendamos o 120 até julho e fomos dar uma geral. O local estava abandonado há tanto tempo, que tivemos que chamar reforços para nos livrar dos milhões de baratas, aranhas, escorpiões e outros menos votados, mas com uma semana, já estava tudo limpinho.

Eu e o Dadá cuidávamos de tudo, o Rodrigo só ia entrar na hora de ligar o som. Nós costumávamos nos encontrar no jardim grande, onde tinha alguns vendedores de laranja descascada geladinha. Foi chupando laranja que nós tivemos a idéia de arrendar o local. Ficávamos ali, chupando laranja gelada e bolando as festas que iríamos fazer no 120. A primeira coisa foi escolher o logotipo da Rocada: uma laranja. Os Beatles não tinham a maçã? Então. Só que a nossa laranja tinha uns anéis em volta, como os que circundam o cine Itaúna. E tinha os “sferrinhos”. Tudo igual ao prédio.

As coisas foram surgindo assim, de brincadeira. Meu curso começava só em agosto, então até julho tudo era festa. (Ia fazer o Inap, de BH, que tinha aberto uma unidade em GV). Assim que o 120 ficou pronto pra começar, fizemos uma big festa: a “Noite do Rock”. O cartaz era o anjo do Led Zeppelin. Nas nossas festas, sempre tentávamos fazer cartazes sugestivos, achávamos legal ter uma arte bacana, e não apenas um monte de propagandas que nem classificados de jornais com o nome da festa todo embolado no meio. A festa foi o maior sucesso, lotou o 120, e nós vimos que ia dar pra continuar até o fim das férias de julho. Era esta a idéia original.

Já que íamos continuar com a casa, tínhamos que dar uma organizada. A primeira coisa era escolher um nome. Bom, pra ir direto ao ponto, depois de bastante laranjas chupadas a coisa ficou assim: o nome seria



Clube da Esquina, em homenagem ao Milton Nascimento e sua turma. Eu fiz murais por todas as paredes, como o perfil do Milton (aquele da capa do “Travessia”) logo na entrada (uma espécie de logotipo do Clube); na parede principal, que se dobrava ao meio num ângulo de 150 graus, como se fosse uma capa de disco duplo aberta, pintei aqueles meninos no muro da capa do Clube da Esquina 2, do Milton, num mural de quase 10 metros. Nas outras paredes, o anjo do Led Zeppelin, a boca dos Rolling Stones e outros símbolos do rock e da MPB.

O Rodrigo chegou com a proposta mirabolante

de incluir o Paulinho do Velécio, cunhado dele, como sócio da “firma”. A porcentagem era 30 % pra cada um de nós e 40% pro Rodrigo, que era dono do som. E ele veio com a idéia de dar 20% pro Paulinho. Só que ia tirar 10% do meu e do Dadá, os 40% dele iam ficar intocados. Foi um impassesinho chato de resolver. O Paulinho era amigão nosso, mas quem precisava de outro sócio? Ele iria entrar com quê? “Ué, ele vai ajudar”. Já vem o Rodrigo colocar nepotismo no nosso negócio.

Outro problema sério foi o Paulinho querer incluir uma sílaba no nome da firma. “Rocada Produções” era legal, mas como encaixar o “Pau” de Paulinho nesta história? “Rocadapau”? “Paurocada”? “Rocapauda”? nada era viável. E ficou aquela coisa, “quero ser sócio”, “quero por meu pau na Rocada”. Bom, ele acabou entrando, mas no nome ninguém mexeu. Todo dia ele reclamava.

E o Clube da Esquina começou a funcionar, informalmente. O Ronaldo medeiros levou uma mesa de ping-pong pra nós, e tínhamos jogos de xadrez, dama, baralho. Durante o mês de julho, todo dia a moçada ia pra lá de tarde, era o “point” das férias de 83. O som ficava ligado. Não pagava nada pra entrar. Isso, de terça até sexta feira. Na sexta e no sábado, à noite, aconteciam as programações. Som mecânico; música ao vivo com Ronaldinho, Flávio Boca, Eloísio Lacerda; desfile de moda, aniversário. Não era panelinha, mas a gente realmente não queria deixar misturar, afinal o pessoal que frequentava o forró que teve ali, antes, com certeza não era o tipo de gente que nós queríamos ver ali dentro. Fizemos uma carteirinha de “sócio”, e só entrava quem tinha carteirinha ou acompanhava quem tinha. Acabou virando um clube, mesmo.



Vindo não se sabe de onde, surgiu o “Canal”. Um cara baixinho, falador, engraçado, gente boa padaná. Não me lembro agora do seu nome, mas ninguém o chamava pelo nome: era só “Canal”. É que pra tudo ele tinha o “canal”. Tinha mais “canal” que o Roberto Marinho. Era “canal” pra cá, “canal” pra lá. Ficou sendo o Canal. Ele fazia artesanato com cordas, e sugeriu que a gente completasse a decoração com isso. Compramos rolos e rolos de corda, e ele ficava ensinando a moçada, principalmente as meninas, a fazer coisas de corda pra enfeitar a boate: Cortinas, abajures, um mondicoisa. E o pior é que ficava legal! Ele trabalhava com isso na feira hippie de BH. Durante o tempo que ele passou na cidade, ficou fazendo estes “canais” pra nós, e seu pagamento era em mordomia. Ele tinha carta branca no Clube da Esquina. Ficou sendo um “mascote”.

Na época, a Skol era uma cerveja menos cotada, mas foi a única distribuidora que nos emprestou vasilhames e mesas. Assim, fizemos um contrato de exclusividade. Quando a casa começou a bombar (já se “bombava” naquela época?), as outras distribuidoras cresceram o olho, mas nós fomos fiéis. Rapidinho a Skol nos cedeu novos jogos de mesas, saindo das caixas; davam prazo, e tudo o mais. E nós vendíamos skol adoidado, tomávamos também. Meu pai foi nos visitar no Clube e foi embora rapidinho. Por princípio, ele só tomava Brahma.

Um belo dia, estamos eu e o Flavinho Boca, à noite, com a casa fechada, tomando umas bramas da skol e ouvindo um som, com o portão trancado, quando ouvimos:

- Dadá taííí?

Fomos ver, e eram duas meninas procurando pelo Dadá. Dissemos que ele estava, deixamos elas entrarem, trancamos o portão e continuamos ouvindo o som e tomando a cerveja com elas. O dadá não estava, o que foi uma sorte, pois eram só duas...

E o Clube da Esquina ía de vento em popa. No fim de junho, aconteceu o Segundo Encontro do Caratinguense Ausente. Ziraldo veio à cidade, nós fizemos uma Jararaca Alegre especial. Uma certa hora, caminhando com ele em direção ao hotel, o convidamos pra conhecer nosso clube. O mestre ficou impressionado com o visual. Ele falou que se o Milton



ficasse sabendo daquela homenagem, com certeza ia querer visitar. Nunca tinha passado pela nossa cabeça convidar o Milton pra vir ao nosso Clube da Esquina! Por quê não convidar Deus, também? Mas o Ziraldo reafirmou, disse que tava falando sério.

Pena que não deu tempo nem de tentar...

A moçada passava muito tempo dentro do Clube da Esquina, ouvindo som, paquerando, curtindo mesmo. A moçada consome drogas, sexo e rock'n roll. Logo, o Clube da Esquina era um antro de maconheiros, prostitutas e roqueiros (roqueiro brasileiro ainda tinha cara de bandido). Só que naquela época não era diferente de hoje. Metade da juventude de Caratinga consome drogas, não só de Caratinga, mas é geral. E ninguém anda com uma estrela na testa. No Clube da Esquina, durante as atividades, isto não acontecia. Cocaína, quase ninguém conhecia, e maconha, dá uma maresia danada, se alguém fumasse lá dentro virava zona - muita gente chegava lá de cabeça feita, como chega até hoje em qualquer lugar, até na missa. Mas o Clube da Esquina, na boca de quem nunca tinha entrado lá pra ver, era isso aí.

A gente costumava ficar lá, depois de encerrada a noite, até o sol raiar, batendo papo, ouvindo som e bolando as próximas. Meu irmão, Elmane, participava com a gente, mas não quis porcentagem nem colocar seu pau, quer dizer seu El, no meio da roçada. Ele tinha uns 16 anos na época, com certeza eu não queria que ele comesse a usar drogas através de mim. Se rolasse alguma coisa lá, eu não o deixaria ficar.

No fim das férias,

bolamos o encerramento do Clube da Esquina: Teve show do 14 Bis embaixo, no Cine Itaúna (promovido pelo Elton e pelo Tião) e em seguida festa em cima, no Clube. A próxima, seria esta: o Tião de Lima estava organizando um desfile da sua boutique, a Usufruto, com as gatinhas top de linha da cidade e uns marmanjos que davam uma de modelo, como o Elton e o Ronaldinho. Só que nós resolvemos tentar manter a casa, afinal tinha dado certo. E fomos tentar tirar o alvará na prefeitura.

Por anos colocamos a culpa no Pingo, nosso “concorrente”: quando começamos, ele tinha o “Varandão”, uma casa noturna que ficou jogada às



Sua boate tinha perdido o movimento, e ele tinha que fazer alguma coisa! Ele tinha os meios, também: era um dos braços direitos do Fabinho, prefeito da época. Fabinho tinha mais braços direitos do que o Dr. Octopus. Dock Ock. Mas foi só tentativa de achar um culpado, ele foi apenas a primeira pessoa em que nós pensamos. Pingo é um grande amigo nosso. O fato é que nos negaram o alvará, sob o pretexto de que lá não havia saída de emergência nem escada de incêndio. É, não havia mesmo.

Mas isto foi na quinta-feira, véspera do desfile do Tião, último fim de semana das férias, quando um fiscal da prefeitura foi lá, de tarde, durante o ensaio do desfile. O Tião não queria ninguém de fora assistindo o desfile, assim, quando o fiscal foi lá, eu barrei. Imagino o que ele deve ter pensado, vendo um monte de jovens de ambos os sexos com o som ligado, a portas fechadas... mas eu barrei e pronto, não tinha muita noção destas coisas de autoridade.

No dia seguinte, à tarde, recebemos vários recados para não abrir o Clube à noite, senão os “zôme” iriam lá, fechar a casa e levar todo mundo pro xadrês. Não abrimos, ficamos todos lá dentro bebendo, ouvindo som e pensando no que fazer. Tentamos todos os meios legais, tentamos falar com o Fabinho, ele não nos recebeu; bom, resumindo, foi o fim do Clube da Esquina, depois de dois meses de alegria total. Nenhuma acusação formal sobre drogas ou coisa assim foi feita, nenhuma inspeção durante o funcionamento da casa, só boatos, foram o suficiente para a cúpula da sociedade local - a mesma que nos impediu de entrar no Centro dos Estudantes - acabasse com a nossa festa. Claro que a gente podia tentar vários meios legais que não foram tentados, mas a gente era muito menino pra ter estes expedientes; além do mais, o Clube da Esquina era só uma brincadeira que tinha crescido e virado negócio. E lucrativo: tava dando uma verbazinha básica.

Mas agosto chegou, fui pra valadares fazer um curso de desenhista de publicidade no Inap. O meu professor era o Aragão, que estava saindo do Diário do Rio Doce, onde era o chargista. Ele passou a bola pra mim: passei a ser o chargista oficial do Diário do Rio Doce, um dos maiores diários do interior mineiro. Meses depois - poucos meses, uns dois ou três - visitando Caratinga, passo perto do 120 e escuto uma zoeirada de forró. Não acreditei, era muito descaramento, eles podiam ter esperado um pouco pra despistar!



Qual o quê. O forró já estava comendo solto. É engraçado o preconceito que as pessoas tem com a juventude, sempre tiveram. Um monte de estudantes de férias, passando tardes e noites reunidos, ouvindo música de qualidade, com passatempos sadios (ping-pong, xadrez...), curtindo desfiles, shows de MPB, dançando ao som de 14 Bis, Cor do Som, Led Zeppelin, Bee Gees, Blitz... para eles era um antro de maconheiros.

Mas um forró, frequentado por prostitutas e cafetões, com música de péssima qualidade (isso é pior que a prostituição), onde acontecem brigas rotineiras, roubos, isso pode...

Mesmo sem ter saída de emergência...

Fiquei possesso quando ví aquilo. Sou de caratinga, de família conhecida, de bem, sempre fui - já era, na época - considerado um dos talentos da cidade; além disso tinha estragado um monte de roupa pintando muros **de graça** para o grupo do Fabinho na sua eleição. Não fui nem recebido por ele, pelo contrário, depois de umas três tentativas, seus assessores “recomendaram” que a gente parasse de insistir...

Voltei pra Valadares na outra semana, mas mandei uma carta para o Jornal de Caratinga, questionando a saída de emergência do puteiro que tinha se instalado no nosso Clube. Ela não foi publicada.

Nesse mesmo ano, Ziraldo volta a Caratinga, acompanhado de vários escritores, como Paulo Mendes Campos e André Carvalho, participando de um projeto cultural da Fiat, e o DRD me mandou pra conseguir uma entrevista com o mestre. Tive oportunidade de voltar com ele ao Clube da Esquina, de tarde: passávamos na porta, e ela estava aberta. Subimos e eu chorei ao ver que as minhas pinturas tinham sido cobertas por uma tinta cor-de-rosa daquelas que se vê nas melhores casas do ramo, encimadas por uma lâmpada vermelha.



†ÂNKYU!



ARARAC
ALEGRE

O Bui da Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE

Deputado Federal
Mauro Lopes



O Bui da
Camilo

Página 92



“Turma do AA”



O Best do
Camilo

Página 93

Turma do AA

Caratinga teve várias fases em que o carnaval era bom, mas a nossa fase deve ter sido a última: provavelmente, nunca mais haverá carnaval na cidade, a não ser em forma de micarêta, por exemplo. Carnaval, carnaval, mesmo, acho meio difícil.

Mas na década de 80, Caratinga tinha um dos melhores carnavais do interior de Minas. Meu filho ficou de bobeira quando mostrei pra ele uma foto de um carnaval em que apareciam alguns amigos do Rio. Os caras saíam do Rio pra passar o carnaval em Caratinga!

Foi a conjugação de uma série de fatores. Dois blocos gigantes, “Vamo Nelssa” - assim mesmo, com dois esses - e “Doidim Paquerê” começaram a agitar na rua e no clube, o E. C. Caratinga, a partir de 82. Pouco depois, um prefeito, Fabinho, entre vários factóides, resolveu pegar o embalo e criar um carnaval de rua na cidade, incentivando e patrocinando a criação de Escolas de Samba e Blocos Caricatos para desfilar na avenida Catarina Cimini, que rapidinho passou a ser chamada de “Marquesa de Cimini”. A partir de 85, assume a presidência do E. C. Caratinga o super folião Aluísio Mendes Andrade, e incrementa a disputa entre blocos de clube. Nesse mesmo ano, Maurício Motta (Meleka), Caio Barbosa (Dentão) e Aderbal Lima (O Normal) vão à redação de A Semana dar uma entrevista anunciando a criação do bloco “Turma do AA”.

O bloco foi formado durante as tardes na piscina do Clube Caratinga, onde ficávamos fazendo nada (ou seja, tomando todas). Era uma panelinha: o “Bloco dos 30”(no começo, eram 25). E clube do Bolinha também, apesar que junto com o bloco saíam um monte de meninas.

Conseguimos o patrocínio da Brahma (valeu Raimundão!) e o sr. Quinzinho ficou sendo nosso padrinho. Cada um dos integrantes ganhou um nome de guerra: o meu ficou sendo AA-E-e-e-e-e... porquê eu sempre fui muito gago e agarrava (agarro) no “e”. Meleka era o AA-raldite, Aderbal era o AA-luguél, Baby era o AA-mamentado, Cacá, o AA-cidentado (vivía quebrando alguma coisa, braço, perna) e assim por diante. Ficou definido também que, quem passasse o carnaval fora, perderia a vaga, que seria



preenchida por algum outro amigo que quisesse entrar, mas o bloco nunca passaria de 30.

No primeiro dia de carnaval, a programação era sempre esta: primeiro, desfilar todo mundo vestido de mulher, na banda Alô Mamãe, que fazia a abertura oficial do carnaval. Depois, ir em casa tomar um banho voando, vestir o uniforme do bloco e estar na porta do Bar do Quinzinho, às 5 da tarde, para o “batizado”. O Delfim chamava cada um solenemente pelo seu nome de guerra, ao som do taról do Flavio Boca, tendo ao lado o Sr. Quinzinho com um garrafão de 5 litros da sua amarelinha. Ao ser chamado, o integrante recebia um copo desses NF cheio de cachaça até na risca, que tinha de virar de uma vez. Não podia sobrar nada no copo, se ficasse um restinho o copo era enchido e o meliante tinha de repetir a operação, até conseguir não deixar nada.

Todo ano, na primeira noite, metade do bloco não durava até a hora de ir pro clube.

Como a Distribuidora de Bebidas Ribeiro, a Brahma da cidade, era nossa patrocinadora, a gente ganhava algumas caixas de cerveja, mas o melhor era que eles emprestavam o caminhão pra gente desfilar pela cidade. Aquele caminhão que transportava as caixas de cerveja: onde ficavam as cervejas, ficava o bloco, agitando a bandeira e cantando o nosso sambinha enredo. Cada ano era composto um novo, geralmente pelo Boca junto a algum parceiro, mas o mais clássico - o primeiro - foi do Edra e do Sylvio Henrique:

‘ “É de gole em gole/é de bar em bar
Esta é a vida que leva a Turma do AA (bis)
É uma questão de melosqüência/me traga uma gelada por favor
Pois eu não vou embora, quero rasgá a taióba
Eu vou até o sol raiar
O figueiredo/tá pra acabar
Enquanto isso eu vou bebendo pra danar
Será uma cirrose, será uma psicose
Nem mamãe sabe explicar”



O quê? As rimas são pobres? Falta métrica? Fôda-se, nós colocamos a cidade inteira pra cantar isso.

Em cima do caminhão da Brahma, a gente ia sacudindo a bandeira e cheirando lança-perfume nela. No fim do carnaval, ela estava toda corroída, como se alguém tivesse jogado ácido sulfúrico. O pessoal da organização pensou em tudo. Tinha um bolsinho interno na calça do uniforme, no formato de um tubo de lança. O problema é que o tecido era muito fino, era uma malha finíssima, não sei de onde eles tiraram aquilo, ninguém podia ficar em estado de alerta que era o maior flagrante.

Teve uma noite que eu subí dando uns beijos numa menina no banco de trás do carro e quando descí para entrar no salão, estava com a barraca armada. Tirei a camisa pra fora da calça, pra despistar. Lá dentro, uma outra menina, amiga nossa, chega perto de mim, olha pra minha calça e fala “me dá esse lança!” e puxa o que ela pensou ser o tubo, só que o tubo estava agarrado, quando ela percebeu, soltou e saiu de fininho... que situação.

Nesse primeiro ano, ganhamos fácil como o bloco mais animado do salão, o que ainda se repetiria por mais 4 anos(e também um terceiro lugar). No Sábado após o carnaval, todo mundo se reuniu no terraço da minha casa pra comemorar, com o dinheiro do prêmio a gente fez uma festa de arromba, o que se repetia todos os anos.

Nos anos seguintes, o carnaval foi crescendo. Foram surgindo outros blocos, e o clube ficava cada ano mais animado: Erro de Parto, Povo da Lua, Pé de Cana, Kitipika, Passa Régua, Pingo de Porra (era um bloco de “fiótes”), Mé Temos (!!!), Klux Klan (!!!!!!!), Kães Vadius, e o mais barulhento de todos, o Cachorro Doido.

O Cachorro Doido era uma turma que já existia antes do revival do carnaval caratinguense, eles viraram bloco pra participar da festa. E acabaram sendo os grandes rivais da turma do AA, mas nunca conseguiam passar do 2º lugar. Viviam nos acusando de ser apadrinhados, marmelados, essas coisas. Na verdade, a gente era apadrinhado mesmo; todo ano, a coordenação do carnaval nos dava mordomias, como ingressos de graça,



bebidas dentro do clube. Mas não era à toa: Era porquê nosso bloco era, pode-se dizer, “formador de opinião”. Puxava a turma, animava o clube. A maioria dos blocos que participava do concurso dentro do salão era nossos “filhotes”, a gente apadrinhava, eu bolava as camisetas, pintava as bandeiras, todo carnaval minha casa ficava cheia de meninada querendo sugestão de nome pro seu bloco e que eu bolasse um mascote. E os nossos batuqueiros animavam na rua, o Flavinho ajudava os meninos a comporem seus sambinhas. Nosso bloco era só dos 30, mas tinha todo um universo em volta. O clube investia na gente porque sabia que ia ter retorno...

Já o Cachorro Doido era um bloco mais agitador, não tinha restrições - e por isso, a cada ano, o número de seus integrantes aumentava - mas não se entrosava com os outros blocos, como a gente, que pulava no meio de todos os outros blocos, contava com a simpatia deles, e os jurados percebiam isso. Todo ano a gente já sabia que ia ter dinheiro pra fazer o churrasco no sábado depois do carnaval...

Só teve um ano em que isso não aconteceu: 1988. Saiu até uma J. A. irada com o resultado do carnaval. Não que a gente não soubesse perder, mas é que **nesse ano o resultado foi muito confuso**. Tinha tanto bloco apadrinhado, que o primeiro lugar teve de ser dividido, e a Turma do AA acabou ficando com um 3º, com sabor de 4º. E só por uma coisa que a gente fez, merecíamos pelo menos um 2º lugar:

Na última noite de carnaval, fizemos o enterro do Meleka. Foi assim: combinamos com a banda que eles parariam de tocar mais ou menos lá pela 1 da manhã, pra gente entrar. Até então não tinha nenhum de nós dentro do clube. Quando a banda parou de tocar, o Luís Augusto e o Delfim entraram batendo o bumbo: Tum... Tum... em seguida a banda começou a tocar a “marcha fúnebre”.

Vestimos o Meleka de defunto, com um terno preto, a cara maquiada pra ficar branco que nem cêra. A Meirinha e a Analzira, que eram mascotes do nosso bloco, entraram vestidas de viúvas, puxando uma procissão, formada pelo resto do bloco e agregados, carregando o Meleka igual os palestinos carregam seus mortos naqueles enterros que a gente vê pela TV.



A procissão foi entrando, os foliões se afastando, até chegar perto do palco, onde a gente jogou o Meleka pra cima, a banda começou a tocar aquele frevo conhecido “tararararará tararararará...” e todo mundo começou a pular de novo. Bom, contando assim, não dá pra descrever como foi realmente a cena, foi muito engraçado. Não adiantou: o primeiro lugar foi dividido, o bloco “Pé de Gri”, encabeçado pelo Tião de Lima, formado só por pessoas calmas, comportadas e quietas, que passaram o carnaval inteiro fazendo tricô, faturou o segundo lugar... Mas o critério não era bloco mais *animado*?

A gente ganhava todo ano, mas saíu do clube chingando na única vez em que ficamos em terceiro! Dá pra entender a raiva que o Cachorro Doido sentia da Turma do AA. E o primeiro lugar ficou dividido entre o Erro de Parto e o Kães Vadius, num troço meio difícil de explicar.

Rapidinho, saiu uma “Edição de Natal com o Melhor do Carnaval”, da Jararaca Alegre, com as fofocas daquele ano, e nós descemos o cacete no Pé de Gri, o que foi uma injustiça, que se torna maior ainda se você computar que o autor da J. A. detonante foi um dos homenageados pelo samba do bloco Pe de Gri, que homenageou os artistas da cidade e colocou meu nome ao lado do Ziraldo. Eles me homenageando e eu sacaneando. Me arrependo até hoje da minha falta de consideração, se servir, estou pedindo desculpas agora.

Mas a Jararaca Alegre era assim mesmo, a gente perdia os amigos mas não perdia a piada. Não foi desta vez que o Tião ficou puto comigo, foi de outra, mas aí já é outra história.

A Turma do AA continuou ficando em primeiro lugar até 92, quando teve o último carnaval legal de clube - A esta altura, já com uma ala feminina. Depois disso, o prefeito mudou, os presidentes mudaram, os foliões mudaram - começaram a passar o carnaval em Guriri, Piúma... e Caratinga nunca mais teve carnaval digno desse nome.

.





A Felícia caiu na
gandaia grávida do
Felipe, vê se pode!

"Este ano vamos
homenagear
Os pingüços da
cidade que
inspiraram o AA

(...) Tatão
Tava tonto e
Trombou
Tarura
Foi o encontro
De uma dupla
alto astral

E freveram
numa ziguezira
No Palácio
de Cristal"

(Gambinha do
AA, 1988,
Flávio Boca)

Convenção anual da Turma do AA

Convocada em regime ordinário (mas ordinário meeeesmo!) pelo presidente da Associação Çaratingana dos Amantes do Álcool, sr. Maurício Meleca, todos os A.A (Amantes do Alcool), espalhados por este Brasil varonil marcaram presença em Caratinga naquela tarde de sábado, 15 de novembro, no salão de festas do Hotel A.B.C. (Álcool, Birita e Caninha).

Estava presente a maioria dos integrantes, a saber: Anaizira, Meirinha (mascotes), Zé Luiz, Baby, Boca, Camilim Foquinha, Joaquim, Ferreira (Brôa), Palú, Eric, Alexis, Wlapor, Joy, Cacalo e Marcílio (devidamente acorrentados), Bichara, Luiz Augusto, Amadeu, Marcelinho, Zê Mauro, Cacá, Bolarim, Aderbal e Renato (aluguél e inquilino), Fausto, Danilim, Silvio Henrique, Pão Vêi, Fabinho, Agostinho Pão Duro, Buia, e D. Margarita, a faxineira.

Com todos acomodados em seus lugares, Meleca tocou a sinetinha e começou a reunião. Uma empregada do hotel entrou com uma jarra de água e conseguiu escapar com a vida, não sem alguns fios de cabelo a menos e a roupa toda rasgada, com a jarra de água sendo devidamente triturada, torrada, moída e empacotada a vácuo. A direção do hotel, imediatamente, apresentou as escusas e serviu chope e pinguinha aos presentes.

Logo após proceder à ordem do dia, o presidente vitalício à la Ulysses Guimarães da entidade, Melequinha, colocou os assuntos em pauta.

- Precisamos bolar nosso uniforme deste ano - declarou.

- Já sei, chefe. Que tal camiseta e bermuda? - sugeriu o Aderbal.

- Não seja estúpido! Estou falando é das cores que nós vamos usar este ano. Recapitulando: em 85, foi a cor vermelha, simbolizando nossos fígados. Em 86, foi amarelo, em tom de hepatite, e preto, como nós vemos as coisas à medida que a



madrugada vai chegando. Em 87, foi verde e laranja que nem um caldo de mocóto com cebolinha picada pra poder dar energia para pular a noite inteira.

Agora, precisamos escolher as cores que vamos usar no carnaval deste ano para ganhar novamente como o bloco mais animado.

- Tenho uma sugestão - interferiu o Boca - que tal se a gente usasse branco que nem leite... Ram! Bam! Crás! Jip-Jip! Cataplan cataplum catapinha e outras onomatopéias mais. Por causa da afirmação inconsequente do Boca, que despertou a ira de todos os integrantes da convenção, foram quebradas 30 cadeiras, 18 mesas, 40 taças e todo o protocolo. Quando as coisas se acalmaram, após a chegada dos bombeiros, o Boca, já com 14 dentes a menos na dita-cuja, conseguiu completar a frase:

- ...de onça, pô!

Pedidos de desculpas e sugestão recusada. Adiou-se a decisão do uniforme e passou-se ao próximo item da pauta.

- Temos que investigar o que está acontecendo com a pinga do Wladimir. Recebemos denúncias de que o Wlapor está misturando a danada com uma pinga vagabunda - Declarou o presidente da entidade.

- Mentira! Aquela pinga é do sítio do meu pai e é da melhor qualidade - Rebateu o Wladimir.

- Pois acontece que a denúncia é de um dos maiores entendidos em pinga de nossa cidade, que afirmou estar sentindo gosto de álcool etílico no meio da pinga.

- Outra mentira deslavada, é metanol! - Afirmou Wladimir, virando uma dose de pinga.

- **Vão pará pra bebê!** - gritou alguém lá do fundo.

- Vão pará pra bebê, bebê! gritou alguém lá no fundo.

- Vão pará pra bebê, bebê, bebê, bebê! - gritaram todos em coro e a reunião foi adiada mais uma vez, enquanto todos enchiam seus copos e sapecavam uma batucada. Como acontece em todas as convenções do A.A., a ata nunca mais foi encontrada, a pauta apareceu encharcada de chope, as decisões ficaram para depois e todo mundo começou a pescoçar a vizinha do 303 com a luneta que algum prevenido levou para a reunião. No outro dia, o A.A. enfrentou o Erro de Parto numa pelada e tomou de 12 a zero. E tomou todas depois do jogo.



Brigadim!



**ARARAC
ALEGRE**
O Best do Camêlo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE

Desde
1981



FMV

PRODUTOS AUTOMOTIVOS





Ah, quem me dera o Sol
A juventude/vida que ele traz
Não se fosse quando chegasse a noite
Não passasse com hora marcada

Ah, quem me dera a noite
Não fosse mais que uma criança
Ficasse aqui comigo, sorrindo/chorando
Não passasse com hora marcada

Ah, quem me dera você
A beleza magia sua cuca
Sempre ficasse aqui, séculos além, séculos além, séculos além..."

"Quem me dera o tempo", Camilo e Flávio Boca



O Best do
Camilo

A vida é um festival...

No tempo em que a MPB era criada nos grandes Festivais de Música que revelavam Chico, Milton, Caetano, Gil, Vandr , S  & Guarabira etc etc, Caratinga, antenada que era, também promovia o seu festival. O FEMPOC - Festival de Música Popular de Caratinga, foi o primeiro festival de Minas Gerais, e por muitos anos, o mais tradicional. Informações relevantes estão sendo pesquisadas e serão publicadas na edição especial “Jararaca Alegre 30 Anos”, desta coleção Relicário. A nossa turma tinha muitos músicos de talento que participavam não são do Fempop, mas também de outros festivais Brasil afora.

O primeiro Fempop que assist  foi em 1977. O presidente do Centro dos Estudantes, José Antônio, me convidou pra ir com ele   TV Itacolomi, divulgar o Fempop no programa “Discotape”, um dos únicos que exibia videocliques, termo que ainda nem tinha sido inventado. Ajudei na divulgação e ficou combinado que a Jararaca Alegre entrevistaria a atração principal do artista que faria o show de encerramento: Raul Santos Seixas.

Em 1977, ele estava estouradasso, a caminho de se tornar uma lenda; só para se ter uma idéia, o primeiro disco dele, “Krig-Ha Bandolo”, só tinha saído em 1973, ou quatro anos antes. Era como assistir a um show dos Beatles quando lançavam o “Revolver” - guardadas as devidas proporções, claro.

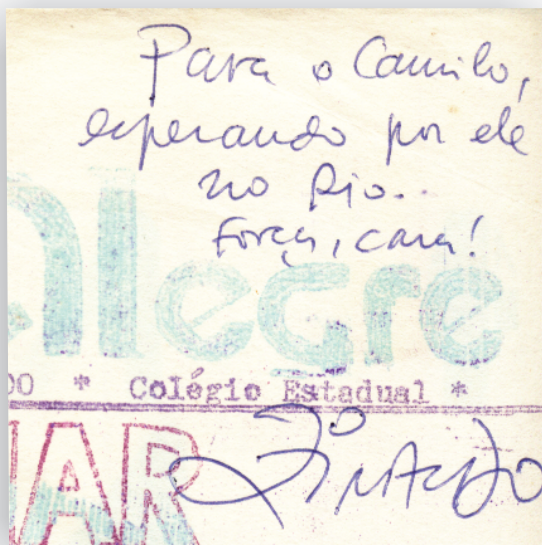
Eu e o Carlos Eduardo Gomes, Carl o, que fazia parte da equipe da J.A. na época, fomos assistir ao festival na expectativa de entrevistar Raulzito. Doce ilusão... Assim, munidos de um gravador - não esses gravadoreszinhos de repórter de hoje, que cabem no bolso; era um gravador do tamanho de um tijolo desses furados, preto, mas já vinha com microfone embutido - fomos para o Fempop, no dia do show.

Foi lá que tive meu primeiro contato com o Ziraldo, que presidia a comissão julgadora do festival. Ele já me conhecia, era amigo da minha família, mas foi a primeira vez que me dirigi a ele. Lhe entreguei um exemplar da Jararaca Alegre e ele falou mais ou menos estas palavras (claro que eu me lembro como se fosse ontem):



- Já estou sabendo desse seu talento. Você precisa ficar informado sobre o que está acontecendo no país. Leia a Veja e o Pasquim. Quando terminar seus estudos, me procure no Rio.

Em seguida, lhe pedi que autografasse um exemplar da Jararaca pra mim. Ele escreveu assim:



“Para o Camilo, esperando por ele no Rio. Força, cara!”

Atrás, colocou seu endereço.

Deve estar eperando até hoje.

Mas voltando ao festival... as músicas finalistas foram apresentadas, os vencedores foram anunciados, se me lembro bem, Alim Rocha levou mais uma vez o primeiro lugar, e todo mundo ficou esperando o Raul chegar. Nós desistimos de fazer a entrevista, pois o show já estava atrasadasso e quando o Raul chegasse não ia ter jeito de nos atender, mesmo que ele estivesse menos doidão...

Na época, ele tinha um guitarrista americano na banda, chamado Gay Vaquer. Ninguém lembrou de fazer piadinha com o nome dele, pois a palavra gay ainda não tinha a conotação atual. O cara tinha sido anunciado como participação especial e abertura do show. Ele estava fazendo a



abertura há mais de duas horas. Era um puta guitarrista de rock, já tinha tocado Deep Purple, Led Zeppelin, Ted Nugent, toda a nata do rock pesado da época; a platéia tinha delirado, mas já não agüentava mais e começou a gritar pedindo Raul. Quando o cinema já estava vindo abaixo (os festivais aconteciam no Cine Itaúna), surge Raul Seixas. Doido igual a uma porca, apesar de eu nunca ter visto uma porca doida daquele jeito. Uma das lendas urbanas que se conta sobre esta passagem do Raul por Caratinga, é que ele se atrasou porque tinha ido catar cogumelo num pasto pra fazer chá, e estas coisas demoram: achar os cogumelos certos, preparar o chá...

O Raul começou a cantar “Que que que cum que cum que que que”... a platéia continuou junto com ele “êêê Al Capone, vê se te orienta”... só que a platéia não pode mais cantar junto, porque ele não respeitava a letra. Improvisava tudo na hora. Ao cantar o hino da Sociedade Alternativa, desenrolou um pergaminho e leu o manifesto que declarava “Faz o que tu queres, pois é tudo da lei”. Seguiu estritamente o “Do what you wilt”, de seu guru Alester Crowley, o bruxo inglês maldito que também estava influenciando Jimmy Page. E o show foi a maior doideira, ninguém sabia o que viria a seguir. Quem esperava ouvir um disco do Raul ao vivo se decepcionou, mas foi uma apresentação histórica. E foi o primeiro show de rock que assisti na vida. Isso é que é tratamento de choque.

No meio da platéia, eu e Carlão com o gravador ligado. Gravamos o show inteiro. A gravação ficou uma bosta: o gravador era ruim, o povo em volta gritava muito, mas quem me dera se tivesse esta fita até hoje. Pensa bem! Ficamos passando ela pra turma durante um tempo, mas a gravação tava muito ruim e gravamos outra coisa por cima. Digo mais uma vez: que porra!

Na outra semana, saiu a edição da Jararaca Alegre sobre o festival, e como não conseguimos a entrevista, publicamos trechos de uma que ele tinha dado para O Pasquim.

A partir daí, a J.A. continuou participando, de uma forma ou de outra, de todos os festivais que aconteceram na cidade, sendo que o último de todos - o “Faficanto” - foi promovido pela nossa agência Transarte Produções, junto ao D.A. da FAFIC - Faculdade de Filosofia, Ciências e



Quando o Flavinho Boca passou a fazer parte da equipe da J.A., a nossa participação nos festivais sofreu uma modificação: começamos a participar de festivais como músicos...

Primeiro, o Flavinho cismou que queria aprender violão. Foi influenciado pelo Ronaldinho Calazans, que comandava as rodas de viola, junto ao Zé Badih e quem mais chegasse: Zaninha, Arthur, Eloísio, Marcio Henrique, Sílvio Henrique... Rapidinho ele começou a compor, e eu cismeï que também podia ser compositor e fiquei ajudando nas letras. Mas a nossa participação nunca foi consagradora... o que valia a pena mesmo era estar alí, no palco, mostrando nosso trabalho e vendo a reação das pessoas, não só em Caratinga, como também em outras cidades.

Um dia, pela manhã, minha mãe me pede pra ir no açougue (não existia orelhão!! E telefone era coisa de rico!) e ligar pedindo gás. Chegando ao telefone, o Flavinho, que estava na varanda da casa dele, me viu e veio até a mim. Enquanto isso, do outro lado da linha, D. Mírian Mangeli, uma de minhas professoras, que era dona da distribuidora de gás, tinha atendido o telefone.

- Que é que você quer, Camilim?

- Eu queria um... é... é...é...

A minha gagueira era cíclica, de lua, sei lá. Tinha dia que eu estava legal, mas alguns dias eu não falava nada, ficava agarrado no “é”, a não ser que o interlocutor fosse bem calmo e me deixasse calmo, também. Não foi o caso: D. Mírian, do outro lado da linha, começou a me pressionar:

- “É” o quê, Camilim?

- É... é... é...

- FALA, Camilim !!

Pronto. Aí é que eu agarrei, mesmo. Nisso, o Flavinho estava chegando perto, sem saber o que estava acontecendo, só que eu estava “ratiando” no telefone. Dona Mírian teve uma idéia:



- Camilo, tem alguém aí perto de você ?
- Tem.
- Passa o telefone pra ele!

Passei o telefone pro Flavinho. Dona Míriam pediu que ele me perguntasse o que é que eu queria.

- Peraí, D. Míriam! - E, se virando pra mim: Que é que você quer, Camilo?
- É... É... É...

PLAF! O Flavinho desligou o telefone, e foi comigo até a distribuidora, a pé. Era meio longe, mas ele achou menos entediante do que aguentar minhas gaguejadas. No meio do caminho me recuperei e a gente pôde conversar. Foi quando ele perguntou se eu queria fazer uma viagem:

Fui com o Flavinho e o Otávio Xavier, “ajudar” o Badih no festival de Palma (uma cidadezinha perto de Muriaé). Era uma música dele e da Josiane, “Hei você”. Uma música linda, mas nós estragamos tudo. Foi um festival de pagação de mico.

Ensaíamos pra fazer o câro na música do Badih, faltando minutos pra subir ao palco, e na hora, atravessamos tudo. Levamos a maior vaia. “Mas é impossível, estava tão bem ensaiadinho!” Não cabia a gente na casa em que o Badih estava, e nós estávamos com preguiça demais pra armar a barraca que levamos. Além disso, era só pra duas pessoas, e nós éramos três. Resolvemos sentar numa barraca (estava tendo uma “feira da paz” na cidade) e ficar bebendo a noite inteira.

O dono da barraca era tão sonso, que a mesa com o estoque de bebidas “quentes” ficava longe do balcão onde ele atendia; toda hora ele tinha que se deslocar pra ir buscar uma dose. Por coincidência, a nossa mesa ficava ao lado do estoque. Pedimos um bacardí pra cada um, e depois, nós mesmos renovávamos nossos copos na hora em que queríamos (desde que ele não estivesse olhando).

O Otávio e o Flavinho ficaram tramando uma vingança contra o pessoal da casa onde o Badih se hospedou, que não quis (ou não pôde) nos hospedar, pois já estava cheia: “mas vocês podem armar a barraca no nosso



quintal, se quiserem...”.

Eles tinham nos convidado para um piquenique (“convescote”, segundo o Otávio) na cachoeira, no dia seguinte. Nós íamos aceitar, e quando chegasse lá, estando todo mundo na água, a gente ia comer toda a comida e beber toda a bebida; depois, a gente ia pegar uns juncos, se esconder debaixo d’água e ficar respirando pelos juncos. Eles não iam achar a gente nunca, rá rá rá!

Ficamos conhecendo umas meninas da mesa ao lado, juntamos as mesas, chegaram uns carinhas com um violão, fizemos som a noite inteira; deu sete horas da manhã, pedimos a nossa parte da conta e veio: três bacardís. Nós mamamos o estoque do homem todo e ele cobrou três bacardís. Preciso ir mais vezes à feira da paz de Palma.

A estas alturas, já estávamos “miando” de sono, ou de bode, ou os dois. Resolvemos dar uma volta, e demos de cara com uma barraquinha que só vendia batidinhas. No estado em que a gente estava, achávamos graça em tudo. Começamos a rir daquelas garrafas coloridas, que pareciam estar cheias de tinta rosa, verde, azul, púrpura, côr-de-burro-fugido. E o barraqueiro foi explicando do que se tratava: leite de onça, calcinha de nylon, beijo de moça, rosa de hiroxima, flor de manacá, sei lá, esses nomes assim. Notamos que era cada garrafa de uma côr, mas duas eram brancas. Perguntamos se eram o mesmo produto, mas ele explicou:

- Essa é calcinha de nylon, e esta é leite de onça.

- Me dá uma calcinha de nylon - falou o Flavim Boca.
- Me dá um leite de onça - falou o Otávio.
- Mistura as duas pra mim - pedi.

Apesar da livre escolha, todos nós acabamos tomando o mesmo Tomamos aquele veneno, que fez um efeito semelhante ao espinafre do Popeye, e continuamos andando. Vimos a casa em que o Badih estava hospedado, chegamos lá e descobrimos que a varanda estava cheia de almofadas. Desistimos de apertar a campainha, deitamos no chão com as mochilas, a barraca e as almofadas, e desmontamos.



Acordei com o Otávio e o Boca me dando almofadadas. “Atina, Camilo!” Não quisemos ir pro piquenique, resolvemos pegar carona pra Muriaé e ir embora. Mas, antes, passamos num supermercado e fizemos uma “feirinha”, pegando o máximo de pacotes de biscoitos e chocolates que cabia dentro de nossas jaquetas. Quando íamos saindo de fininho, uma cliente ainda pergunta pro Otávio “quanto é o danoninho”.

- 1 cruzeiro - respondeu.

- Obrigada! - e foi pro caixa pagar.

Entramos num boteco copo-shujo e, enquanto a gente tomava a coca-cola e comia os biscoitos surrupiados do supermercado, me deu vontade de ir ao banheiro, mas lá só tinha banheiro feminino. Achei que não teria problema, afinal eram 7 da manhã e éramos os únicos fregueses no barzinho. Fui entrando no banheiro e quase levei uma pexeirada. A dona do barzinho estava cortando não sei o quê, e veio me impedir de entrar no banheiro com a faca na mão. Fomos embora antes de sermos linchados.

Claro que o Badih não ganhou nada,

naquele festival. Mas pior foi no de Manhuaçu. Eu e o Boca fomos defender uma música nossa e do Tony, “Mudez”, além de uma dele e do Tony, “Concerto Embratel”, feita debaixo da antena da Embratel em Caratinga, no ponto mais alto da cidade (linda, por sinal). O Ronaldobeijo e o Zé Cupim foram na cola. Não conseguimos nos classificar, e fomos pra feira da paz ver qual era. Era moda, festival de música junto com feira da paz. Resumo da ópera: o Ronaldobeijo arranja uma menina pra gente ranger na casa dela. Ela era bem gorda, e parecia estar na captura, porque, do jeito que nos empanturrou, parecia estar nos alimentando para nos devorar.

Fomos pra uma barraca onde tinha um monte de participantes do festival fazendo uma “jam session”, e nos juntamos a eles. Tinha violão, craviola, viola de doze, sax, pandeiro, vários instrumentos de percussão, e o Zé Cupim arranja uma namorada, lá, e me aparece com uns comprimidos dela, falando pra eu tomar, que eu ia ficar muuuito doido.

Fui na onda e tomei. Meninos, eu poderia ter morrido! Nunca façam isso, pelamordedeus! Eram comprimidos de Artani, e ele me fez engolir cinco, com a caipivodka que eu estava tomando. Dentro de poucos minutos,



eu estava tendo alucinações. Ficar dentro da barraca começou a me dar claustrofobia, e eu saí andando que nem um zumbi. Atravessei a rua, me sentei na porta do Banco do Brasil, e fiquei falando sozinho. Ou melhor, eu estava sozinho, mas estava falando com o Baby (que por acaso, naquele momento, estava em BH), com o Marco Antônio, que estava em Caratinga; parecia que eu tinha um telefone telepático: bastava pensar em alguém, e lá estava ele, conversando comigo. Fora as alucinações: elefantes cor-de-rosa, jacaré de bolinhas, quatrocentopéias e outros bichos-papões.

De vez em quando batia uma lucidez, mas rapidinho as alucinações voltavam. Nunca passei tanto aperto. Nunca tomem bolinhas, crianças, eu poderia ter morrido, ou então, ter virado um legume. De repente, a menina gorda aparece na minha frente. Rezei pra ser apenas mais uma alucinação, mas não era. Ela veio puxando papo comigo, e eu só ficava no “an-ham”. Ela falava, falava e finalmente percebi que ela estava me agarrando. Antes que eu pudesse dizer “bença, tia”, ela já estava me enchendo de beijo, quase me esmagando sob as suas trezentas arrobas. Mais tarde, quando me procurava, o Flavinho disse que não me viu, mas viu uma gorda relando na parede e não entendeu nada.

Eu ficava imóvel, e ela se relando em mim e falando:

- Eu quero sentir! Eu quero sentir!

Mas sentir o quê, se eu estava totalmente anestesiado? Igual aquele pintinho da piada, eu não estava “tintindo nada”...

Quando ela cansou de se relar em mim e me deixou ir embora, já eram umas 6 da manhã; cheguei na casa do irmão do Boca, onde nos hospedávamos, e as alucinações continuaram até umas nove horas. Quando passou a onda, descobri que tinha perdido minha carteira. Tinha recebido minha parte de uma festa que fizemos antes da viagem, “Uma noite pra lá de Marrakesh”, que tinha sido o maior sucesso, e também estava com o dinheiro para pagar as bebidas que vendemos. Não sei por que viajei com aquilo tudo, é que foi no dia seguinte e fui direto. Tomei o maior ferro. Fui roubado, estuprado e ainda tive de ir embora de carona, com o Zé Cupim falando “bem feito” na minha orelha. E ainda por cima, vender um monte de discos pra pagar a distribuidora de bebidas.

Tá certo, quem toma bolinha, tem mais é que se fuder, mesmo.



Nossa participação no festival de Caratinga, já foi mais organizada, pois o Ronaldinho estava com a gente. Foram duas músicas: uma dele (“Esse Meu Sertão”) e uma nossa (minha e do Boca, “Quem me dera o Tempo”); as duas se classificaram, a rapaziada fez a maior torcida e a do Ronaldinho ficou em terceiro lugar + melhor intérprete.

Ronaldinho tocou guitarra na nossa música, e Boca e eu participamos dos vocais na do Ronaldinho, além do Boca ter tocado violão e eu, um instrumento muito doido que me arrumaram, e que alguns chamavam “pau de chuva” e outros, de “cacete do diabo”: era um cilindro de bambú de mais de um metro, decorado com motivos indígenas, que, virado de um lado pro outro, produzia um som parecido com a chuva. Achei que ninguém se lembrava mais disso, mas outro dia o Silvio Henrique tocou no assunto quando conversávamos sobre os velhos tempos...

Não teve nada de bolinha, não pagamos nenhum mico, nunca mais eu ví a gorda (embora ela tenha escrito um monte de cartas, não sei quem deu meu endereço pra ela). E se o Zé Cupim aparecesse de novo com algum “ligante”, a gente desligava a tomada dele.

Ainda participamos de alguns outros festivais, dos últimos que houve na cidade, mas este capítulo está ficando muito grande e, antes que fique (mais)

†ÂNKYU!



**ARARAC
ALEGRE**

Camilo

Este trabalho não seria possível sem o

APOIO CULTURAL

DE



CDL

CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS
DE CARATINGA



O Baci do
Camilo



“(...) A Semana Caratinguense se dispõe a dar espaço para que estes novos valores penetrem na comunidade comunicando sua mensagem de mudança, de renovação, revitalização e transformação da sociedade, na busca de um mundo melhor e mais ameno, de um povo mais sincero e livre para manifestar seus sentimentos.”

Manifesto da editoria de Cultura, leia-se Marcos Pizano, na primeira edição de A Semana Caratinguense



O Bê do
Camilo

Página X

Como fundar um jornal

A Imprensa escrita de Caratinga conta hoje com vários veículos combativos, com pluralidade de pontos de vista e boa oferta de informação. Mas em 1984 a cidade só tinha **O Jornal de Caratinga** e o **Flagrante**.

Naquele ano, eu trabalhava no Diário do Rio Doce, de Governador Valadares, onde era chargista e designer gráfico (o termo ainda não existia. Na verdade, eu era arte-finalista no departamento de arte do jornal). Quase todo fim de semana estava em Caratinga, e começava a conviver com o cartunista Edra, que tinha acabado de voltar para a cidade de uma temporada de três anos em Brasília, onde tinha atuado com brilho na Imprensa da capital federal. E Tião de Lima, no jornal Flagrante, tinha acabado de iniciar sua primeira coluna social.

A cidade estava acostumada com aquele tipo de jornal, meio conservador, na verdade uma grande coluna social, e tribuna de reivindicações regionais. Mas eu e o Edra, sempre que nos encontrávamos, acabávamos falando que um dia iríamos fazer um jornal juntos, mas incorporando o que de mais moderno pudéssemos conseguir em termos de conteúdo, diagramação e impressão. Ficava só na conversa, pois eu não pretendia deixar o DRD e, além disso, quem tinha grana pra começar?

Mas um dia, no começo do ano, logo depois do carnaval, num domingo à tarde, batendo papo no bar do Zé Amorim (o saudoso pai do Edra), ele me abafou: falou que ia dar um jeito de começar o jornal, e se eu topava entrar com ele - a princípio, não precisaria sair de Valadares. Nesse dia, conversamos pra valer, não só nas conjecturas, mas determinados a dar os primeiros passos para fundar um novo jornal, focado mais em cultura e informação do que política e assuntos de interesse de grupos. Bom, foi mais ou menos isso. Ficamos de voltar a conversar no próximo fim de semana, quando eu voltasse à city.

Aí é que entra aquela frase que eu não sei se é mesmo do Caetano ou se ele leu ou ouviu e passou pra frente: “é incrível a força que as coisas parecem ter, quando elas tem de acontecer”. Neste mesmo Domingo, à noite, saí pra dar uma última volta na cidade como sempre fazia, e encontrei



com o Tião de Lima. Ele me chamou à casa dele, onde me esperavam sua irmã Maria Eliza e Wagner Affini, diretor de uma empresa de consórcio em Governador Valadares. Eles me propuseram o quê? Fundar um jornal! Falei com o Tião que eu e o Edra tínhamos acabado de fundar um “hoje à tarde”, e que seria muito legal se a gente juntasse todos num mesmo projeto. O Tião ficou de procurar o Edra e a gente conversaria na minha volta.

E foi o que aconteceu. Enquanto eu ficava em GV, eles foram preparando tudo aqui na cidade. A proposta era aquela, mesmo: um jornal antenado com o que estava acontecendo, naquele momento, na Imprensa nacional. Com páginas divididas em editorias: opinião, cultura, cidade, esportes, infantil, humor, política. A impressão seria em off-set, coisa que nenhum jornal tinha feito ainda em Caratinga - exceto a Jararaca Alegre, que foi verdadeiramente o primeiro jornal em off-set de Caratinga, se você topa considerar a J. A. que a gente fazia na época um jornal!! Assim, eu e o Edra poderíamos dar vazão à nossa arte sem a limitação dos clichês. O capital inicial foi providenciado pelo Wagner, que na verdade, junto à Eliza e ao Tião, eram os donos do jornal. Edra ficou na editoria geral e diagramação; o diretor de redação era Marcos Pizano, ex-colega meu que tinha acabado de ser demitido do DRD, e a quem eu indiquei ao pessoal para contratar, pois era um super profissional. Maria Eliza era a diretora.

A equipe se completou com o fotógrafo Nélio e o departamento comercial chefiado pelo Júlio, irmão do Tião. E eu, em Valadares, recebia os originais do jornal e cuidava da impressão, na gráfica do Diário do Rio Doce - mas só depois de acrescentar a minha coluna de humor.

Mas até chegar a este ponto, foram meses de preparativos. Toda semana eu me informava com o Tião e o Edra - pois, apesar de todas as pessoas envolvidas no projeto, ele não teria acontecido sem a formação do nosso trio. Fomos o motor que conduziu todo o processo. E este processo já estava “na bica” para se concluir, quando eu me encontrei com o Edra num sábado à noite, na boate, e lhe perguntei como estavam as coisas. Ele falou que estava “indo” e não entrou em detalhes, estava meio de fogo. Só que na segunda-feira seguinte, ao chegar na minha sala, no DRD, dei de cara com Edra, Tião e Wagner, prontos para encomendar a primeira edição do jornal



Depois de feitos os orçamentos na gráfica, definidos os prazos de entrega dos originais e tudo o mais, eu indiquei o Pizano, que estava fora do Diário há mais ou menos um mês, e eles imediatamente o levaram pra Caratinga. O lançamento do jornal ficou marcado para quinta, 15 de junho, à noite, chegando às bancas no dia 16 de junho, sábado.

Começamos a correr contra o tempo, pois mesmo com toda a antecedência, primeira edição de jornal sempre atrasa. O lançamento seria feito com um coquetel no América FC, na sexta, e na quarta anterior o Edra já estava em GV pra gente finalizar juntos a arte da primeira edição. Ralamos até sábado, ajudamos a encadernar o jornal pois estava atrasado, pusemos toda a edição no portamalas do passat do Wagner e rachamos pra Caratinga.

O coquetel estava marcado para as 19h, e nós conseguimos chegar com o jornal no salão do América exatamente às 20h. Ficou parecendo de propósito, pra dar clima... Já estava todo mundo tomando vinho e cerveja, ninguém reclamou do atraso. Na verdade, toda a sociedade estava lá representada, pois a expectativa criada foi grande. Até então, o Jornal de Caratinga reinava absoluto...

A edição ficou um brinco. Tive a honra de redigir o editorial daquela edição, que definia a linha do jornal já na primeira página: “Foi pensando nessa gente simples, mas não antiquada, que resolvemos lançar nosso jornal (...) buscamos no talento jovem de nossa terra a matéria prima para o nosso trabalho: jovens atuantes, por dentro do que está acontecendo, e com muita vontade de mostrar o que caratinga tem de melhor (...) nosso compromisso é com a verdade. Nosso intuito é bem servir à comunidade de Caratinga” e por aí vai.

A primeira página trazia também a charge do Edra, além das chamadas para as notícias e para as seções permanentes: entrevista (Flávio Breder, presidente do América FC), social (veja tudo sobre o Baile dos Casais na coluna Tião de Lima), colunas de opinião assinadas por Mirian Leitão e Eduardo Rezende; coluna de humor assinada por mim, sobre os 50 anos do Pato Donald: “Pato Donald, 50 anos, drogado e esquecido”; página



A edição trazia, também, a página infantil do Edra, “Pimpolho”, página policial e de esportes... tudo bem distribuído, bem redigido, com diagramação limpa, bem ilustrado. Pra dizer a verdade, o jornal ficou bem do jeito que a gente queria. Foi feito com muito carinho e prazer (com prazer é mais caro?).

Depois do lançamento, fomos pro restaurante Maximu’s comemorar, toda a equipe do jornal e alguns convidados. Ficamos até umas 5 da manhã, e às seis eu pegava o Riodoce pra ir pra Valadares, pois tinha que estar no jornal em que eu realmente trabalhava, o DRD, às 9 e à tarde tinha o lançamento do livro “Rex e seus amigos”, de Ana Paula Soares Fernandes, que eu tinha ilustrado a pedido do Ivanor Tassis, diretor do jornal.

Trabalhei até duas da tarde (no Sábado, fechávamos a edição mais cedo) e fui pra casa me preparar pro lançamento do livro às quatro. Tomei um banho, deitei um pouquinho pra descansar e o corpo cobrou o abuso... Dormi até 8 da noite e acordei desesperado. Na segunda-feira o Ivanor estava querendo saber porque eu não tinha ido ao lançamento... não que eu fizesse falta, mas era bom o ilustrador do livro estar presente...

Mas valeu demais, aconteceram muitas coisas depois, o jornal mudou de dono várias vezes (na primeira mudança, foi adquirido pelo prof. Cláudio Leitão, que me trouxe definitivamente para Caratinga), e hoje é dirigido pelo Carlos Carraro. Não é mais aquele jornal que a gente fazia, mudou tudo, mas é A Semana. Foi a partir dali que o jornalismo da cidade deu um up-grade, o Jornal de Caratinga passou para off-set, Caratinga ganhou o seu Diário, tem o quinzenal Jornal da Esquina, onde Sylvio Abreu dá seus pitacos sobre tudo e todos; duas emissoras de TV, revistas...

Tenho muito orgulho de ter
no meu currículo a fundação
de um jornal que vai de vento
em popa até hoje, e mais
orgulho ainda de tê-lo feito
ao lado de dois dos maiores
talentos que Caratinga
produziu: Edra e
Tião de Lima.



Desenho de Edra



O Best do
Camilo

Dadá e Guta



Ronaldo Lopes dos Reis e Agenor Augusto,
mais conhecidos como Dadá e Guta,
os dois protagonistas do próximo capítulo, que
ainda conta com os coadjuvantes Tchela e Cabeto,
não cobraram cachê para participarem desta produção.
Nenhum animal foi ferido ou maltratado
durante a produção deste capítulo,
nem a cobra jararaca,
muito menos o mala que tirou
o Dadá do sério.
Bom - o mala, só um pouquinho.

A foto acima é da época da história
da Jararaca, ou seja, muuuuito tempo atrás

Dadá e Guta

“(...) O alvo vai ser cortar também o bebum, cara. Mas eu quero arrumar, primeiro, uma namorada legal. Já pensou, se fosse pra ficar com uma loira que nem aquela ali? Eu parava até de respirar! Se ela falasse, “não pode respirar não”, eu falava: então eu paro! Beber, aí é que eu parava mesmo. Ou então, beber socialmente, coisa que eu nunca fiz na vida...”

(Dadá, na véspera do carnaval 2005)

1. Guta e a Jararaca

Guta e nosso outro amigo Tchela (Marcelo Cimini) dividiam uma casa em Vitória, onde o Guta trabalhava no Banco de Crédito Real, junto ao Dadá. A casa ficava em longuinhos, num lugar legal, mas meio fora da cidade, e não tinha água; para tomar banho, tinham que ligar o poço artesiano pra bomba jogar água na caixa d’água. Vindo da praia, Dadá queria tomar um banhozinho e o Guta mostrou pra ele o lugar, no quintal, onde se ligava a bomba.

Quando chega lá, o Dadá dá de cara com uma cobra, exatamente uma jararaca, daquelas brabas pra caramba, violenta. “aí eu entrei em pânico”, lembra o nosso amigo Los Dádas, e volta correndo: “Guta, pelamordedeus, tem uma cobra ali, perto da bomba, me dá um pau que eu vou matar ela!”

- Queisso, rapaz, cê não vai matar a cobra, não! Por que você tá com raiva da cobra? Que que ela fez pra você? Aqui nós somos cheios de animais!

Na verdade, o Guta tinha dois animais de estimação. Um, era uma batata, uma batata-doce, se não me engano, que ele tinha num vasinho, e que ramificou pela casa toda, ele colocou um suporte e ela só ia crescendo, parece que ele colocava algum aditivo na água, e a batata virou uma verdadeira floresta. E tinha também um camaleão. O Guta gostava de ficar deitado na rede, no quintal, tocando sua craviola, e sempre que ele começava a tocar, o camaleão aparecia e vinha até onde ele estava. Era um lagarto todo colorido, e também mudava de cor, tinha dia que era vermelho

,



no outro, já era verde, “o bichinho era bunito demais”, segundo o Guta).

E de repente pintou a cobra, e ele, “não, cê não vai matar ela não, aqui é tudo meus amigos” e tal.

- Pô, Guta, cê é doido, cara, cê vai conviver com a cobra?

- Não - Então tá bom, eu vou pegar esta cobra e mandar ela pro instituto Butâtã - decidiu o Guta, acertadamente

Ele pegou uma caixa de sapato, fez uns furos nela, pegou a cobra, pôs na caixa de sapato e tampou. Só tampou, não amarrou. No outro dia, quando foi trabalhar, levou a caixa pro banco, e deixou numa mesa ao lado da dele, perto dos caixas. Chega um colega seu e pergunta o que tinha na caixa:

- Aí dentro tem uma cobra jararaca

- respondeu o Guta, e continuou fazendo seu trabalho, prestando atenção em outras coisas. O camarada, muito curioso, resolveu abrir a caixa e olhar o que tinha dentro...

De repente, o cara deu um urro dentro do banco, “nooossassenhora, uma cobra”, soltou a caixa pra cima e foi caixa pra um lado, tampa pro outro e a cobra pro chão, no meio de um monte de fios daquelas máquinas pré-informatização, calculadoras de todos os tamanhos e a cobra naquele mar de fios, e todo mundo gritando, funcionário gritando, cliente gritando, e o cara que tinha virado a caixa chega pro Guta “cê é doido, como é que você deixa uma cobra dentro de um banco”...

- Não, a cobra tava dentro da caixa, em cima da mesa, cê me perguntou o que tinha dentro e eu te falei, tem uma cobra jararaca! Não me perguntou mais nada, nem eu falei mais nada! Por que você foi mexer na caixa??

Com a maior dificuldade, no meio daquele monte de fio, aquele monte de coisa, ele falou que ia matar a cobra e o Guta “não, você não vai matar a cobra não” e aquela confusão, finalmente, com muita dificuldade, o Guta conseguiu pegar a cobra com um cabo de vassoura e colocar de novo dentro da caixa. Desta vez, lacrou a caixa pra não correr riscos. Chega o gerente e chama o nosso herói às falas, mas Guta permaneceu impávido:

- Ô, num tô fazendo nada de errado, só tô tentando salvar a vida dessa cobra! Eu vou levá-la pro Instituto Butâtã!



Ao saírem do banco, Guta e Dadá se dirigiram ao Centro Tecnológico da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), pra tentar encaminhar a cobra pro Butâtã. Chegando lá, procuraram o responsável pelo Cetec, mas ele não aceitou a cobra. “Não, eu não aceito essa cobra não, não quero nem saber de cobra, o lque eu vou fazer com cobra?” Pô, cê vai mandar ela pro Instituto Butâtã! E ficou aquele impasse, “não quero cobra aqui” e tal.

Pra acabar o impasse, o Guta resolveu ir pro aeroporto mandar ele mesmo a cobra pro Butâtã. Chegando lá, o cara “não, esse trabalho nós não fazemos não!!” - Mas nem se a gente pagar?? “Não, de jeito nenhum!” E ficaram os dois, lá, em plen o aeroporto de Vitória com a cobra na mão. Já estava de noite, e o Dadá ficando irritado:

- Pô, Guta, vamos matar essa cobra ou vamos largar essa disgramada onde você quiser, cara! Não tem outro jeito!

- Não, matar ela eu não vou não, vamoembora que lá em casa eu sei o que eu vou fazer com ela!

Pegaram o ônibus e toda hora neguinho perguntava que bicho tinha na caixa. “É uma cobra jararaca!” “Rá rá rá”, todo mundo achava que era piada.

Chegando em Manguinhos, o Tchela estava em casa e quando eles contaram a história ele não entendeu nada, só conseguiu ficar rindo, e perguntou:

- E aí, Guta, o que você vai fazer com a cobra?

Ele pegou a cobra, foi para o quintal, colocou-a no mesmo lugar em que tinha encontrado, perto de onde se ligava a bomba d’água, e disse:

- Vai com Deus, minha filha.



2. O cara que conseguiu tirar o Dadá do sério

Agora, o Dadá já estava morando em BH, numa pensão, junto com o Cabeto e o Juninho Guido, e trabalhando na São Geraldo. Toda sexta, eles saíam pros rocks (ainda não era balada). Nesse dia, foi com o Cabeto tocar bongô na casa do Charley, e tomáram “algumas enzimas e emáceas para poder chegar no clima”, segundo as palavras do próprio. Beberam e cantaram que foi uma beleza e tudo o mais, e chegou a madrugada. Foram pro ponto do ônibus em frente à Telemig, no centro de BH, e ficaram aguardando o dito cujo. Enquanto esperavam, ficaram conversando bobagens, que a grande virtude deles é conversar bobagem, e falavam e riam e morriam de rir.

Nisso, chega um cara meio esquisito e senta no chão do lado deles. Eles falando e rindo, falando e rindo e tal, e o cara não entendia nada; de repente ele vira pro Dadá e diz:

- Pô, cara, cê é um aluguel, cê conversa pra caramba, eu não entendo nada, cê tá alugando!

E ficou falando até o Dadá ficar puto e “sair” nele:

- Cê não entende nada porquê você é burro, e agora, tem um detalhe, já viu aquela música da Rita Lee, “deixa os incomodados que se incomodem?” Então, cê não tá gostando, racha fora, cara!

E ele:

- Ah, rapaz, quem é você pra me tirar daqui! - Bom, quando chegou nesse ponto, já tinha um bom tempo que rolava o bate boca, e a paciência do Dadá já tinha chegado no limite, que fora encurtado por causa das enzimas e emáceas. Ele se levantou e falou:

- Pra mim, é dois palitim pra te tirar daqui! Inclusive, leu já não aceito você aqui! Cê pode racha fora, ô babaca!

- Babaca é a sua mãe! - Respondeu o entrão.

- Não bota minha mãe no meio que eu boto no meio da sua! Vou te dar um porradão agora, daqueles caipira! - E já levantou dando uma



Só que o cara bateu e voltou pra cima do Dadá, só pra levar outro porradão e cair de novo no mesmo lugar. Os zome já foram saindo e guardando o infeliz, e foram guardar o Dadá também, e nem adiantou ele argumentar:

- Chefia, negócio seguinte, eu tô sentado aqui esperando meu ônibus, conversando com meu amigo aqui, vem esse cara, cê pode ver que ele é todo malandrão, tem roupa de malandro, cara de malandro, cabelo de malandro, não tem nada a vez comigo e vem me tirar! Dei nele um socão, que é exatamente o que o senhor faria!!

“Cê tá certo mas vai preso assim mesmo!” - falou o seu guarda. E já foi colocando o Dadá dentro da Elba. E o Cabeto lá, olhando tudo, pasmo, não falou nada, não entendeu nada, foi tudo muito rápido. Saíram pra delegacia, na Floresta, perto de onde estavam.

Dentro da viatura, o cara, que tinha começado toda a confusão, vira pro policial e pergunta se ele não tinha um cigarro pra lhe arrumar!

- Que cigarro, porra! Dentro do carro da polícia, cê tá querendo lfumar? Eu vou é te colocar no compartimento de trás, que é o de presidiário mesmo!

- Não, só tô querendo um cigarro! - Falou o cidadão, e virando pro Dadá: “cê num tem um cigarro aí não, bacana?”

- Que cigarro, rapaz! Deixa de ser inconveniente! Olha onde você me colocou, bicho! Tô quieto no meu canto lá, rindo, e olha o que você me arrumou!

E foi insistindo com o Dadá até chegarem à delegacia, oque foi rápido. Só que lá tava lemas, era uma sexta-feira, e o detetive de plantão mandou eles esperarem no saguão. O Disinfiliz vira pro detetive e pede:

- Cê num tem um cigarro aí não?

- Que cigarro, cara, vou te dar é um côro!!

E o Dadá lá, só olhando aquele negócio, que ele tinha cigarro. Depois de muita insistência, ele não agüentou mais e deu o cigarro pro cara,



- Mas não fala comigo não! Fuma aí e fica quieto!

Aí chega o Cabeto, que tinha ficado pra trás mas foi a pé. “E aí, Dadá, tranqüilo?”

- Tamo aqui aguardando o delegado, eu e esse louco que já pediu cigarro pra todo mundo, eu ainda tive que dar cigarro pra ele!

O Cabeto morreu de rir, porque o cara era engraçado, ele não era desse planeta. Finalmente foram chamados pelo delegado, que falou:

- Seguinte, vou soltar vocês, mas se eu ficar sabendo que vocês aprontaram alguma coisa aí na lrua, eu vou enjaular vocês dois e vou dar um côro nocês dois daqueles pra tirar mesmo a pele do caboclo! Vão embora, desaparece, num enche o saco, some da minha frente!!

Já eram umas 5 da manhã. Saíram andando, Dadá e Cabeto, e a criança saiu atrás deles. Foram se dirigindo para o mesmo ponto de ônibus e o cara, que ía atrás, pede:

- O Dadá, cê num tem mais um cigarrinho aí procê me arrumar não?

- PUTAQUIUPARIU! - O Dadá estourou. - Olhaí, Cabeto, cê aguenta um negócio desses! Olha que sujeito louco! Esse bicho quase me coloca dentro da cadeia, e eu vou ter que arrumar um cigarro pra um sujeito desses!

Mas deu o cigarro pra ele, e teve que emprestar o fósforo de novo. Ao que o cara pergunta, “rapaziada, cês moram aonde?”, o Dadá olhava pro Cabeto, não tinha lógica aquilo, “nós moramos no Nova Floresta”, respondeu, e o cara:

- Ah, cês tão brincando! Eu moro lá também! Em que rua?

E não deu outra: o cara morava na mesma rua deles.

- Não é possível! É muita infelicidade! Ô meu amigo, negócio seguinte, cê vai embora, vai cuidar da sua vida, nós vamos cuidar da nossa, tchau procê, cê já me encrencou demais, some da minha frente senão nós vamos acabar brigando, eles vão enjaular a gente, eu vou machucar você todo e jogar dentro de um buraco desses aí procê sumir da face da terra!!!

Nisso o Cabeto já não estava aguentando, segurava pra não mijar de rir, o Dadá vermelho igual um pimentão (mas pimentão não é verde? Então ele tava virando o Hulk!) e o cara na maior amizade como se se conhecessem



desde pequenininhos, nisso o ônibus chegou, o Dadá sentou numa janelinha, o Cabeto na outra e vem o cara e senta no mesmo banco ao lado do Dadá! Batendo altos papos! tipo, “uma hora dessas, aparece lá em casa pra gente fazer um churrasquinho, ouvir um som” etc etc; o Cabeto passando mal de rir dentro do ônibus, as outras pessoas, que já iam trabalhar, não entendendo nada, e aí entra o depoimento do Dadá:

“Eu já comecei a ficar amigo do cara, o bicho é louco de pedra, coitado, tem que internar num hospício! ele desceu no mesmo ponto que nós, foi com a gente até a porta da nossa casa, se despediu de nós, desejou bom dia, mostrou onde era a casa dele e falou que qualquer hora aparecia. Eu falei, não vem não, peloamordedeus, parece que é mentira, mas isso é verdade, viu, muito doido o cara!”

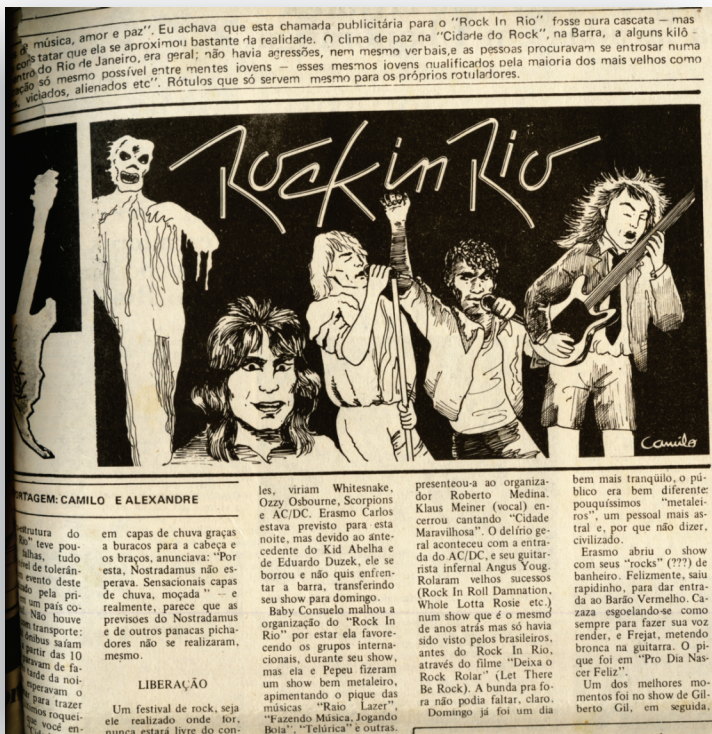
Este é o Dadá.

Eu e Guta
num Tiapo Tia Tiapo
antigo



O Dadá tinha ido ao banheiro...





"When you're down and trouble
And you need a helpin' hand
And nothing, nothing is going right
Close your eyes and think of me
And soon I will be there
Even in a darkest night
You'll just call on my name
And you know, wherever I am
I'll come running, to see you again
Winter, spring, summer or fall
All you got to do is call
And I'll be there... you've got a friend"

"You've got a friend", de Carole King, cantada por James Taylor no Rock In Rio



Rock In Rio

No fim de 84, preparava o lançamento do meu primeiro livro de verdade, uma vez que o anterior, “Almanaque do Camilo”, lançado em Montes Claros em 83, tinha sido mais uma revista. Tínhamos feito uma festa, a “Noite da Cobra”, para a qual o presidente Lúcio Tomé me cedeu o Clube Caratinga, “de grátis”, e a equipe de som Temporal também tocou na base do 0-800: tudo porque a renda era pra bancar a gráfica do meu livro.

O conteúdo do livro era a campanha das “Diretas Já” e a eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, que ainda ia acontecer. O livro estava sendo produzido em tempo real: eu publicava charges no **Diário do Rio Doce** e crônicas em **A Semana**, sempre enfocando a luta que se travava pela volta da democracia. Nunca peguei em armas contra os militares, mas militei através do meu trabalho como chargista e jornalista, não sei se isso vale alguma coisa para os que se dizem os “verdadeiros, legítimos e únicos” combatentes da ditadura... Bem, a verdade é que a eleição de Tancredo eram favas contadas, e eu queria lançar o livro assim que ela acontecesse.

1984 tinha sido um ano movimentado na minha vida. No começo do ano, perdi meu pai num acidente de carro. No meio do ano, Edra, Tião de Lima e eu, encabeçamos a fundação do jornal A Semana Caratinguense, junto a Maria Elisa de Lima Caetano, Wagner Affini, Marcos Pizano e uma turma boa. E no fim do ano, morre nosso grande amigo Ronaldinho Calazans, inspiração das melhores noites musicais que a cidade já teve e que se foi antes que este privilégio - o de participar de suas rodas de violão - fosse estendido ao grande público, como ele merecia... acabou ficando só pra nós.

Enquanto isso, o Brasil estava “bombando” com a promoção do I Rock In Rio, trazendo os maiores nomes do show bizz nacional e internacional para 10 dias fantásticos no Rio de Janeiro.

E não deu outra: Tancredo foi eleito em 15 de janeiro de 1985, bem no meio do Rock In Rio, que tinha começado dias antes. Eu acompanhava tudo em Valadares, onde morava (era chargista e trabalhava no departamento de arte do Diário do Rio Doce, na pensão da Dona Jandira, junto ao Arthur Coelho, Rogerim de Manhumirim e Rodrigo Cabeção, dono



do Som Temporal. A Rede Globo transmitia na íntegra, a noite inteira, depois do Jornal da Globo, e a gente ficava vendo, babando, desejando estar lá. Eu não tinha cogitado de ir: era o primeiro evento dessa natureza no Brasil, e ninguém sabia o que poderia acontecer, por exemplo, quanto a violência e coisas assim. Só que não estava tendo nada disso. Toda noite eram feitas entrevistas entre o público e só se via paz e curtição. Foi quando eu ví, no jornal Hoje, uma velhinha sendo entrevistada junto à sua netinha, em pleno Rock In Rio!

- Eu aqui, com medo de ir, e a vovozinha levando a netinha! -
Comentei com a Dona Jandira.

- Pois eu, no seu lugar, já tinha ido há muito tempo - ela respondeu, do alto dos seus sessenta e tantos anos.

Quando voltei para o jornal, depois do almoço, fui direto ao departamento pessoal de falei pro Celso Pena, que era o chefia, e perguntei se ele me liberava pra ir, afinal eu tinha férias vencidas. Fiz uma proposta indecente: ele me dava uma semana e mais uma ajuda de custo para as passagens, e eu trazia uma matéria especial para o suplemento dominical do jornal, o “Agenda”, no qual eu publicava tirinhas e uma coluna esporádica de música (rock, se é que me entende).

E ele topou! Isso era uma quinta feira. Tancredo tinha sido eleito na quarta, e na Cidade do Rock tinha acontecido a maior comemoração. O Rock In Rio ia até Domingo. Na mesma hora, liguei pro Alexandre Camaleão. Qual foi sua resposta, antes de eu fazer a pergunta?

- Pô, cara, já ia ligar pra você!

Ele também tinha visto a entrevista. No outro dia cedinho eu já estava em Caratinga. tinha recebido a grana das férias e uma ajuda de custo, mas por via das dúvidas fui na Casa Santa Maria e pedi pro Mário César pagar adiantado o patrocínio do meu livro, que ele tinha autorizado, o que ele fez na hora. Ou seja, a verba já estava garantida.

Encontrei com o Alexandre no Bar do Quinzinho, tomamos uma



E agora? Bom, nessas horas você tem que improvisar. Conseguimos passagem no ônibus das 21 para Juiz de Fora. Lá, a gente resolveria o que fazer... Da rodoviária, fomos para a Casa Cruzeiro, uma loja de caça e pesca em frente à rodoviária velha, para comprar um cantil, que em seguida enchemos de cachaça do Quinzinho.

O chato é que na sexta tinha show do Queen. Mas na sexta, 9 danoite em ponto, estávamos na rodoviária, com o mínimo possível de bagagem e um cantil cheio. Nossos lugares eram no fim do ônibus. Nos dois lugares ao lado, estavam dois carinhas de Ipanema (a de Minas, não a praia). Eles também estavam tentando ir pro Rock In Rio, e tiveram a mesma idéia de ir pra JF. E eles também estavam com um cantil cheio de pinga...de Ipanema. Além disso, tinham um queijo e um violão.

Fomos daqui a Juiz de Fora tomando duas pingas diferentes, comendo queijo e tocando violão. O cara do violão tinha uma voz igual à do Belchior: “estava mais angustiããdo”...

Chegando a JF, só tinha passagem pro Rio sei lá que horas, e já era Sábado, só tínhamos dois dias de resto de Rock In Rio. Alguém sugeriu que fôssemos para Três Rios, que tinha ônibus e passagem disponível naquela hora. E lá fomos nós na nossa busca incessante por uma boa guitarra distorcida.

Chegando a Três Rios, corremos pro guichê da linha para o Rio. Não foi armação, mas eu e o Camaleão chegamos na frente. E pegamos as duas últimas passagens para o RJ. Os dois carinhas ficaram lá, esperando o outro, sei lá que horas, e nós fomos embora. Nunca mais vimos os caras, mas eles devem ter conseguido assistir ao show.

Só sei que antes das 11 da manhã de Sábado nós estávamos tomando café na casa da tia do Alexandre, em Copacabana. E antes da uma, estávamos entrando na Cidade do Rock.

Neste Sábado, o programa era o seguinte: Erasmo Carlos, Pepeu e Baby Consuelo, Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC. Só que o Erasmo Carlos não teve coragem e adiou o show pro dia seguinte. Também, é sacanagem colocar o Tremendão pra abrir show em noite metal!.



Na sua apresentação anterior, numa noite com as mesmas bandas e mais o Iron Maiden, ele chegou com uma roupa de couro preta cheia de tachas, com a maior cara de mau, e começou a cantar “mulheer mulheer...do barro em que você foi geradaaa”... e a moçada, que estava no meio da maior lama, numa chuva danada, começou a jogar barro e outras coisas nele!!!

Na hora em que a gente chegou, estavam montando o palco do AC/DC, com o sino e os canhões. E um cara estava passando o som na bateria. No chão, um monte de gente de preto sentado, já guardando lugar. Me lembro de uma menina com um boné de chifres igual ao do Angus Young. Eu e o Alexandre nos sentamos encostados ao palco e começamos a nos preparar pra noite.

Durante todo o dia, era aquela maratona: rapidinho já nos entrosamos com a galera das vizinhanças, dividimos a pinga, que fez o maior sucesso, principalmente com uns gringos que não saíam da nossa cola, toda hora querendo outra “boleta” (gole, na língua deles); pintaram umas meninas invisíveis, que apareciam e desapareciam de repente. Passou um cara rolando o outro igual pneu. E toda hora se via lum caraense: Serginho Gogó, Carlos Eugênio “Burro”, Zé Geraldo Graciano, até o Tchuchu, irmão do Baby, surgiu não sei de onde com lumas três meninas...

Pra quem queria, tinha McDonalds, e um cinema passava videocliques o dia inteiro. A brahma estava lançando a Malt 90, que patrocinou o festival com exclusividade, e nós entramos dentro. Quando os shows começaram, a gente já estava pedindo arreglo.

E lá vem bala. Pepeu Gomes ainda é um dos maiores guitarristas do Brasil, mas na época era o maior. Detonou geral. Em seguida, o Whitesnake, com os remanescentes do Deep Purple, David Coverdale e John Lord, estraçalharam, lançando o disco “Spin it up”, e todo mundo sabia “Love ain’t no stranger” na ponta da língua.

Em seguida, entra Ozzy Osbourne.

O comedor de morcegos estava lançando “Bark at the moon”. E tocou vários clássicos do Black Sabbath: Iron Man, Paranoid, Changes. É muito pra cabeça, me acorda que eu tô sonhando. Ou melhor, estou no meio de um pesadelo fantástico!



Os intervalos entre um show e outro eram pequenos, era só dar uma mijadinha e fazer uma boquinha, pegar um copão de cerveja e voltar, e já estava começando outro. Agora entraram os Scorpions, a quem o Rio tinha homenageado com um monte de out-doors dizendo “Rio still love you”. Eles estavam endiabrados, mesmo as pessoas já estarem pregadas, não paravam de pular ao som da guitarra de Mathias Jabbs, que reproduzia a guitarra em forma de América do Sul do logotipo do Rock In Rio. Depois do show, ele a apresentou a Roberto Medina, empresário que teve peito para colocar o Brasil no roteiro dos shows internacionais.

E quando eu já estava pensando em ir pra enfermaria pegar um tubo de soro e aplicar na veia, entra o AC/DC pra relaxar os nervos. O disco da vez era “Jailbreack ‘74”, que eu tinha comprado e decorado antes de viajar (os preparativos para o show do AC/DC incluíram também assistir ao filme “Let There be Rock”, que o Cine Chisté, de Valadares, tirou não sei de onde uma semana antes do Rock In Rio). Se você não sabe o que é AC/DC, não adianta eu ficar falando muito. E se sabe, então não precisa.

Saímos da Cidade do Rock em frangalhos

, e ao chegar lá fora, nos deparamos com quinhentos ônibus. Já dormindo em pé, perguntei ao Camaleão qual era o nosso. Ele, também dormindo, apontou pra um ônibus qualquer e falou “é aquele”.

Entramos no ônibus e fomos embora. As pessoas iam descendo e a gente não chegava nunca a Copacabana. Quando já estávamos sozinhos no ônibus há uma eternidade, perguntei pro trocador sonolento que hora íamos chegar a Copacabana, ao que ele respondeu que a cada minuto que passava estávamos mais longe de lá. Íamos pra Baixada Fluminense.

- Ah, então vamos descer! - Falou o Camaleão.

Descemos do ônibus, umas 3 da manhã, no meio de lugar nenhum, e esse lugar nenhum se chamava Baixada Fluminense.

Não tínhamos energia nem pra realizar que tínhamos feito uma bobagem. Antes que começássemos a reparar na cagada cometida, passou



ido levar alguém que estava no Rock In Rio. Nos deixou na porta da casa da tia do Alexandre, sãos e salvos. Ficou uma fortuna, mas as pregas estavam intactas.

Acordamos de tarde com o Dico, primo do Baby, nos chamando pra pegar uma praia, e lá fomos nós curar a ressaca pra voltar pra cidade do rock. O último dia da festa ia ser comandado pelo Yes, Barão Vermelho e Gilberto Gil, que era o que a gente queria ver, além de Blitz, B-52 e uma tal de Go-Go's.

Na praia, tomando uma água de côco, fomos surpreendidos pelos próprios barões vermelhos! Não os caras da banda, mas os verdadeiros barões vermelhos: três senhores gringos branquelos e consequentemente vermelhassos pelo sol do Rio, cujas faces rosadas eram idênticas à nota de mil que a gente usava na época, quando mil cruzeiros correspondiam a um barão. Foi o Dico que deu o alarme:

-Olha lá os Barões Vermelhos!

Mas o alarme foi válido, pois esquecemos da hora. Passamos em casa, enchemos o cantil com um Ballantine's surrupiado do barzinho e voamos pra cidade do rock e ainda pegamos o Cazuza cantando as últimas músicas. A gente acabou fazendo uma ponta naquele filme "Cazuza", pois ele passa cenas reais do Rock In Rio, se você der um zoom na imagem, vai nos ver pulando no meio do povo. Alugue a fita ou DVD procê ver. Enquanto isso, eu estava detonando o tênis do primo do Camaleão que eu tinha pego emprestado (o meu, eu tinha detonado na véspera). O tênis All-Star importado dele, novinho, deve ter barro do Rock In Rio até hoje.

Depois da noite anterior, bombardeada pelo heavy metal, foi bom demais encerrar a festa assistindo a um show do Yes. Na época, eles misturavam o seu rock progressivo tradicional com umas inovações trazidas pelo novo guitarrista, Trevor Rabin, como "Owner of a lonely heart"...

Ainda ficamos uns dois dias no Rio sarando, e voltamos pra Caratinguinha. A grana que sobrou deu pra pagar um taxi da rodoviária até o bar do Quinzinho. The end...



Pouco mais de um mês depois, estava lançando meu livro no Esporte Clube Caratinga, com uma big festa que reuniu umas trezentas pessoas, com vinho e petiscos da Adega Cogumelo Amarelo. Foi um evento cultural que teve capoeira (a turma da academia do Borracha), música (Cabeto, Kelly Tomaz e Luiz Cláudio, quando formavam a banda Eclipse), poesia (Juarez Gomes de Sá) e o som Temporal fazendo a trilha sonora. Foram vendidos mais de cem exemplares naquela noite. Estava todo mundo lá. Inclusive uma menina que eu tinha certeza que estava dando bola pra mim, chamada Felícia.

Pedí demissão do Diário do Rio Doce e voltei definitivamente pra Caratinga: ao assumir a editoria de A Semana, cometi um crime de assédio sexual com a menina que vendia assinaturas do jornal. Era a Felícia, e ela está do meu lado até hoje, junto aos nossos filhos Felipe e Juliana. De lá pra cá, tive uma tremenda dificuldade para sair da adolescência. Afinal, ela é tão boa, por que é que a gente tem de crescer? Mas Felícia me ajudou, e hoje a gente é muito feliz. Depois dos 30 anos da Jararaca Alegre, vamos comemorar nossos 20 anos de casamento...

Isto ainda existe?...



Lançamento do livro “Uai?!...Alguma coisa está errada”, com charges e crônicas. E. C. Caratinga, 10 de fevereiro de 1985

Estas foram algumas memórias,
reminiscências e vagas lembranças de um
velho dinossauro que, pra dizer a verdade,
não se lembra muito bem das coisas.

Espero não ter ferido a
sensibilidade de ninguém, nunca tive
esta intenção...

Depois desta farra toda, passei
um tempo num local muito
próximo do inferno,
mas consegui voltar pra casa
quando busquei forças na
fonte certa, que é Deus.

Não sei como você O concebe, eu
mesmo tenho uma forma particular que pode
não bater com a sua. Mas Ele
estava lá quando eu chamei, e agora,
vamos escrever o futuro com
uma nova tinta.

Camilo
maio de 2005

Encerrando este trabalho ao som de U2 ("How to dismantle..."), Rolling Stones (Get
yer ya-ya's out") e David Bowie (Ziggy Stardust). Se aceita a sugestão...



Posfácio

TRINTA ANOS DE CURTIÇÃO

Por Sylvio Abreu (*)

Como vocês leram, eis um livro com bastante humor, mas que pode ser levado a sério, esse Relicário, do humorista Camilo Lucas, parte das comemorações dos 30 anos da revista “Jararaca Alegre”.

Ele nos dá a chance de uma comparação entre a sua e qualquer turma consciente politicamente ou, como se dizia, politizada.

Numa época em que alguns, influenciados por outro meio, lutavam contra a ditadura militar, protestando, lendo, se guiando pela chamada Imprensa Alternativa e ajudando, no que fosse possível, em favor do esclarecimento ou da luta armada para derrubar os impostores, conforme a consciência política, indignação ou coragem de cada um, havia os não alinhados, os que não tiveram a chance ou o hábito de ler, a terceira margem, os chamados desbundados.

A turma do Camilim (para a qual ele entrou como uma espécie de mascote, pois era o mais novo) vivia em função do prazer pessoal. Eram o rock'n'roll, a bebida, eram as drogas e, por que não?, uma pitadinha de sexo.

Num tempo em que o bicho pegava para os politicamente engajados, eles viviam tranqüilos nessa Macondo que é Caratinga, então na rabeira da fila da luta contra a ditadura. E os que resolveram (uns poucos) assumir essa luta, pegavam leve e, os que corriam algum risco, por equívoco das autoridades, tinham quem os defendesse da cadeia e da Justiça.

Esse guarda da esquina que, nas ditaduras, o Pedro Aleixo tanto temia, não agia, aqui, contra filhos-de-papais.

Deveríamos culpá-los por alguma coisa? No máximo, por transgredirem os costumes, consumirem drogas não permitidas e permitidas (o álcool e o cigarro), se tornarem o terror daqueles pais conservadores que queriam as filhas se casando virgens.

Mas devemos agradecê-los, os que foram influenciados por eles, pela escolha do repertório: em suas noites de música e prazer não entrava Jovem Guarda, por exemplo.



Como não entrariam os Zé de Camargo, os Leonaredo, os Xororós da vida. Mas sim Beatles, Rolling Stones, o melhor da MPB, os suicidas Joplin e Hendrix, essas coisas.

Camilo entrou pela porta da frente da turma graças a sua função de destaque. Era o artista gráfico, fazedor dos cartazes, das faixas, das propagandas, dos letreiros. E, quando muito nervoso, gaguejava seu espírito de liderança. E seu “Jararaca Alegre”, mimeografado (movido a álcool, como a turma), censurado por Frei Carlos (a quem passei a admirar bem menos assim que soube disso), foi um fator de homogeneização desse pessoal. Tanto que todos os que seguiram o caminho do bem nesta sociedade podre e falida (quer dizer, se casaram, tiveram filhos, seguiram carreira até onde Caratinga permite), há pouco tempo torciam pela “regeneração” do Camilim (que tinha levado esse negócio de beber tão longe que não escolhia nem onde cair), hoje se freqüentam e falam mais ou menos a mesma língua. E, mais sossegados, dizem, sobre ele, o verso de Adelino Moreira, só que invertido: ele voltou.

O livro Relicário é, sem dúvida, excelente documento para a posteridade (afinal, já lá se vão 30 anos) de uma sociedade pouco desenvolvida em termos concorrenciais (eles enfrentaram muita pedreira por incomodarem os que queriam ser donos da noite do Clube Cento e Vinte, de alguma boate e das festinhas e jogavam sujo para derrubá-los, se aproveitando de seu comportamento) e em que minguam registros sobre os próprios passos. Tanto que não temos nada escrito, nenhum testemunho das atrocidades que, aqui, foram cometidas nos últimos 50 anos. Às claras ou clandestinamente.

Que o Camilim, hoje se recompondo, não deixe de continuar lutando por seus ideais e, o que é mais importante, não perca a memória.



“Num tempo em que o bicho pegava para os politicamente engajados, eles viviam tranquilos nessa Macondo que é Caratinga, então na rabeira da fila da luta contra a ditadura”

(*) Sylvio Abreu é escritor, humorista, jornalista e amigo do Camilim



O Best do
Camilim



AGRADECIMENTOS

Este é um livro que fala de amizade, aquela amizade antiga, sincera e que resiste ao tempo e à distância. Nele, eu falo de amigos e lembranças que podem nem ser tão interessantes a ponto de merecerem a publicação de um livro, mas eu sou escritor, é isso o que eu faço, então táí.

Para realizar este trabalho, contei com a ajuda de muitos amigos, não só os que patrocinaram, mas também os que me deram gás pra por pra fora estas lembranças, e estes amigos são muitos. Com certeza, redigir este agradecimento está sendo um ato temerário, pois quando já estiver pronto o livro eu vou lembrar de um monte de gente que não me vem à mente agora. Por isso, peço desculpas antecipadamente.

Gostaria de agradecer a todos, aos que eu não lembrar e aos que estou lembrando agora: Catitú, Otávio, Quiquina e toda a turma do Bar da Quiquina (BH). Brígida, Thaís, Detinha, Selma, Rosângela, Regina, Fabíola e todas as meninas superpoderosas. Nivaldo e Urlênise. Renato, Alex, Kiko e todo o pessoal da Qualygraf (Caratinga). Cristiano, Kelly e pessoal da Terra Editora Gráfica (BH). Guilherme, Nina e Dayse, nossa equipe de investigação em Montes Claros, e sr. Américo Martins, meu protetor em Moc. Similar a ele, Ivanor Tassis, meu protetor em GV. Trajano, Renato, Adilson e pessoal da FMV, meu QG em BH, assim como os dois Juninhos: Assis e Guido, mais as esposas Lila e Ofélia, pela guarita na capital.

Um agradecimento especial à melhor banda que não existe do mundo: The Bitoustones, sempre presente nas festas da J.A. Thank You Cabeto, Almério, Serjão, Boca, Boquinha, Reginaldo e Leleco, que será expulso em breve. Obrigado também ao pessoal da Fireball e Poizé, em especial ao Luís Cláudio véi de guerra.

O embrião deste livro foi escrito num notebook pré-histórico cedido pelo meu irmão Elmane Jr., durante temporada na Comunidade Nova Aliança, em Anápolis. Agradeço ao Elmane por ter me obrigado a escrever e ao pessoal da Comunidade por me aturar tanto tempo por lá...

E o "finalmente" deste livro foi escrito e editorado em um computador pós-moderno doado pelo sr. Wantuil Teixeira de Paula, a quem agradeço muito pela ferramenta que me ajudou a entrar no século 21...

O projeto dos 30 anos da Jararaca Alegre só poderá ser concretizado graças ao apoio de



várias empresas e pessoas que conhecem e acreditam em meu trabalho. Todos são citados entre os capítulos deste livro, e aqui fica o meu agradecimento e minha vontade de retribuir de todas as formas pelo apoio recebido.

Também é necessário, para o bom termo deste projeto, o apoio de toda a Imprensa de Caratinga: Grupo Sistec (O Jornal de Caratinga, Líder FM, Cidade FM, Rádio Caratinga AM, TV Sistec), A Semana, Diário de Caratinga, Super Canal, Jornal da Esquina, Revista Night, Insider, Revista Itaúna, sites E-Gloo, Caratinga.Com, e toda a turma que pega pesado pra informar, divertir e, por que não?, botar lenha na fogueira.

Meu agradecimento também ao amigo Aluísio Motta Palhares, irmão de infância e adolescência, e que me ajudou a, finalmente, atingir a maturidade. (Será que atingi mesmo?...)

Enorme agradecimento à minha mãe, Dorinha, e meus irmãos Doryane, Elmane, Fernando, Joyce e Viviane, em nome de toda a minha família. Falo muito de meus amigos neste livro, mas livre a cara da minha família... brincadeirinha!

A minha esposa Felícia e meus filhos Felipe e Juliana, em quem eu encontro a Deus, obrigado por estarmos juntos e felizes.

Camilo

Camilo Antonio Lucas Silva

“Compreendi, então, que a vida não é uma sonata que, para realizar a sua beleza, tem que ser tocada até o fim. Dei-me conta, ao contrário, de que a vida é um álbum de minissونات. Cada momento de beleza vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa, que está destinada à eternidade.

Um único momento de amor e beleza justifica a vida inteira”

- Rubem Alves

www.rubemalves.com.br

“É melhor atirar-se à luta em busca de dias melhores, mesmo correndo risco de perder tudo, do que permanecer estático como os pobres de espírito que não lutam, mas também não vencem; que não conhecem a dor da derrota, mas não tem a glória de ressurgir dos escombros. Esses pobres de espírito, ao final da jornada na Terra, não agradecem a Deus por terem vivido, mas desculpam-se ante Ele por terem simplesmente passado pela vida”

- Bob Marley

(Citado por Aderbal, o Normal)

Obrigado,
Mãe Admirável!

“That’s all, folks!”



O Best do
Camilo

Página 140